U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Paisagem (d)e periferias. Território (d)e arquitecturas.

João Pedro Leal Guerra

M

2022

Prova pública de defesa da Dissertação
8 de Novembro | 16h30 | Auditório Fernando Távora

Júri
Presidente: Prof. Doutor José Maria da Silva Lopes
Arguente: Doutora Ana Luísa da Silva Fernandes
Orientador: Prof. Doutor Manuel Augusto Soares Mendes

O júri atribuiu a classificação final de 19 (dezanove) valores.

Paisagem (d)e periferias. Território (d)e arquitecturas.

(linhas-percursos de representação/captura de uma paisagem e arquitectura)

João Pedro Leal Guerra

orientação
Professor Doutor Manuel Augusto Soares Mendes

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto,
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura.

Porto, 2022

Nota prévia.

A presente dissertação não segue o novo acordo ortográfico. As citações em língua estrangeira ou em português do Brasil foram sujeitas a uma tradução livre, sendo possível encontrar presente a versão original nas notas de rodapé associadas. As fotografias ilustrativas do trabalho são na sua generalidade captadas pelo o autor em viagem pelo território durante as peripécias de uma pandemia global, essencialmente compreendidas entre Março de 2020 a Maio de 2022. Nas laterais do corpo de texto, separadas da leitura linear, encontram-se interjeições, perguntas, citações, letras e outras frases provenientes de um processo de escrita, através das quais se foi suscitando a discussão dos temas em mão.

A todos aqueles que pela paciência e ajuda
me suportaram.

resumo

Na presente dissertação expressa-se a vontade de definir um andaime, um conjunto de estruturas através das quais associar as novas realidades observadas no território sobrepostas às antigas. De clarificar esse "rural" mitológico, ancião, ancestral, parte de um fio contínuo do homem moderno ao homem primitivo. Além da escrita e da folha, no terreno observava-se algo que "não era rural", que "não era ancião", que não realizava essa conexão essencial entre o homem e o espaço. A sua arquitectura, profundamente perturbada não se demonstrava dentro "dos cânones" de um estudante de arquitectura. A arquitectura e o território demonstravam um "vácuo", distinto e oposto dos confortos dos "homens situados", de lugares. Aqui demonstrava-se um espaço "entre-mundos", no limiar, em limbo.

De modo a aproximar-me do território, demonstrou-se necessário o caracterizar de um conjunto de relações "homem-paisagem". Da percepção que o homem cria sobre o natural, organizando-o desde os tempos imemoriais da pré-história; de os homens nómadas, caçadores-colectores, que se organizam no espaço em referência ao catálogo de formas dispostas na paisagem natural.

Além de encontrar as definições de um "proto-espaço", "proto-território", propõem-se ao longo do trabalho a leitura do espaço actual, em referência às leituras primitivas desse homem. Expor essa continuidade de leitura como algo tangível, que superava as mudanças introduzidas pelos novos modos de viver. Perante a desconexão da "paisagem", da "arquitectura" e do "homem", recorro ao método de leitura como elemento transversal de conexão além tempo; estrutura de viagem, coreografia ordenada no território.

A definição do espaço faz-se ao de leve pelas linhas de percurso passadas e presentes: dos arquitectos, dos antropólogos, dos engenheiros àqueles homens situados, que "cantando" concretizavam as "personagens" de uma narrativa de espaço; ao meu próprio trilho, através do qual se define uma mesa de trabalho, espaço de dissertação.

abstract

This dissertation expresses the desire to build a scaffolding, a set of structures through which I associate the new observed realities on the territory superimposed on the old. In wishes to clarify this mythological ancient and ancestral “rural” space, part of a continuous thread from the modern man to the primitive. Beyond pen and paper I observe on site something that didn’t conform, that “wasn’t rural”, “wasn’t ancient”, that didn’t make this essential connection between man and space. His deeply disturbed architecture did not show itself within “the canons” predicted by an architecture student. Within the architecture and the territory there was a “vacuum”, distinct and opposed to the comforts of the “located men”, those whom belonged to “places”. Here in limbo we observe a space “between-worlds” on the threshold of the known.

In order to approach the territory, it was necessary to characterize a set of “man-landscape” relationships. Starting from the perception of man towards the natural, which he organized since the immemorial times of prehistory; of the nomadic men, hunter-gatherers, who organized themselves in reference to the catalogue of forms arranged in the natural landscape.

Beyond finding the definitions of a “proto-space”, “proto-territory”, I throughout the work propose the reading of the current space referencing to these primitive readings. Wishing to expose this “reading” continuity as something tangible, which overcomes the changes introduced by the new ways of living. Faced with the disconnection between “landscape”, “architecture” and “man”, I resort to the observation method as a connection beyond time; a traveller’s structure, orderly choreographed in the territory.

The space is defined lightly by the past and present routes: from architects, anthropologists, engineers to those “located men” who through “singing” define the “characters” within a space narrative; to my own trail through which I create a platform, a case-study.

agradecimentos
resumo / abstract

introdução. 10

i. mundos paralelos

organização do espaço 16
hierarquia de mundos
tornar explícito
"marcos-arquitectónicos"

mundo-rural 26
o homem rural
a arquitectura popular
portugal dividido
a arquitectura "popular do inquérito"
"contaminantes"

ii. viagem; "caminhar-sobre"

"perdido" 42
desenhar a mesa de trabalho;
semear o percurso
a fotografia
novos objectos

implantação 50
a definição do espaço natural em quatro linhas
"sítio"
nova função
a nova dinâmica do espaço;
a mobilidade
eixos urbanos
tipos de via; relação com o edificado

iii. a nova habitação

primeiro factor: o desaparecimento da "cultura-material-local" 76
exploração: materiais construtivos 01(vernáculas)
exploração: materiais construtivos 02(híbridas)
exploração: materiais construtivos 03(industriais)

segundo factor: a desassociação da "forma-função-lugar" 90
exploração: "forma-função-lugar" 01(reabilitações)
exploração: "forma-função-lugar" 02(cenográficas)
exploração: "forma-função-lugar" 03("villa")

iv. um ponto de partida; considerações finais

fragmentação do "espaço rural" 106
"marco-arquitectónico-lúdico" 108
o "escavar" 110

índice remissivo
índice de figuras
referências bibliográficas

introdução.

Enquanto estudante de arquitectura e habitante tornou-se clara a necessidade de esclarecer esse novo território que abrange os limites das grandes urbanizações, mas que e apesar de evitar a classificação de "urbano", surge num espaço cada vez mais desconectado das suas características "rurais". Um espaço desconectado do seu nome, no qual e cada vez mais, se observa o nascer de novas formas construídas, uma "nova arquitectura". Propunha-se, portanto, o definir de uma nova estratégia de observação de "paisagem" e "arquitectura", através da qual seria possível estabelecer conexões dos primórdios do tempo, ao "mundo-rural", ao território actual. Clarificando no processo, o papel que a "arquitectura popular" desempenhava em relação com o seu envolvente, seja como objecto concretizado a partir de..., seja como componente essencial na sua definição. Recorria-se à casa, à habitação como concretizações físicas e concretas de um novo território, e de uma nova visão do "homem".

Colocado o problema, tornou-se clara a necessidade de envolver duas vertentes distintas no trabalho: a componente teórica, que informaria essa nova visão a criar, que daria corpo a uma imagem passada de um "mundo-rural", do seu homem e das tentativas de se definir as relações "território-arquitectura" passadas; e a componente prática, aqui desenvolvida através de um concretizar dessa nova visão, um conjunto de percursos no território, que informam e se desenvolvem pelo decorrer deste trabalho de dissertação.

A estrutura quadripartida representa portanto este processo: *mundos paralelos* (Definição de uma estratégia de "ver"); *viagem, "caminhar-sobre"* (Concretização sobre o território); *nova habitação* (Observação sobre a arquitectura) e *um ponto de partida* (Considerações finais).

Será, portanto, através do primeiro capítulo que se começa a desenvolver um conjunto de estratégias moduladoras do território, fundadas em constantes universais à existência do homem na paisagem. A viagem, e por isso o percurso, apresenta-se como o primeiro momento de contacto entre o homem e a "paisagem--natural", a partir do qual se irá delimitar o reconhecimento de um território, agora explorado. Seguidamente, será na concretização desses limites e na passagem do

território como “espaço percorrido” a “espaço vivido” que se observam os primeiros “marcos-arquitectónicos” da humanidade; isto é elementos físicos e concretos, construídos pelo homem, de valor simbólico e organizacional. Aqui clarifica-se a diferença entre “território” (de limites não concretos), “sítio” (de limites concretos) e “lugar” (“sítio” transformado pelos elementos simbólicos).

O “mundo-rural” apresenta-se portanto como “lugar”, como um conjunto de leituras e imagens diversas sobre um espaço concreto, que ao conferir-lhe o nome de “rural” se transforma. Definido por um conjunto de funções, actividades e quotidianos específicos, este caracterizava o homem e a sua arquitectura através de uma relação explícita com a paisagem natural. Inserindo-se na leitura anterior. Verdadeiramente e de certo modo, a “arquitectura popular” surgia como “marco--arquitectónico” que definia e concretiza as expressões do homem sobre o território transformando-o em “lugar”.

Uma vez estabelecidas as condições de uma leitura sobre o território, procede-se à viagem, suportada e desenhada de modo semelhante a esses primeiros viajantes, mas, e em simultâneo, profundamente informada por uma nova paisagem, novos modos de habitar, novos meios de deslocação, e novas formas (além das naturais). A fotografia surge conectada à leitura do território como percurso. Agora pela lente da máquina, recordo *frames* da paisagem, em modo semelhante aos homens do paleolítico. As imagens fotográficas demonstram esse território de limites suaves. Criam-se “planos” de leitura a partir da perspectiva fixa, e do enquadramento das margens do obturador.

Conduzindo, e como “homem-condutor”, desenham-se assim linhas no espaço, pontos fixos, e “espaços-entre”. O “espaço percorrido”, e as linhas de infra-estrutura somam-se numa leitura única do espaço. O percurso do homem paleolítico compara-se assim com o percurso do automóvel. O “catálogo de formas naturais” surge “contaminado” por tudo aquilo que hoje, como que uma “nova autenticidade” sobrepõem a paisagem, já “transgénica” e não “natural”.

A relação “arquitectura-território” surge portanto demarcada fortemente pela presença dessas linhas de definição permanentes, espaços de grande mobili-

dade, conexões além local.

Uma vez concretizado o território e exposto sobre uma nova leitura, observa-se a "casa" implantada — o marco-arquitectónico — que define e é definida pelo território abrangente.

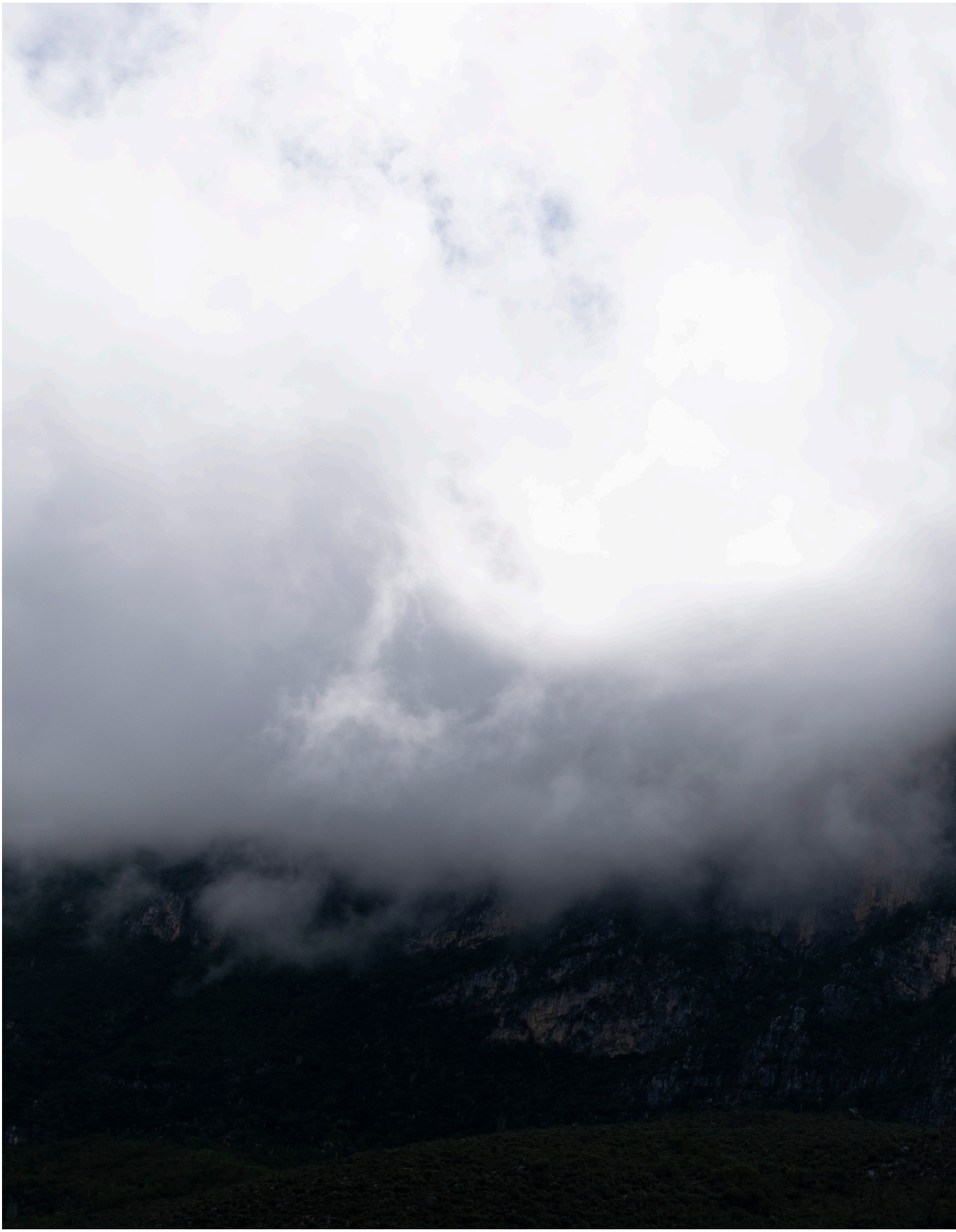
O construído demonstra a inquietude do desenvolvimento acelerado, através do qual obtém novos materiais e formas, organizados de modos diversos. Perante o apagamento do vernáculo, e o surgimento dos materiais industriais e de novas lógicas construtivas, observa-se o processo pelo qual o homem intervém nos diferentes aspectos da sua casa, de modo a actualizar-se às novas normas de conforto, nunca esquecendo o papel da "casa" enquanto elemento simbólico na definição de "lugares". O edificado apresenta-se envolvido por um conjunto de forças externas, difíceis de identificar, que o concretizam em novas formas. Substituídos os materiais, observa-se o surgimento de uma nova função desse "mundo", agora distinta da do "mundo rural" histórico, mas informada pela imagem e simulacro de um espaço feito à cópia de uma idealização desse mundo.

O ócio, o simbolismo, o lúdico, e a nostalgia surgem como novas funções sobre as quais se formulam e constroem novas formas matéricas.

O homem "constrói", "escava" e "rasga" a matéria em procura da verosimilhança. Reforça-se artificialmente a relação anteriormente definida entre "sítio" e "lugar".

Para lá de simples observador é necessário reconhecer a "sede" e a "fome" por realidade, permitindo o saciar. O arquitecto necessita de considerar estas novas necessidades do "homem-condutor"/"homem-difuso", evitando recorrer exclusivamente aos "puros" da paisagem "natural" e "rural", os cânones de uma arquitectura "local". Ambos são relevantes nesta concretização contínua desse novo habitar, sem preconceitos. O simulacro, a cópia e o *pastiche* informam o conceber de uma nova noção de "arquitectura regional".

I. MUNDOS PARALELOS



001





002

20
Eis aqui, quási cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa
E onde Febo repousa no Oceano.
Este quis o Céu justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fora; e lá na ardente
África estar quieto o não consente.

21
Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.
Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela então os íncolas primeiros.[01]

Da necessidade dos limites na
organização do espaço

A presença física do homem num espaço não mapeado (…) é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço (…) transformando-o em lugar.[04]

Um rio profundo pode constituir, para as relações humanas, um obstáculo ou um limite e, todavia, marcar, num tracto da mesma natureza, apenas um acidente pouco importante.[07]

Um conjunto significativo dos momentos de fronteira na paisagem natural ocorrem perante as mudanças bruscas do espaço, nos encontros da terra com o mar *(fig.002)*, e da terra-mar com o céu *(fig.003)*. Será por isto que o homem orienta-se na paisagem, organizando, conferindo-lhe estruturas de referência, linhas guia que tanto poderão definir-se pela simples descrição da posição dos elementos geológicos, fauna e flora, como pelo percurso do homem e posteriores rastos. O espaço natural ao ser percorrido, de certo modo, transforma-se ele mesmo num espaço humanizado, definido e delimitado, caracterizado pelos caminhos errantes e migrações paleolíticas da pré-história, através das quais formaram-se os grandes eixos de atravessamento da paisagem. O território distingue-se assim do espaço natural, definindo-se pelas "estruturas artificiais"[02] provenientes dos movimentos e usos do homem[03].

Francesco Careri, no livro *Walkscapes* define o espaço natural humanizado, referindo-se a dois mundos humanos distintos: o mundo de Caim, sedentário; e de Abel, nómada. [05] *Duas espacialidades diferentes: a da caverna e do arado, que escava nas vísceras da terra o próprio espaço, e a da tenda, que se desloca sobre a superfície terrestre sem gravar rastos persistentes. (…) uma arquitectura entendida como construção física do espaço e da forma, contra uma arquitectura entendida como percepção e construção simbólica do espaço*[06].

Um espaço humano construído e concreto, e um espaço humano simbólico e etéreo, de estruturas imaginadas; dois mundos distintos através dos quais o homem constrói uma imagem do espaço.

A paisagem natural revela-se objecto em constante relação com o homem, o qual, através de um conjunto distinto de relações, de conexões físicas e simbólicas,

01. CAMÕES, *Os Lusíadas,*p.58.
02. HABRAKEN, *The structure of the ordinary : form and control in the built environment*, p.127.
03. CARERI, *Walkscapes*, p.51.
04. CARERI, *Walkscapes*, p.51.
05. CARERI, *Walkscapes*, p.50.
06. CARERI, *Walkscapes*, p.38.
07. RIBEIRO, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, p.219.



003

a modifica e transforma em “lugar”.

A organização do espaço humano pode então ser entendida como um conjunto de elementos imateriais e materiais, cuja arrumação tanto ocorre pela concretização de barreiras físicas, transformação da paisagem, e dos vínculos decorrentes do habitar através de elementos concretos, como também do imaginário do homem, da memória do espaço, dos cantos, do fado, da navegação, do percurso, das epopeias e da história; daquilo que é “explícito”, e daquilo que é “implícito”.

Há um território de fantasia, de possibilidades, de imaginário, de criação, que era também aquele que se encontrava aqui, neste Portugal antigo (...) porque percebemos com ele o quê é que os (...) portugueses transportavam consigo, que imaginários, que realidades, que faltas, que misérias, que ignorâncias, que medos, que desejo transportavam consigo, para criarem teorias tão fabulosas, tão absolutamente impossíveis, lidas com os olhos de hoje, para a explicação do que procuravam ou julgavam ir encontrar[08].

O homem surge enquanto animador do espaço natural, agora território, unindo dois mundos distintos: o “mundo-explícito”, do real, da geologia e do material; e o “mundo-implícito”, daquilo que é perceptível, comunicado, transmitido e sentido.

Um espaço intemporal e suspenso em que o homem e aquilo que o rodeia, as suas memórias e a realidade, se combinam; um espaço no qual, a paisagem e o território com todos os elementos naturais e codificações culturais se sobrepõem.

...de certo modo a arquitectura foi e é uma das mais primitivas e iniciais expressões do homem, sendo que, a própria caverna, ao ser utilizada enquanto abrigo, se transforma, e que isto, a humanização do espaço, constituí em si um acto de arquitectura.

No Mapa de Hereford[09] é possível observar o mundo mitológico e bíblico sobreposto com o mundo real, de uma Europa, Ásia e África medievais.

08. PAIS DE BRITO, *Muitas coisas e um pássaro*, p.51. A referir-se à leitura de *Visão do Paraíso : Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*.
09. Mapa-múndi medieval do séc. XIII, exposto na catedral de Hereford, Inglaterra.

hierarquia de mundos

"mundo-implícito"

Nos limites dos mapas surgem monstros...

... de certo famoso queijo com buracos no qual, ainda que os buracos não alimentem, eles são indispensáveis para a total definição das suas características.[13]

O primeiro acto de exploração do homem sobre a paisagem, que até aí era representada pelo desconhecido, é primeiramente definido pela compreensão do espaço, através de um conjunto de narrativas, estórias e contos nos quais os elementos naturais se transformam em personagens organizadas de modo a criar o primeiro indício de uma rede de relações pelas quais lhe é possível o domínio do espaço — um espaço de limite criado através dos quadros de referência dos primeiros viajantes, tornando indistinguível a separação do espaço real do espaço contado/transmitido. O mundo dos descobrimentos, repleto de criaturas marítimas e monstros, em semelhança às florestas e ao *outback*[10] australianos navegados pelos povos aborígenes[11], encontra-se repleto de simbologia densa de significados através dos quais se define o espaço simultaneamente como real e mítico, *do imaginário do mito e da vida*[12].

Uma cartografia do mundo que ocorre implicitamente através da justaposição de elementos naturais e reais com essas personagens de carácter quase mitológico, mas fundamentada numa organização de elementos concretos. O Cabo Bojador e o Cabo das Tormentas, elementos geográficos, reais, encontram-se obrigatoriamente acompanhados no imaginário português pela cascata do fim do mundo e pelo Mostrengo, obstáculos à travessia dos seus primeiros viajantes.

Um mundo que tanto é constituído pelas "estruturas-informais" que narram o espaço, que lhe dão nome e lhe conferem limite, fronteiras artificiais, como pela multitude de "estruturas-formais" constituídas por um plural de componentes concretos que lhe conferem matéria.

10. Numa tradução literal para o português: sertão/sertania; ou numa tradução livre: "o interior" — designação pela qual o interior desértico australiano é conhecido.
11. CARERI, *Walkscapes*, pp.44,49-50.
12. CARERI, *Walkscapes*, p.50.
13. TÁVORA, *Da organização do espaço*, p.18.

tornar explícito
"mundo-explícito"

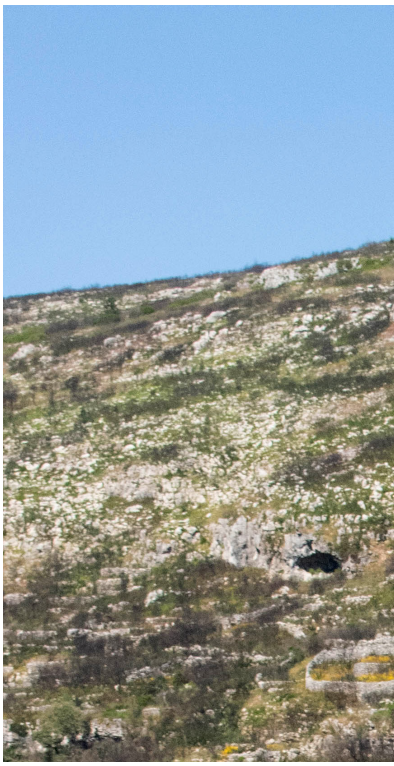
No entanto, quando o "implícito" se revela insuficiente, ou quando deixa de ser garantido, é necessária a concretização das "estruturas-formais" no espaço.

Para lá da simples organização e disposição dos elementos naturais num mapa mental, será através da disposição de elementos concretos que o homem irá domesticar a paisagem natural *(fig.004)*. Esta que, ao ser organizada, se transformou em território, será agora, através da concretização das "estruturas-implícitas" por componentes concretos, transformada em "sítio". O construído representa, por isto, na sua expressão mais básica, a união entre os diferentes espaços de influência humana, conectando o espaço de organização de vastos territórios de limite com os elementos concretos, definidores do espaço local.

Recuperando as definições de Carreri, esta necessidade de concretização sobre o território ocorre primeiramente perante a mudança dos hábitos do homem, determinada pela passagem do período paleolítico do homem nómada, para o neolítico do homem sedentário. A presença humana no espaço começou a evidenciar-se além das "estruturas-etéreas", contadas ou transmitidas, revelando-se por um escavamento no espaço através do assentamento dos campos, das habitações permanentes e pelos percursos da transumância, cíclicos e definidos, em oposição ao percurso errático. O espaço deixa de se organizar exclusivamente pelos eixos de atravessamento do mundo natural e começa a revelar-se em torno de uma certa fixação do assentamento humano.

No entanto, apesar de um conjunto vasto de componentes artificiais, *o primeiro objecto situado da paisagem humana*[14], produto exclusivo da necessidade latente da concretização dos limites no espaço, será o menir, cuja elevação *representa a primeira acção humana de transformação física da paisagem: uma grande pedra estirada horizontalmente sobre o solo é ainda apenas uma simples pedra sem conotações simbólicas, mas a sua rotação em noventa graus e o seu fincamento na terra transformam-na em uma nova presença que detém o tempo e o espaço: institui um tempo zero que se prolonga na eternidade e um novo sistema*

14. CARERI, *Walkscapes*, p.51.



004

de relações com os elementos da paisagem circundante.[15] O desafio propositado da horizontalidade do mundo natural realiza a primeira organização abstracta do espaço na criação de uma racionalidade e geometria desconhecidas neste. Trata-se da concretização no espaço da imagem do "mundo-implícito".

Os menires representam, portanto, os primeiros "marcos-arquitectónicos"[16] da humanidade, e serão, em simultâneo, pela sua resistência, os primeiros monumentos da humanidade.

15. CARERI, *Walkscapes*, p.52.

16. *... essas pedras, para além de uma geometria, revelavam a "geografia do lugar", ou seja, que serviam para descrever tanto a sua estrutura física, como a sua utilização produtiva e místico-religiosa, isto é, que eram sinais colocados ao longo de grandes caminhos de travessia*, in CARERI, *Walkscapes*, p.54.



Ao definir-se pelo desafio à ordem natural, o menir sinaliza na paisagem uma nova organização do espaço, que a informa das relações e "estruturas-implícitas" que anteriormente eram somente protagonizadas pelos componentes naturais.

A presença do menir sobre a paisagem torna-se, por isso, comparável ao ponto sobre a folha em branco, ao qual Távora confere a capacidade de definir as coordenadas de um plano, e, ao ganhar altura, as coordenadas de volume. Realmente, enquanto elementos estruturantes do território, os menires tanto nos informam da centralidade do espaço, das suas dimensões e escala, como, sendo erguido em conjuntos, passará a indicar também o espaço-entre, a direcionalidade, o espaço-de-ir, o espaço-de-estar, o espaço-em-volta e o espaço-dentro[17].

Esta é a conexão essencial que uma vez mais liga o menir, produto do "mundo-explícito", ao "mundo-implícito" das definições simbólicas. Reconhecer a pertinência do menir enquanto "marco-arquitectónico" é crucial para o entendimento tanto do espaço exterior — cuja expansão abrange o território —, como para o entendimento do espaço interior, que se delimita pelos elementos concretos erguidos pelo homem na criação de um espaço mais íntimo e complexo. E será este espaço mais íntimo, no espaço-entre, neste abrigo do homem, que através de um conjunto vasto de formas e materiais, se vêm definindo um conjunto de estruturas e noções de uma interioridade doméstica. No entanto, o espaço doméstico desprovido da resistência dos monumentos, encontra exclusivamente no "mundo-implícito" não só a sua definição, mas também a sua permanência através das "estruturas-implícitas": os saberes transportados de modos de fazer, de ver e de ler os diferentes elementos constituintes de um espaço, aproximando-nos cada vez mais da casa... sendo, no entanto, em simultâneo e permanentemente influenciada pelo "explícito", por aquilo que ao ser construído o informa.

"marcos-arquitectónicos"
enquanto elementos transformativos

Esta noção, tantas vezes esquecida, de que o espaço que separa - e liga - as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas que vemos ocuparem o espaço, quer entre elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos constituir forma - negativo ou molde - das formas aparentes.[18]

17. ... - *entendida etimologicamente como "medida da terra" - com a qual desenhar figuras abstratas a serem contrapostas ao caos natural: o ponto (o menir isolado), a linha (a agrupação rítmica de mais menires), a superfície (o cromlech, isto é, a porção de espaço cercada por menires dispostos em círculo).* in CARERI, *Walkscapes*, p.54.
18. TÁVORA, *Da organização do espaço*, p.12.

Verdadeiramente, e de certo modo, *não "passar-frio" é uma herança*[19] de um conjunto de esforços colectivos; um culminar de um aperfeiçoamento concretizado gradualmente ao longo de um período infindável, em que as noções de tecto, chão, parede, porta e janela, se cristalizaram a partir das formas mais básicas da organização do espaço, do espaço de permanência abrigado, do espaço exterior e da transição e filtros entre estes.

O abrigo, sendo casa e possuindo forma e estrutura, *é um dos mais significativos e relevantes aspectos da humanização da paisagem* e organização interior, *que na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais (…) das respectivas áreas e dos grupos humanos que a constroem e habitam*[20].

As estórias[21] que caracterizam as primeiras transformações dos elementos naturais e geológicos coexistem com as "estruturas-do-espaço-humano". Ambos são estruturas de organização e construção do espaço, que sustentam os princípios fundamentais da criação de "lugares".

Será precisamente esta organização do "lugar" que permite a conceptualização de uma ideia de origem e de criação, desde a transformação do espaço natural em humanizado até ao momento em que se observa uma sobreposição do espaço imaterial pelo material. O momento em que um espaço, que até aí se definia pela sua relação de limite com os percursos do homem, transforma-se e torna-se construído, abandonando esta relação de limite e assumindo uma posição central no espaço.

Ao construir sobre a paisagem os primeiros monumentos, e os primeiros elementos escavados, o homem recorreu a um conjunto de acções concretas[24] perante a paisagem natural, alterando-a profundamente e cicatrizando-a permanentemente. A noção do "mito-fundador"[25] do "lugar" rastreia neste acontecimento as

O confronto com este gesto humano que ficou aqui registado desde o Paleolítico chega a ser perturbador. Cada um de nós será, de algum modo, a continuidade deste gesto e por esse motivo partilhamos também esta ligação. Permaneço em silêncio, este é um local especial.[22]

A casa do homem do campo, comparada com o decorrer da história, é eterna, como ele próprio. Não conhece limitações de lugar e tempo, conserva-se quase imutável através de todas as transformações de arquitectura erudita que a seu lado se verificam.[23]

19. MOLINA, *Hambre de arquitectura : necesidad y práctica de lo cotidiano*, p.18.
20. *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.1, p.XIX.
21. Narrativa de ficção, oral ou escrita; conto, fábula.
22. BELO; ABREU, *Viagem maior*, p.393. Em relação à gravura rupestre do paleolítico Cavalo do Mazouco.
23. *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.2 p.178.
24. O escavar a terra, talhar a pedra, etc...
25. *...mito de origem*, in ESPÍRITO-SANTO, *O concelho da Batalha*, p.38; *...mito de origem engraçado*, in LEAL, *Entrevista a Benjamim Pereira*, p.339.

suas origens, ao qual retorna perante a necessidade de firmeza e verosimilhança. Será, portanto, nesta transformação do espaço, e perante o assentamento do homem, que podemos observar a definição de uma "identidade-colectiva-local"[26]. É, portanto, inevitável olhar em volta e não ver as incontáveis gerações que nos antecederam; e revendo-nos nelas, o suscitar em nós um conforto baseado nesse fundamento universal, de uma "ancestralidade-aglutinante"[27], omnipresente. Um fio contínuo de inovação e transmissão que liga o homem de hoje às populações nómadas da pré-história.

Existem aqui, em directa associação à realidade física do espaço (das qualidades do solo, plantações, corpos de água, grandes maciços e mar) os aspectos históricos e culturais dos povos (da cultura castreja, dos romanos, suevos, visigodos, árabes, moçárabes, leoneses, castelhenses e portugueses), assumindo, portanto, que estes são fortemente interlaçados, e por vezes, quase indistinguíveis. Na introdução da Zona I do *Inquérito à Arquitectura Popular*, tratam-se primeiramente estes pontos civilizacionais, conferindo a qualidade de "lugar" à zona geográfica do trabalho, ou seja, já não são somente as realidades físicas que intercedem na definição da arquitectura, mas também *os costumes, os hábitos e outros factores condicionantes*[30] .

Assim, o espaço exterior e interior existem em coexistência entre mundos paralelos, e é devido à interacção entre estas duas esferas distintas de relação, que se torna necessário o envolvimento de uma componente mais generalizada aquando da aproximação a um espaço concreto. O "lugar" encontra-se pressionado entre dois mundos, não podendo ser verdadeiramente analisado sem o reconhecimento da sua posição num contexto alargado de relações.

Entre as brumas da memória,
Ó pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós[28]

Como?! Não sois vós inda os descendentes
Daqueles que, debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira,
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?![29]

26. *identidade colectiva*, in ESPÍRITO-SANTO, *O concelho da Batalha*, p.31; *verdadeira identidade que o tempo esfumou...*, in AMARO, *Etnografia da Alta Estremadura — Volume 1*, p.12; *é nessa história que se consegue beber a identidade local*, in AMARO, *Etnografia da Alta Estremadura — Volume 1*, p.15.
27. *património ancestral comum*, in ESPÍRITO-SANTO, *O concelho da Batalha*, p.35.
28. MENDONÇA, *A Portuguesa*.
29. CAMÕES, *Os Lusíadas*,p.92.
30. MORENO, *Tanto Chão*, p.209. Em referência ao *Inquérito*.



005



006



007

A cada um desses percursos está ligado um canto e a cada canto está ligada uma ou mais estórias mitológicas ambientadas no território. […] É como se o Tempo e a História cada vez fossem actualizados ao caminhá-los, voltando a percorrer os lugares e os mitos ligados a eles numa deambulação musical ao mesmo tempo religiosa e geográfica.[31]

31. CARERI, *Walkscapes*, p.44.

... o princípio da verosimilhança, que traduzido para uma linguagem mais actual poderia ser sinónimo de credibilidade, trata-se de uma constante referência ao passado, sobretudo às experiências mais próximas, com a intenção inovadora de estabelecer uma relação dialéctica e criativa;[32]

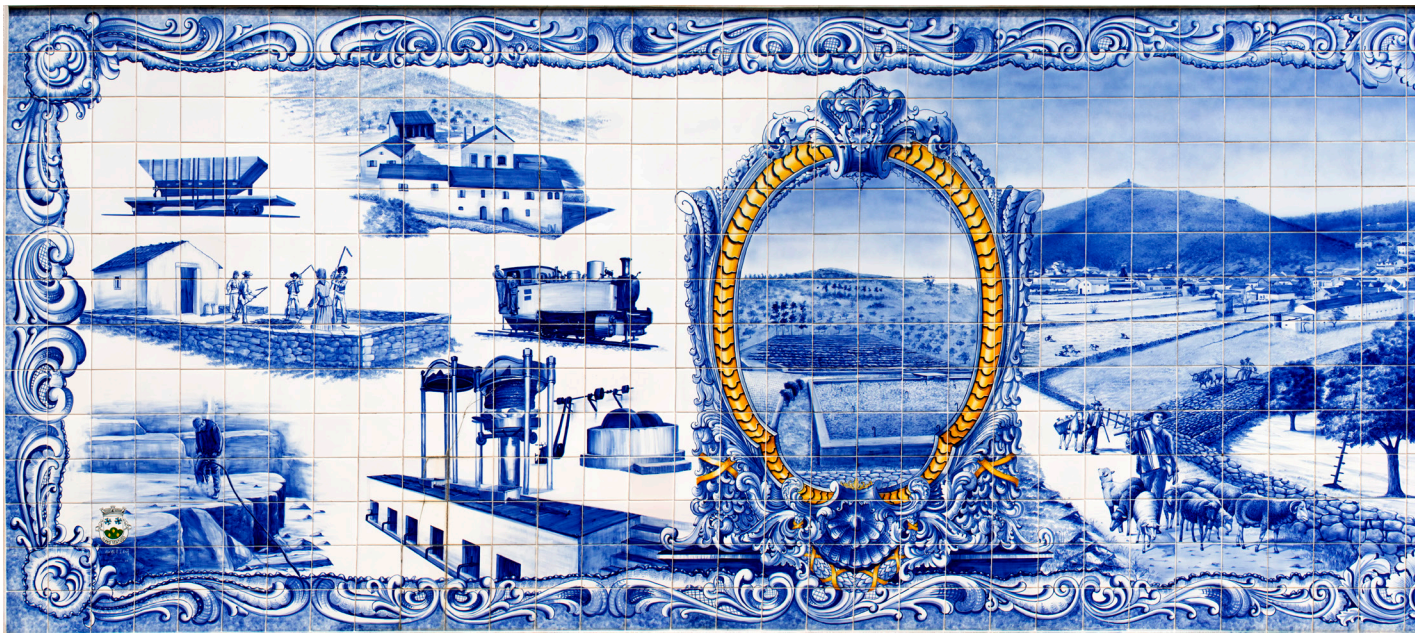
32. *...el principio de verosimilitud, que traducido a un lenguaje más actualizado podría ser sinónimo de credibilidad, se trata de una constante referencia al pasado, sobre todo a las experiencias más próximas, con la intención innovadora de establecer una relación dialéctica y creativa*, in TRILLO LEYVA, *El proceso de conocimiento: comparación, descripción, metáfora*, p.96.

Desde que os homens conseguiram romper o isolamento que os continha em pequenas áreas os aperfeiçoamentos técnicos e as inovações formais da Arquitectura alastraram pela superfície da Terra, acompanhando a expansão territorial de certos povos, das doutrinas religiosas e do intercâmbio económico e cultural.[33]

33. *Arquitectura popular em Portugal*, vol.1, p.XIX.

Cada montanha, cada rio e cada poço pertencem a um conjunto de histórias/percursos – vias dos cantos – que, entrelaçando-se continuamente, formam uma única história do tempo do Sonho, a história das origens da humanidade.[34]

34. CARERI, *Walkscapes*, p.44.



008

A criação do
mundo-rural
Português

Assim, de modo a aproximar da casa, do espaço doméstico, e por sua vez da habitação popular, será necessária a exposição de um contexto geral, histórico e actual — das definições de território, "sítio" e "lugar" — constituído por um conjunto de indícios de uma identidade-colectiva-local; um espaço "implícito" sobre o qual observamos o sedimentar de camadas de geração em geração.

A produção do "mundo-rural-português", enquanto conjunto de imagens[35], procurava consolidar a definição de um universo vasto de percepções da cultura popular e rural em Portugal, de uma "identidade rural nacional"[36]. Materializada por um conjunto amplo de trabalhos, de objectivos, regras, e metodologia distintos, mas que, não obstante, permitiam começar a construir uma definição geral, uma caracterização desse espaço ou mundo. Desde o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, à série *Portugal de Perto,* dos trabalhos individuais das diferentes identidades de antropologia em Portugal às *monografias dos eruditos locais (…) textos que, mais do que pela objectividade da informação contida (…) ajudam a perceber o local*[37]. Tratam-se das primeiras tentativas concretas para cartografar a cultura e costumes informais locais.

A relevância do "mundo-rural-português", para os propósitos deste trabalho, assenta sobre a premissa de um acordo geral num conjunto de definições determinantes deste espaço. Espaço de origem não definida, no qual *o passado mantém-se como referência principal na interpretação deste (...). Só que, em resultado da irrelevância de apoios teóricos muito sofisticados, esse passado é, por um lado, algo indefinido e essencializado, uma vez que, a seu respeito, raramente são propostas especificações étnicas ou temporais detalhadas. A cultura popular tende nessa medida a ser vista como uma tradição remota e imemorial, tão remota e imemorial que seria redundante precisar o seu grau de antiguidade: por definição ela está lá*

35. Que tanto ocorreu através dos esforços realizados pelos historiadores, etnólogos, antropólogos e arquitectos portugueses como informalmente através da comunicação oral.
36. Uma concepção de Portugal enquanto "estado nação", in LEAL, *Etnografias portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional*, p.27.
37. PAIS DE BRITO, *Muitas coisas e um pássaro*, p.67.



desde o princípio do tempo[38].

O "mundo-rural-português" revela-se como uma representação relativamente imprecisa e fluída; além do "mundo-explícito" e concreto é definida pelos elementos imateriais, transportados ora pelos "historiadores", ora pelos "contadores de estórias"[39]. Elementos que, além do seu valor enquanto "conhecimento", informam o mundo das tendências individuais de cada um destes grupos.

Assim, o "mundo-rural" tende a representar um todo maior que a soma das suas partes, algo mais do que o conjunto de elementos concretos que o informavam; um conceito geral de limites difusos — parte identidade, parte objecto[40]. Um guia à leitura de um território, que tanto abrange um espaço vasto do contexto português rural dos séculos XIX e XX, como a percepção de um povo, de uma noção de "ser", de uma identidade, cuja apropriação se reinveste nas concretizações de fronteiras implícitas[41], e nas divisões do "explícito"[42].

Dos cegos. E pelos cegos. Os intelectuais e os cegos participam da construção do mundo rural de Rio de Onor. Os cegos contam o mundo, trazem as notícias, fantasiadas ou não, isso é secundário. Os cegos trazem o imaginário, trazem as canções. É possível estabelecer uma geografia dos seus percursos.[43]

38. LEAL, *Etnografias portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional*, p.47.
39. Questiono-me, de que modo é que a expectativa de cada um dos intervenientes na construção desse "mundo-rural" terá por sua vez influenciado o resultado dos seus levantamentos.
40. ... de estruturas rígidas de definição, de regras que o concretizavam
41. As divisões informais entre diferentes "gentes" — da dualidade do urbano-rural, camponês-citadino, ou de local em local; do portomosense e do batalhense.
42. A concretização de divisões informais: zonas administrativas e políticas — os distritos, as cidades, vilas e aldeamentos.; regiões de Portugal.
43. PAIS DE BRITO, *Muitas coisas e um pássaro*, p.58.



009

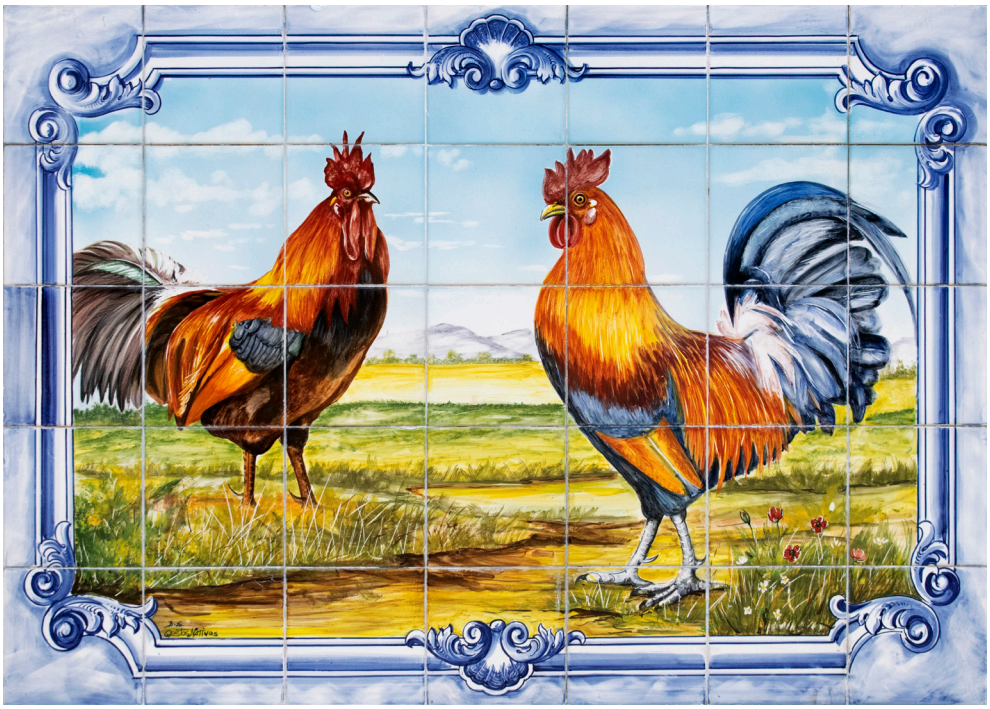
Este "mundo-rural", não obstante a sua natureza difusa, poderá ser descrito, através de uma breve reconstrução histórica, em quatro aspectos estruturantes: *uma função principal: a produção de alimentos; uma actividade económica dominante: a agricultura; um grupo social de referência*[44]*: a família camponesa, com modos de vida, valores e comportamentos próprios; um tipo de paisagem que reflecte a conquista de equilíbrios entre as características e o tipo de actividades humanas desenvolvidas.*[45] Sendo que, ao assumir a agricultura, e por isso a paisagem[46], como charneira fundamental sobre a qual o "mundo-rural" se movimenta, é necessário o entendimento da diversidade geográfica e o reconhecimento das divisões resultantes em Portugal. Torna-se, por isto, operativo o estudo desenvolvido por Orlando Ribeiro — trabalho de imensa relevância nas incursões e posteriores classificações do espaço geográfico português —, das divisões do Portugal Atlântico e Mediterrâneo[47].

Mais do que simplesmente definir fronteiras, é no estabelecimento de relações fundamentais entre homem e "paisagem natural" que se torna possível observar, ao-de-leve, contornos de um "mundo-implícito" rural; sobre o qual, se determina um conjunto variado de espaços, tipicismos e materialidades independentes[48].

O campo aparece-nos hoje como o resultado de uma transformação procurada. É o Homem que o faz, mas não como desejaria – cultiva aquilo que o solo, a chuva, os ventos ou a geada consentem, vive em casas que são assim ou estão ali,

Contrariamente às localidades agrícolas mais interiores, junto ao mar está muito presente um sentido de improviso e efemeridade, que se expressa na própria arquitectura e urbanismo. É tudo um pouco mais orgânico. Este modo de habitar resultará da própria actividade piscatória, em que o futuro é feito de poucos dias, distante dos ciclos longos que implicam semear, cuidar e resistir.[49]

44. Sublinhados do professor orientador Manuel Mendes.
45. FERRÃO, *Relações entre Mundo rural e Mundo urbano*, p.46
46. Considerando a dependência da agricultura nos elementos definidos pela paisagem, dependente da geologia, litologia e meteorologia.
47. Temos, portanto: *Portugal Atlântico – a Ibéria Húmida – a noroeste; Portugal Transmontano – a Ibéria Seca – a nordeste; e Portugal Mediterrâneo – a Ibéria Árida – a sul*, in OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.17.
48. *Nesta mistura de gente e de plantas, assim na variedade das regiões, reside o segredo da unificação portuguesa. Áreas próximas e muito diferentes, faltam-lhes todavia condições de vida próprias*, in RIBEIRO, *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, p.238.
49. BELO; ABREU, *Viagem maior*, p.326.



010

mais por via dos materiais de ao pé da porta e das exigências da lavoura ou dos animais do que por sua vontade ou necessidade dos seus [50].

Foi então possível, através das qualidades do "lugar" e da sua diversidade, caracterizar um povo que cresce em simbiose com um "meio natural", em que a influência do clima e de uma matéria regem os materiais, os métodos e o calendário[51].

A forma ou a natureza do terreno, onde o aglomerado nasce, são igualmente factores de modelação do seu corpo. A areia ou a rocha, a planície ou o acidente são as suas condicionantes[52].

Na leitura deste "mundo-rural" não é possível observar em separado a origem de cada um dos seus componentes — da sua função, forma, matéria e habitante. O "mundo-rural" gira em torno de um eixo único *tendo como denominador comum a referência a um certo tipo de espaço, um território envolvente, um modo de vida particular, uma economia base assente ainda na agricultura e uma identidade sócio-cultural específica de matriz tradicional e rural* [53].

50. *Arquitectura popular em Portugal*, vol.2, p.15.
51. O ano do "mundo rural" articula-se em volta dos grandes ciclos da colheita; da apanha, da vindima e da plantação.
52. *Arquitectura popular em Portugal*, vol.2, p.25.
53. ALVES, *As "aldeias históricas" entendidas como" património rural": Relação entre o discurso institucional e as dinâmicas locais a propósito de uma experiência no Alentejo*, p.59.



011

o homem rural

a redução do individuo ao colectivo.

Não há homens e também espaço. Não é possível compreender o habitante sem o lugar onde vive, da mesma forma que é insustentável abordar o meio habitado sem se referir àquele que o ocupa. Como se fosse um único dispositivo, habitante e lugar fazem-se juntos. É essencial manter essa unidade sem cair na tentação de estudar separadamente a condição do habitante e o ambiente construído[54].

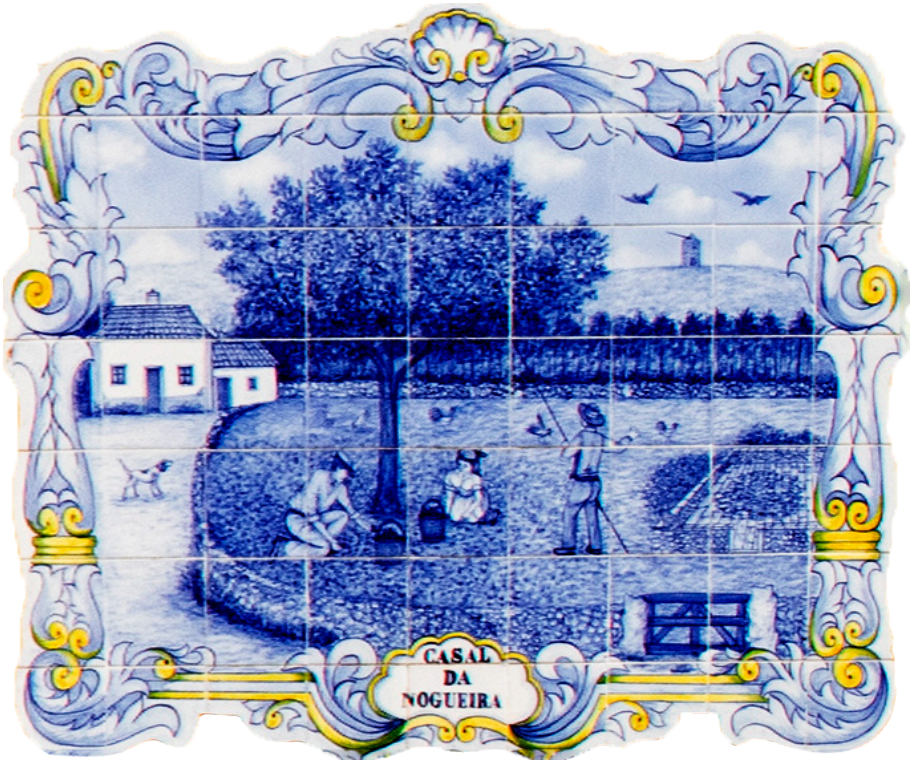
No entanto, ao assumirmos esta conexão essencial entre os componentes do "mundo-rural", necessitamos de questionar o modo como a vontade individual deste homem é exposta, pois ao apresentar-se como uma engrenagem essencial do "mundo-rural", fica exposto à sua identificação enquanto mecanismo teórico.

Ao recorrer-se às imagens do "mundo-rural", em oposição às do "homem-individuo", encontra-se representada a existência de um "povo rural", de "uma gente"; uma identidade plural, na qual o papel do individuo é de informar o colectivo.

Procurou-se definir uma generalidade assente num conjunto de casos concretos — em norma representativos daquilo que se assumia ser perdido do "mundo-rural"[55].

Esta imagem do homem rural existe inseparável da sua condição perante o mundo; um povo que é essencialmente representado através das estruturas estabelecidas no "mundo-implícito", constituído não necessariamente por um conjunto de indivíduos, mas pelas relações estabelecidas entre estes, o "lugar" e uma profunda nostalgia. O homem rural é assim imaginado primeiramente como o trabalhador[56] e habitante do "mundo-rural", uma personificação do espaço, e por isso, dependente

54. CEREZO, *Morar : arte y experiencia de la condición doméstica*, p.21.
55. De um certo "primitivismo de técnica" e colectivismo rural. *Mas será tanto popular quanto menos erudito for. (…) o popular é sobretudo autêntico, é genuíno, é espontâneo*, in LEAL, *Entre o vernáculo e o híbrido: a partir do inquérito à arquitectura popular em Portugal*, p.70-71. Em relação à arquitectura do *Inquérito*.
56. *Transparece sempre a identidade existente entre as construções duma pequena quinta e as dum importante assento agrícola: com efeito, criadas objectivamente em função da necessidade económica, ligadas intimamente à terra, nobre traçado simples e de engenhosa concepção, as edificações agrícolas, modestas ou importantes, podem considerar-se das mais sinceras e representativas manifestações arquitectónicas do homem rural.*, in *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.2, p.81.



012

deste, ilustrado essencialmente como anónimo e "vernacular"[57]. Alguém que é próprio de, que *não tinha nome*, que *era comum, era a voz vernacular do colectivo, era um de nós. E este cidadão sem um nome, este indocumentado, confessava-se assim …*[58] E portanto, a sua arquitectura descreve-se como *essencialmente um facto de economia agrícola, e é principalmente como tal que ela exprime o meio geográfico; e exprime-o desse modo muito melhor, e de uma maneira muita mais adequada e permanente, do que quando nela se consideram os materiais de construção, os dispositivos de orientação e as curiosidades do mobiliário*[59].

Este homem, representado anónimo, distancia-se de uma arquitectura individual e erudita[60], limitando por isso a possível plasticidade e criatividade originários da utilização de outros métodos ou incentivos que, não correspondendo ao "lugar", seriam ignorados. No entanto, é necessário o reconhecimento deste homem também enquanto autor individual, o qual é capaz da criação de momentos imprevisíveis, para lá da *idiossincrasia do povo*[61], enquanto indivíduo crítico.

Mesmo observando a idiossincrasia do povo, singularizava os factores económicos, técnicos e ambientais...[62]

57. *Que é próprio do país, região… a que pertence ou em que está. – de escravo nascido em casa*, in *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneo*, p.3732.
58. MORENO, *Tanto Chão*, p.217.
59. Cit. por OLIVEIRA, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, p.13.
60. Como no caso do trabalho realizado pelos arquitectos; no sentido, que a sua arquitectura ao ser primitiva e do meio geográfico é "instintiva", oposto.
61. Cit. por MORENO, *Tanto Chão*, p.223.
62. MORENO, *Tanto Chão*, p.215. Em relação ao inquérito.

Numa casa-portuguesa fica bem
Pão e vinho sobre a mesa
E se à porta humildemente bate alguém
Senta-se à mesa com a gente
Fica bem essa fraqueza fica bem
Que o povo nunca a desmente
A alegria da pobreza
Está nesta grande riqueza
De dar e ficar contente

Quatro paredes caiadas
Um cheirinho à alecrim
Um cacho de uvas doiradas
Duas rosas num jardim
Um São José de azulejo
Mais o sol da primavera
Uma promessa de beijos
Dois braços à minha espera
É uma casa-portuguesa com certeza
É com certeza uma casa-portuguesa

a arquitectura popular

o surgimento da "casa-portuguesa"

A cartografia do "mundo-rural", como referido anteriormente, coexistiu e foi fomentada, em paralelo, mas não só, pela tentativa de delimitar uma identidade nacional portuguesa[64]. De certo modo, ao criar um "chão"[65] sobre o qual o homem, plenamente assumido português, pudesse estar, sendo que, recorrendo às imagens do "mundo-rural", se tornaria viável *a possibilidade de se falar da cultura nacional como uma entidade estritamente ligada a um processo de objectificação dos próprios elementos componentes dessa cultura.* Como tal, *a etnografia e antropologia portuguesa (...) podem ser encaradas como disciplinas onde se efectua esse trabalho de objectificação da cultura popular (...), indispensável à plena assumpção de Portugal como nação distinta e singular*[66].

No entanto, tal processo de "objectificação" não se isolava somente nas actividades dos antropólogos e etnólogos.

Em simultâneo era possível encontrar explorações no mesmo sentido de outros profissionais — dos engenheiros, *arquitectos, historiadores da arte e simples curiosos — no movimento dito da "casa-portuguesa"*. Entendido entre os finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, propunha-se, de grosso modo, a definir *a existência de um tipo específico de habitação popular que seria caracteristicamente português*[67]. Movimento protagonizado por Raul Lino, que defendia a *institucionalização de um formulário arquitectónico inspirado nesse tipo de habitação*[68]. Assente sobre um formalismo concreto e específico, de forte "valor-cenográfico"[69], que no entender dos seus participantes, melhor comunicaria o *"espírito português" da casa popular*,

63. RODRIGUES, *Uma casa-portuguesa*.
64. *… a antropologia portuguesa não só se constitui como um espaço disciplinar orientado para o estudo da cultura popular portuguesa de matriz rural, como essa sua orientação foi dobrada por pressupostos analíticos marcados pela centralidade da problemática da identidade nacional*, in LEAL, *Etnografias Portuguesas*, p.28.
65. MORENO, *Tanto Chão*, p.209.
66. LEAL, *Etnografias Portuguesas*, p.108.
67. LEAL, *Etnografias Portuguesas*, pp.108-109.
68. LEAL, *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: Estudos sobre a arquitectura popular no século XX português*, p.6.
69. LEAL, *Etnografias Portuguesas*, p.118.

No conforto pobrezinho do meu lar
Há fartura de carinho
A cortina da janela e o luar
Mais o sol que bate nela
Basta pouco poucochinho pra alegrar
Uma existência singela
É só amor pão e vinho
E um caldo verde verdinho
A fumegar na tijela

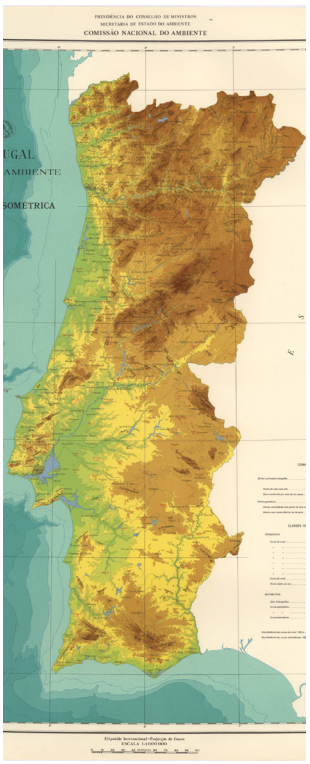
Quatro paredes caiadas
Um cheirinho à alecrim
Um cacho de uvas doiradas
Duas rosas num jardim
Um São José de azulejo
Mais o sol da primavera
Uma promessa de beijos
Dois braços à minha espera
É uma casa-portuguesa com certeza
É com certeza uma casa-portuguesa
É uma casa-portuguesa com certeza
É com certeza uma casa-portuguesa[63]

essencialmente caracterizada pelo *alpendre (...) a caiação a branco ou a cores, o telhado com telha manual portuguesa e beiral, a chaminé, o emprego de azulejos, etc*[70]. A "casa-portuguesa" observa-se enquanto objecto de uma cultura arquitectónica popular "portuguesa", representada por um formalismo "ancestral", de certo modo, conectada ao "lugar" através da utilização estilizada de um conjunto-chave de elementos estéticos, tipológicos e formais. Realmente e de certo modo, a definição do objecto "casa-portuguesa" cristalizou-se através de um conjunto de concretizações específicas, de obras construídas pelos arquitectos do movimento[71].

Tratava-se de um conjunto de *pesquisas estéticas tendentes ao reaportuguesamento da habitação em Portugal*[72].

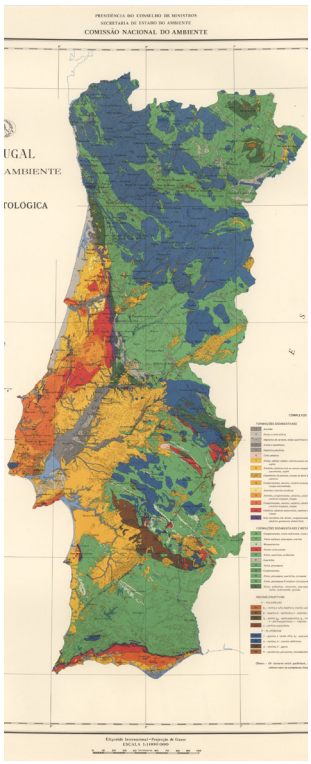
Movimento "casa-portuguesa": José Augusto França, Henrique Neves, Rocha Peixoto, João Barreira, Gabriel Pereira, D.José Pessanha, Joaquim Vasconcelos, Abel Botelho, Ramalho Ortigão, Fialho de Almeida, Franscico Vilaça, Ricardo Severo, Álvaro Machado, Guilherme Gomes, Edmundo Tavares, Raúl Lino.

70. LEAL, *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: Estudos sobre a arquitectura popular no século XX português*, p.5.
71. *Francisco Vilaça; Álvaro Machado; Guilherme Gomes, Edmundo Távares e Raul Lino, entre outros...*, in LEAL, *Etnografias Portuguesas*, p.112.
72. LEAL, *Etnografias Portuguesas*, p.112.



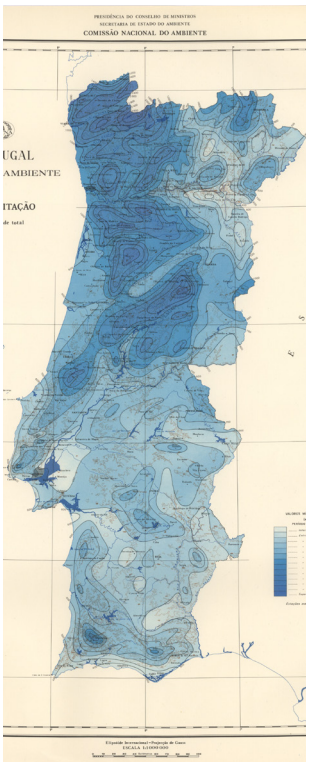
013

Carta Hipsométrica



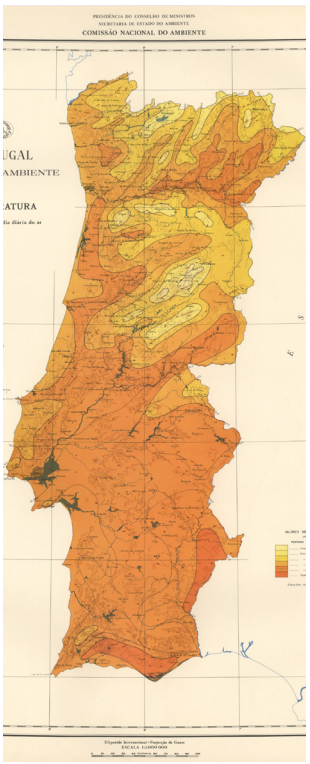
014

Carta Litológica



015

Precipitação



016

Temperatura

portugal dividido

da divisão dos arquitectos
e da divisão territorial

Na sua tentativa de questionamento da "casa-portuguesa", o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal irá justamente acentuar a multiplicidade e a diversidade regional e mesmo local da arquitectura popular portuguesa. Essa é, antes de mais, uma opção deliberada à partida.[75]

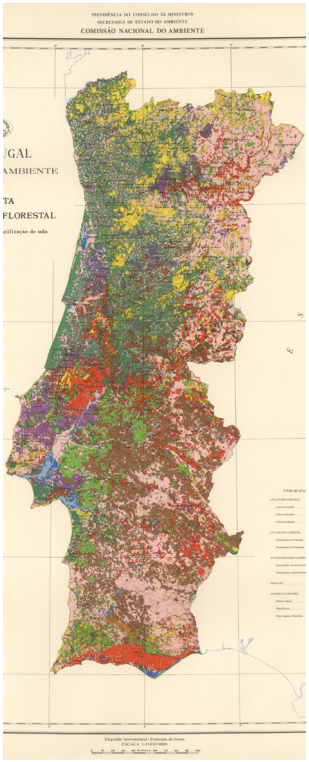
No entanto, rapidamente se tornou evidente, através de uma forte oposição dentro do corpo profissional-erudito[73], a recusa de um modelo único estilizado que pudesse em si retratar a total variedade arquitectónica territorial, tendo em conta a pluralidade de "lugares" singulares heterogeneamente dispostos ao longo do território Português e, também, a pressuposta ligação que a arquitectura popular estabelecia com o seu envolvente.

Realmente e de certo modo, *falar de arquitectura popular no século XX português é antes de mais falar de Raul Lino e do movimento da Casa-portuguesa, por um lado, e do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, por outro lado*, em sua oposição. *Estes constituem de facto dois dos momentos mais conhecidos e mais importantes na reflexão e pesquisa sobre arquitectura popular em Portugal no século XX*[74].

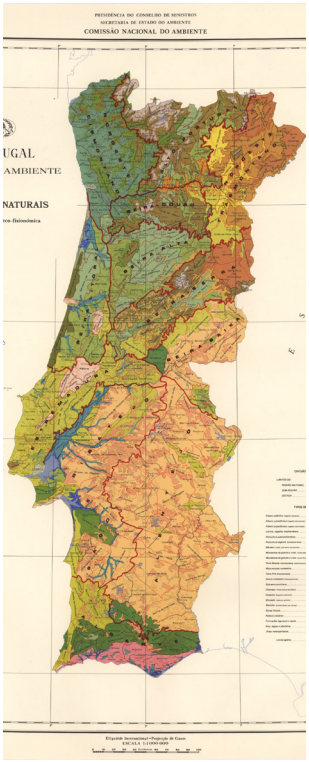
O reconhecimento do território português enquanto elemento fracturado, profundamente conectado à paisagem, transformou-se no eixo que permitiria aquele corpo de arquitectos, representativo de uma oposição à "casa-portuguesa", de começar a delimitar a existência de uma pluralidade de arquitecturas regionais[76].

Existiu, por isto, a necessidade de estabelecer um conjunto de divisões operativas, de definir "lugares", através dos quais fosse possível estabelecer um conjunto de relações e conexões entre arquitectura e "sítio". Neste propósito, foi necessário definir um conjunto de termos técnicos[77] através dos quais estas relações implícitas e explícitas entre arquitectura e "lugar" pudessem ser estabelecidas, e em simultâneo, manter a multiplicidade da arquitectura popular, prevenindo a sua definição

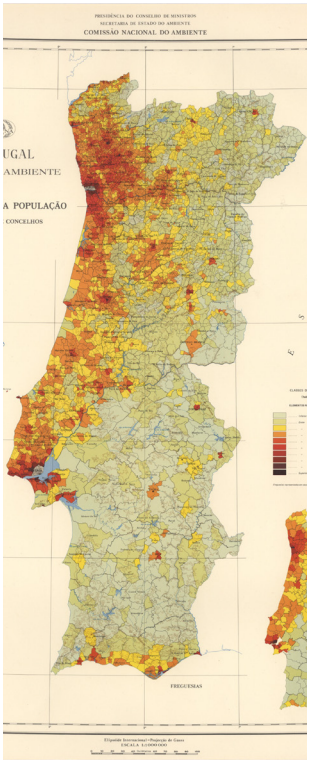
73. Arquitectos, antropólogos e etnólogos
74. LEAL, *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: Estudos sobre a arquitectura popular no século XX português*, p.5.
75. LEAL, *Etnografias Portuguesas*, p.175.
76. Em referência ao título original do *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*.
77. *Materiais e Soluções Recorrentes de Construção; Estruturação Urbana; Influência do Clima; Influência das condições económicas; Influência da organização social; Costumes, hábitos e outros factores condicionantes; Expressão e valor plástico dos edifícios e dos aglomerados*, in MORENO, *Tanto Chão*, p.215.



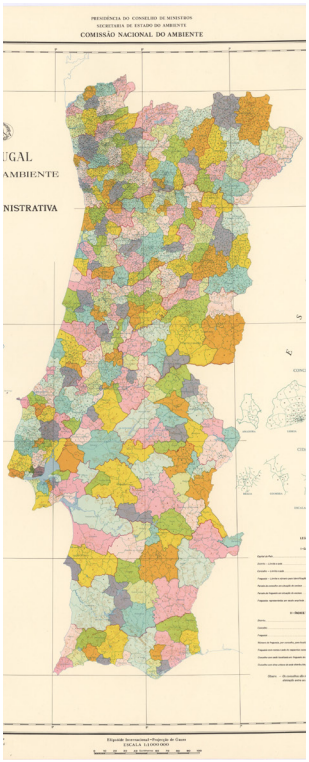
017



018



019



020

num “estilo português” nacional.

Era portanto necessário definir a multitude de “lugares” em Portugal recorrendo a um conjunto de limites e fronteiras — geográficas, geológicas *(fig.013,014)*, meteorológicas *(fig.015,016)* —, mas também populacionais *(fig.019)*, administrativas *(fig.020)*, económicas e culturais; sendo que, para este fim os arquitectos definiram, seis zonas gerais de trabalho — Minho; Trás-os-Montes; Beiras; Estremadura; Alentejo e Algarve[78] — dentro das quais organizaram o território em torno de um conjunto de “lugares” singulares — localidades, aldeamentos e outros pólos populacionais. Mas, no entanto, subsiste a questão: De que modo é que estas divisões do território em zonas contribuiu para a leitura geral da arquitectura popular sobre o território? Por um lado, eram abrangentes no sentido que englobavam um conjunto grande de localidades e área, por outro, eram restritivas no modo como definiam limites e fronteiras ao território nacional *à priori*. Nuno Teotónio, em entrevista[79], refere que o trabalho realizado por cada equipa era isolado, ou seja, que não havia uma participação constante de um todo, um total, um desdobrar sobre o território, uma leitura única entre zonas — tratavam-se de incursões e viagens insoladas[80], concretizadas sobre um conjunto de linhas guia, com a liberdade de deambular, de percorrer dentro desses limites assinalados.

...a arquitectura [Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal] não alcançou a minúcia para que esses estudos do Centro apontavam, (...) é que não “esborracharam caixinhas”(...) no fundo, eles fizeram uma repartição cega do país,(...)um mapa da Arquitectura Popular que não traduz absolutamente nada. As tipologias, e não só, no fundo, têm que ver com outras razões mais fundas.[81]

Da ânsia de dividir o espaço, de definir fronteiras.

78. Zona 1, Minho: Fernando Távora, Rui Pimentel, António Menéres; Zona 2, Trás-os-Montes: Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo, Carlos Carvalho Dias; Zona 3, Beiras: Francisco Keil do Amaral, José Huertas Lobo, João José Malato; Zona 4, Estremadura: Nuno Teotónio Pereira, António Pinto de Freitas, Francisco Silva Dias; Zona 5, Alentejo: Frederico George, António Azevedo Gomes, Alfredo Mata Antunes; Zona 6, Algarve: Artur Pires Martins, Celestino de Castro, Fernando Torres.
79. PEREIRA, Nuno. *Entrevista a Nuno Teotónio Pereira*. LEAL, João. in *Os inquéritos à fotografia e ao território*, p.295.
80. Constringidas à zona, transformar em ilha, isolar, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.
81. ENTREVISTA, LEAL, *Entrevista a Benjamim Pereira*, p.313.



021

a arquitectura “popular do inquérito”

Vernácula

A nenhuns condicionantes a Arquitectura regional está mais vincadamente sujeita que à penúria do povo e aos materiais de construção.[82] *A habitação tradicional das várias regiões portuguesas pode definir-se pela utilização quase exclusiva que nela é feita dos materiais locais, muitas vezes não comprados, tal como a natureza os apresenta, ou, quando muito, com um ligeiro afeiçoamento, e por processos alheios a conceitos tecnicistas e que requerem apenas uma ferramenta básica elementar.*[83]

Uma arquitectura exposta à paisagem natural, que não é constituída necessariamente por um conjunto específico de materiais, formas ou tipologias, mas pelo estabelecimento de redes de conexão entre a arquitectura e o seu “lugar”. A arquitectura rural apresenta-se enquanto noção cristalizada no “implícito”, um “marco-arquitectónico”[84]do “mundo-rural”. Não é suficiente expor os elementos e materiais concretos que constituem e informam esta arquitectura, é necessário que esta exista também intrinsecamente conectada ao “lugar”. Existe aqui uma questão de verosimilhança à qual é necessário dirigirmos-nos de modo a classificar essa arquitectura em relação à sua concretização física.

Arquitectura na qual os diferentes materiais que a constituem são organizados — em semelhança à organização do território pelo homem — recorrendo a uma narração da sua elevação[85]. Desde a matéria-prima — elemento natural, dado pela paisagem — utilizada enquanto material de construção do mundo, permitindo erguerem-se os muros, as paredes, as janelas, o chão e os tectos, os elementos concretos que lhe conferem definição e que informam a materialidade local. Em semelhança ao menir pré-histórico, trata-se de um processo de transformação da paisagem através da sua artificialização pelo homem. Referente a, e em referência de...

Os edifícios vernaculares são os que pertencem a um tipo comum numa

82. *Arquitectura popular em Portugal*, vol.2, p.55.
83. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.361.
84. Objecto que é erguido em relação ao “lugar”, e que por isto o organiza, o transforma. (ao erguer-se no “explícito”, transforma-se num “marco”)
85. ...da sua elevação(erguer).



determinada área e num certo tempo. Assim, um certo tipo de edifício vernacular pode sê-lo numa determinada época ou região, e não-vernacular noutra; de forma semelhante, também numa mesma área pode mudar ao longo do tempo, passando de não-vernacular para vernacular. Por outras palavras, nenhum edifício é vernacular ou não pelas suas qualidades intrínsecas mas sim em virtude das qualidade que partilha com outros.[86]

Uma arquitectura de materiais, forma e tipologias[87] singulares, tão variada quanto as divisões to território que ocupa, e como tal, um *chão(...) demasiado grande para exaltações da identidade, para construções que fizessem coincidir o limite da singularidade com o limite do país. (...) uma arquitectura demasiado complexa e variada para ser tipificada e demasiado humilde ou menor para permitir qualquer selecção de bons exemplos ou qualquer construção de excepcionalidade nacionalista. Uma arquitectura que não cabia no chão a que se chamava nação.*[88]

Hoje, a este universo extenso de arquitectura vernácula podemos ainda acrescentar o agregado de ensaios realizado por Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano[89], sob o título de *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, que representa um dos principais testemunhos das *paisagens, povoações, edifícios e modos de vida em grande parte desaparecidos*[90] do "mundo-rural-agrícola".

86. Cit. por DOMINGUES, *Vida no campo*, p.200.
87. Existe no entanto, a definição desta em "tipos", seja na leitura de Veiga de Oliveira, seja no *Inquérito*.
88. MORENO, *Tanto Chão*, p.215.
89. *A despeito da magnitude do tema pode dizer-se que além da obra Arquitectura Popular em Portugal, do Sindicato Nacional dos Arquitectos, a bibliografia mais substantiva e consistente neste domínio deve-se a Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano*, in OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa,* p.11.
90. Ordem dos Arquitectos, *50 anos da "Arquitectura Popular em Portugal": OA ganha bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian*.

outros
"contaminantes"
"as malfeitorias"

A arquitectura moderna era funcional, a antropologia moderna era funcionalista. Independentemente das suas diferenças, estes dois funcionalismos convergiam na sua apreciação da realidade como estando ou devendo estar organizada em torno de uma acertada adequação entre meios e fins, entre a parte e o todo.[91]

É necessário, portanto, ao recorrermos da leitura destes trabalhos, distância. Distância a este preceito da realidade enquanto uma operação puramente funcional e operativa. De certo modo, o papel do *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa* era duplo — para lá de uma vontade de documentar o universo de edificado rural presente ao longo do território nacional, existia também o desejo de demonstrar e estabelecer relações de afinidade, a partir deste, com os princípios de uma arquitectura moderna. Não se tratava de um exercício de procura de formalismo — em semelhança à "Cabana Primitiva" de Marc-Antoine Laugier, ou da "Casa portuguesa" de Raul Lino — mas sim, de estabelecer um paralelismo entre o funcionalismo moderno e a operatividade primitiva — entre a arquitectura do "património ancestral partilhado", "ancestralidade-aglutinante", e a arquitectura moderna.

O *"popular do inquérito"* é por isto, segundo João Leal, *um conjunto de dicotomias, que tanto incluem — o popular é isto ou aquilo — como excluem — o popular é o oposto disto ou daquilo. Assim o popular dos arquitectos não é erudito, (...) mas será tanto mais popular quanto menos erudito for(...). Não tem autoria individual: o povo é o seu autor colectivo.* O *Inquérito (...) deixou de lado o que essa concepção* (do popular) *não o deixava ver.*[92]

Ou seja, para lá do universo de uma arquitectura vernacular — de localismos e tipicismos concretos, conectados ao território e ao "lugar" — "ficaram de fora" um outro conjunto de habitações, elas também populares, que não se enquadravam dentro dos parâmetros estabelecidos — cuja materialidade era já "contaminada"

91. LEAL, *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, p.69.
92. *Isso mesmo é admitido pelo Arq.Silva Dias a partir de uma análise do espólio fotográfico do Inquérito*, in LEAL, *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, p.72.

pela utilização de novos materiais industriais; cuja forma já não correspondia a uma solução tectónica ou vernacular; ou por fim, cuja tipologia se distanciava dos "tipos de vida"[93], e como tal, não representava uma conexão à função e uso do "mundo--rural-agrícola". "Vernacular" trata-se de *uma "construção conceptual" da cultura cultivada ou erudita, que distingue o vernacular por um certo distanciamento face ao que pertence à alta cultura das escolas, das academias, dos círculos notáveis e, regra geral, dos saberes com aspirações universalizantes*[94].

A casa popular encontra-se assim dividida entre a "construção conceptual" dos arquitectos —neste caso, em referência à arquitectura vernacular —, e as *"malfeitorias"*[95] — *"despersonalizadoras"*[96], representativas de um *"progresso mal assimilado"*[97], cujos *princípios arquitectónicos* são, por sua vez *determinados e ajustados a novas concepções e, modos de viver*[98].

93. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.366. Relativo aos usos dos espaços na casa agrícola. Exemplos presentes no trabalho de Ernesto Veiga de Oliveira e Francisco Galhano.
94. DOMINGUES, *Vida no Campo*, p.200. Em referência ao adjectivo *vernacular*.
95. Todas aquelas que, por um motivo ou outro, foram omitidas do Inquérito.
96. Cit. por LEAL, *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, p.72.
97. Cit. por LEAL, *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, p.72.
98. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.368.

II. VIAGEM; "CAMINHAR-SOBRE"





"perdido"

Não havia um termo que definisse a identidade de um espaço limiar, de um "espaço--entre", que não se enquadrava em nenhuma das definições...

Na base de viagem há muitas vezes um desejo de mudança existencial. Viajar é expiação de uma culpa, iniciação, incremento cultural, experiência...[104]

"Perder-se" [Estar perdido] *significa que entre nós e o espaço não existe somente uma relação de domínio e controlo pelo sujeito, mas também a possibilidade do espaço nos dominar. São os momentos da vida em que aprendemos a aprender o espaço que nos envolve...*[99]

Estabelecidas as "estruturas" de entendimento do território, neste capítulo propõe-se o interlaçar entre a viagem e o estudado.

Um levantamento constituído por um conjunto de incursões no território, de um conjunto de "sítios" a visitar numa vagueação definida por itinerário; um espaço definido folgadamente, um somatório de outras pequenas viagens que desde sempre fiz — um limite de identidade.

Recordo-me que sempre respondi à pergunta "de onde és?" de forma diversa. O envolvente revelava-se difuso, distinto das "verdades"[100] do "Portugal-nação", "Leiria-região", "Batalha-vila" e "Jardoeira-aldeia". Realmente vivi sempre a escassos metros da IC2 — estrada nacional, divisória da "zona-centro", direcção "Lisboa--Porto" e não "Porto-Lisboa"—, sendo que, em qualquer momento e como que em simultâneo, ia à escola na Batalha, passeava nas margens do Lis[101], fazia compras no Colombo[102] e ia à praia em Peniche. Não existia portanto um "lugar" único, mas um plural de "lugares", um território vasto e heterogéneo que definia esta "paisagem minha"[103]. Em oposição àqueles homens que viveram antes em "sítios" e "lugares", eu sou "viajante", vivo em constante deslocação — em mobilidade acelerada.

99. *"Perder-se" significa que entre nós e o espaço não existe somente uma relação de domínio, de controle, por parte do sujeito, mas também a possibilidade de o espaço nos dominar. São momentos da vida em que aprendemos a aprender o espaço que nos circunda...*, in Cit. por CARERI, *Walkscapes*, p.48.

100. Cânones.

101. Leiria.

102. Lisboa.

103. *Não ter paisagem é o mesmo que dizer que não se possui um código de reconhecimento do território do quotidiano; que faltam nomes para as coisas e para a variedade como espacialmente se associam; que escasseiam fórmulas de interpretação da relação entre os modos de organização de uma sociedade e o território que se vai produzindo e transformando*, in DOMINGUES, *Paisagem Transgénica*, p.21.

104. Cit. por CARERI, *Walkscapes*, p.46.

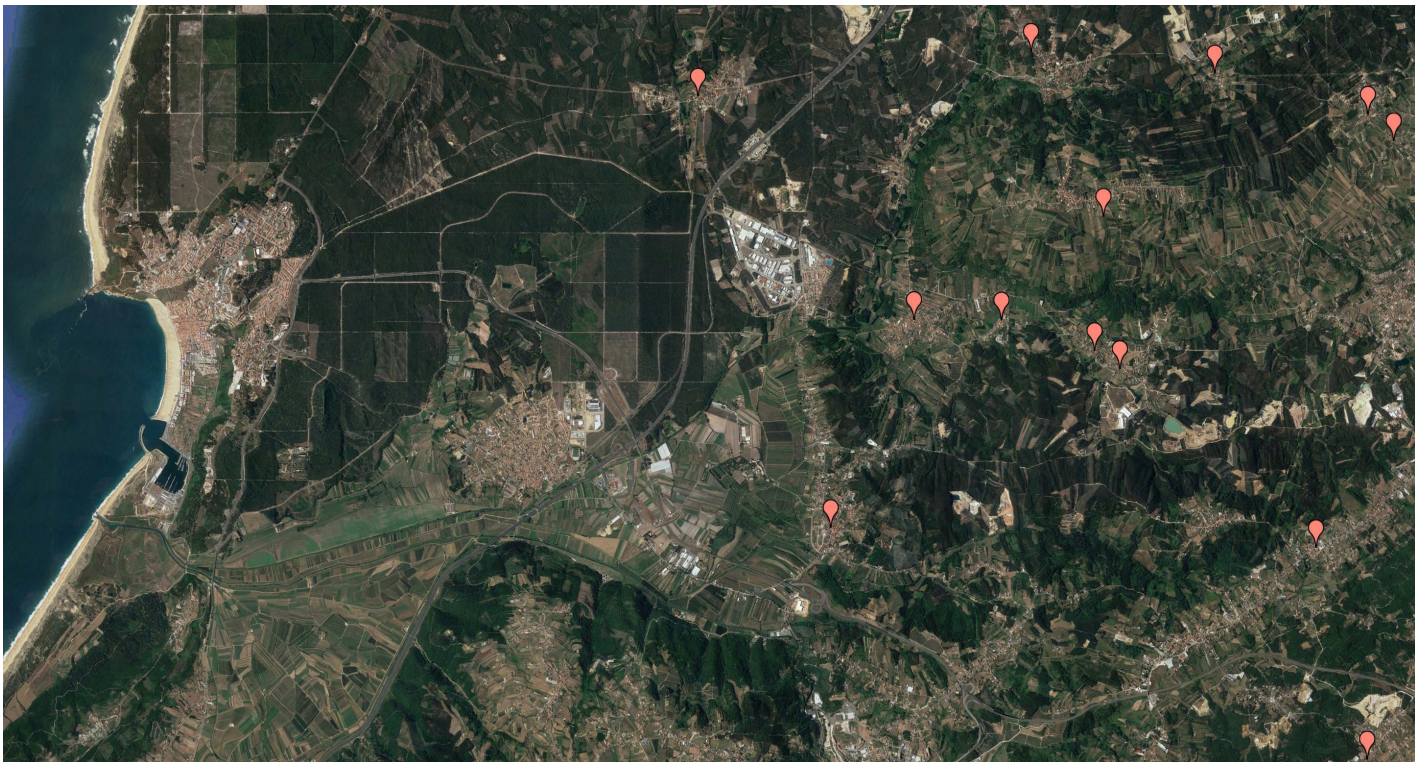
Abordar o mapa e definir uma "zona de levantamento" tornava-se por isto um desafio, com algo de semelhante a tentativas de definir noções "de ser"; de criar contornos artificiais no espaço, assentes num passado de leituras do território em questão.

Presente a vivência deste território marcada pela mobilidade associada ao automóvel, assumo o percurso, a linha como guia à leitura do espaço; como "*código de reconhecimento do território do quotidiano*"; aquele *walkabout*[105], enquanto *sistema de percursos através dos quais as populações da Austrália mapearam todo o continente*[106].

De modo semelhante às primeiras explorações do território — conduzidas pelo homem paleolítico —, o percurso fundamenta uma organização do espaço, através da qual estabelecem-se limites, "estruturas" e narrativas de um território. Um conjunto de linhas e pontos de interesse sobre as quais as coordenadas do espaço vão sendo definidas.

Aqui, veemente assente no alcatrão e sobre quatro rodas, a localização não é necessariamente uma restrição, mas sim, um elemento de contorno, que serve como uma delimitação ao de leve. O envolvente é por isto um elemento que ajuda a definir a "atmosfera" dessas habitações.

105. *Caminhar-sobre*, in Cit. por CARERI, *Walkscapes*, p.48.
106. CARERI, *Walkscapes*, p.44.



023

desenhar a mesa de trabalho; semear o percurso

E assim se faz o passeio, percorrem-se as vias seguindo as setas, de tempo a tempo, olho para trás, confirmo a direcção, e assim se vai lançando o ritmo de caminhada.

Quilómetros percorridos: 277
Fotografias: 3384

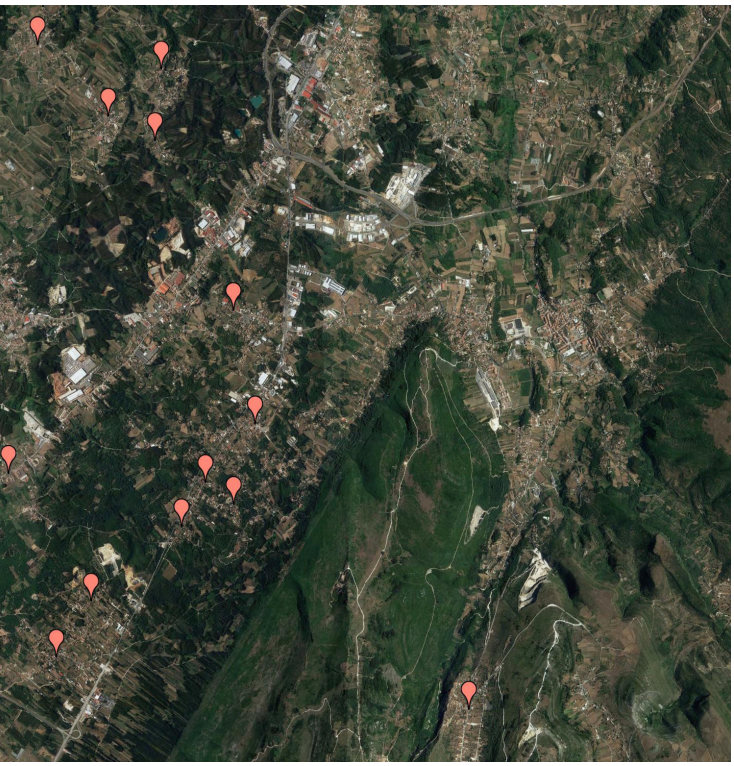
Com o termo "percurso" indicam-se, em simultâneo, o acto de atravessar (o percurso como acto de caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objecto arquitectónico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa)[107].

No entanto projectar o "percurso" supunha um ponto de partida — assentar o lápis na carta, na qual se desenharia a linha de fim incerto. Como tal, sinalizou-se um conjunto de agrupamentos de interesse, de destinos difusos, optados pela sua posição de limite entre o rural e o urbano *(fig.023)*; espaços inseridos nos "filamentos"[108] da malha urbana, ilhas nos limites do "arquipélago fractal"[109].

Um conjunto de agrupamentos, pontos fixos rastreáveis no GPS e no real, através dos quais, e em volta dos quais é possível deambular/rastrear/registar. Trata-se pois, de dinamizar um diálogo com o território, com a paisagem, com os "lugares", num esforço de "colocar para a frente", de definir uma meta de viagem, um destino a alcançar. Uma ordenação do caos obrigatório de um mapa exploratório, de um mapeamento, através da qual se estabelece um conjunto de dados determinantes da análise a desenvolver. Uma deslocação em volta de..., e para..., estes pontos concretos; como uma máquina de filmar em captura contínua conectando-os numa narrativa linear e coerente; um concretizar dos espaços através da sua imagem[110].

Portanto, era necessário um método que permitisse distância e que conferisse enquadramento, para assim comunicar aquele conjunto de agrupamentos, aqueles pontos, tudo aquilo que neles se insere.

107. *Com o termo "percurso" indicam-se, ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa)*, in CARERI, *Walkscapes*, p.31.
108. CARERI, *Walkscapes*, p.157.
109. *... um conjunto de ilhas construídas que flutuam num grande mar vazio, em que as águas formam um fluído contínuo que penetra nos cheios, ramificando-se pelas várias escalas até os menores interstícios abandonados entre as porções de cidade construída*, in CARERI, *Walkscapes*, p.157.
110. O caminhar como transformação do "lugar" e dos seus significados através da presença física do homem num espaço não mapeado., in CARERI, *Walkscapes*, p.51.



O registo fotográfico do território concretiza-se esforço correspondente à capacidade de interpretar os elementos oferecidos pela divagação e, simultaneamente, da capacidade dos emoldurar através do *frame/shutter*[111] da máquina fotográfica. Um território enquadrado no confinamento limitado do sensor "3:2" da máquina fotográfica, e por isto, domesticado a uma proporção única, como que uma janela sobre a qual observamos o espaço. Uma uniformização do observado através da planificação em imagem — a nível do enquadramento, proporção, perspectiva, simetrias, planos, personagens, cor, luz, sombra e contraste. "Uma limpeza metodológica" que permitirá um suporte à análise sem preconceitos de um espaço profundamente cicatrizado e diverso.

Será sobre este fundamento metodológico que então, *enquanto fotógrafo de arquitectura procuro encontrar igualmente aquela parte não visível da obra, às vezes oculta nas intenções do autor, nos desenhos, no traço da cidade onde esta se localiza ou talvez na intuição. Secalhar, essa parte oculta existe num primeiro esboço do projecto ou na segunda maquete de trabalho, descartada no processo. Este "adentro" não é um conceito esotérico, onírico, imaginado, visto que já existem caminhos pelos quais lhe acedo. Na minha trajectória, que escrevo com os meus pensamentos, o meu corpo e as minhas máquinas fotográficas, decido fotografar o interior para projectar o exterior, decido procurar o que não é visto para revelar o visível*[112].

111. O enquadramento/obturador.

112. *Como fotógrafo de arquitectura intento también buscar esa parte no visible de la obra, tal vez oculta en las intenciones del autor, en unos dibujos, en el trozo de ciudad en el que está la obra o tal vez en la intuición. Tal vez esa parte oculta esté latente en un primer boceto del proyecto o en la segunda maquete de trabajo que se desechó en el proceso. Este adentro no es un concepto esotérico, onírico, imaginado ya que tiene caminos por los que acceder. En mi trayectoria, la que escribo con mi pensamiento, con mi cuerpo, con mis cámaras, decido fotografías el interior para proyectar el exterior, decido buscar lo que no que se ve para desvelar lo visible*, in FERNÁNDEZ, *Fotografiar es pensar*, p.122.

113. *Es evidente que en el mundo del fotógrafo hay mucho de parafernalia, de artificio, de invento que se pliega a las necesidades del cuadro o las intenciones o caprichos del fotógrafo en pos de una misión falaz: la de obtener una representación fiel de la realidad*, in FERNÁNDEZ, *Fotografiar es pensar*, p.126.

Aqui pretendo demonstrar a procura, a caça, a miragem de um objecto... é necessário fundamentá-lo. Não tenho a intenção de classificá-lo, mas de o caracterizar. De o expor.

É evidente que no mundo do fotógrafo existe muita parafernália, artifício e invenção que se ajustam às necessidades do enquadramento ou à intenção e caprichos do fotógrafo na procura de uma missão falsa: a de obter uma representação fiel da realidade.[113]

Eu sou um olho, um olho mecânico.
Eu, a máquina, mostro-te o mundo como só eu o vejo.
Livro-me hoje e para sempre da imobilidade humana;
existo em constante movimento;
aproximo-me e afasto-me dos objectos;
insiro-me debaixo deles;
movimento-me com a boca de um cavalo a galope;
subo e desço com a queda e elevação dos corpos.
Esta sou eu, a máquina, movimentando-me nas deslocações caóticas, a filmar movimento atrás de movimento nas mais complexas combinações.
Livre das limitações do tempo e espaço, coordeno todos e quaisquer pontos do universo aonde quer que os deseje.
O meu caminho aponta à criação de uma nova percepção do mundo.
Explico-te, assim, de um modo novo, o mundo que te é desconhecido.

I am an eye, a mechanical eye. I the machine show you a world the way only I can see it./I free myself for today and forever from human immobility./I am in constant movement./I approach and pull away from objects. I creep under them./I move alongside a running horse's mouth./I fall and rise with the falling and rising bodies./This is I, the machine, manoeuvring in the chaotic movements, recording one movement after another in the most complex combinations./Freed from the boundaries of time and space, I coordinate any and all points of the universe wherever I want them to be./My way leads towards the creation of a fresh perception of the world./Thus I explain in a new way, the world unknown to you.
John Berger | Ways of seeing, ep.1 (1972) BBC, a citar (Dziga Vertov, 1923, Manifesto)

Perante a mobilidade do real, aspiro com a fotografia captar um momento, *um breve lapso*[114] *de tempo, não mais do que o necessário, nem menos do que o prescindível*[115], do captar de sequências, momentos tangencialmente conectados através de uma *narração do movimento*[116].

Uma realidade distante daquela do desenho e do texto; um percurso como uma longa "cena" cuidadosamente coreografada, cortada momento a momento. As fotografias implicam esta pontuação do movimento semelhante à mudança de perspectivas num corte cinematográfico[117]. Cada fotografia demonstra a realidade de um ponto ínfimo, de uma perspectiva estática. Necessitando portanto do conjunto de modo a reflectir um todo dinâmico.

O percurso comunica-se através de uma ordem temporal linear nas fotografias, mas também através do agrupamento destas em *clusters*, grupos representativos de um "adentro" além do fotografado. A fotografia apresenta-se como um retrato pessoal, sem tempo, dinâmico e fluído[118].

Os surrealistas (...)lançaram-se (...) convictos de que "algo se esconde lá atrás". Além dos territórios do banal, existem os territórios do inconsciente; além da negação, ainda existe a descoberta de um novo mundo,(...) os surrealistas têm a convicção de que o espaço urbano pode ser atravessado como a nossa mente; de que, na cidade, pode se revelar uma realidade não visível.[119]

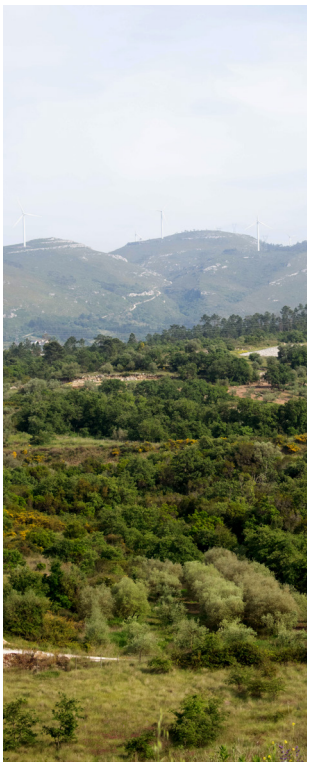
114. *... na capacidade de condensar e ordenar o desordenado, de construir um lapso, uma superfície de onde se sugere um caminho para o olhar que evoca, em certa medida, a percepção espacial real da cena representada.|... en la capacidad de condensar y ordenar lo desordenado, de construir un lapso, una superficie donde sugerir un recorrido para la mirada que evoque en cierta medida la percepción espacial real de la escena representada* in FERNÁNDEZ, *Fotografiar es pensar*, p.127.
115. *La aspiración última de mi fotografía de arquitectura, es capturar un breve lapso de tiempo, no más del necesario, no menos del prescindible. Hilar lo de manera continua con imperceptibles elipsis, supresiones de información innecesarias que sean más o menos fieles a la idea original*, in FERNÁNDEZ, *Fotografiar es pensar*, p.129.
116. *Les he hablado de matemáticas, de perspectiva, del renacimiento, de proporciones, de frontalidad, de cine, de ejes, de economía narrativa, de secuencias, de elipsis… es evidente que las disoluciones pueden devenir en infinitas, pero siguiendo el orden de importancia y complejidad que le doy en mi trabajo, ahora toca mostrar un tema recurrente dentro del mundo de la representación estática: la representación del movimiento*, in FERNÁNDEZ, *Fotografiar es pensar*, p.126.
117. Que comunicam diferentes, "inclinações", "direcções", "intenções", "mudanças de tom", etc.
118. O primeiro acto de exploração do homem sobre a paisagem (...) é primeiramente definido pela compreensão do espaço, através de um conjunto de narrativas, (...) nos quais os elementos naturais se transformam em personagens (...)criado através dos quadros de referência dos primeiros viajantes... in Capítulo *Da necessidade dos limites na Organização do Espaço*. p.12.
119. CARERI, *Walkscapes*, pp.82-83.



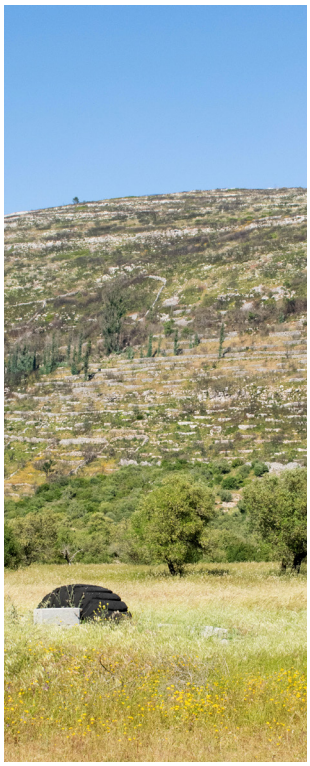
024



025



026



027

Há um registo dominante, um olhar de identificação das paisagens que vamos percorrendo, nesta, talvez em todas as viagens. Num momento de pausa, de vazio, algo nos chama a atenção. Abandonamos, momentaneamente, a direcção que seguíamos e entramos num universo contíguo. (...) Continuamos pela floresta verdejante, há penedos envolvidos por líquenes ou musgo que são a cartografia de um outro povoamento, há ramagens que definem sucessivas cortinas de ocultação do visível[120].

Terá sido durante a realização dos primeiros percursos que este "universo contíguo" começou a concretizar-se. A omnipresença da Serra de Aire e Candeeiros, como que "fundo" quase permanente, terceiro plano, sobre o qual todo o território se formava a partir de... nunca antes me havia sido tão clara — a presença dominante que a serra estabelecia no horizonte, talvez porque enquanto habitante, a sua presença constante se tornara invisível ao olhar.

Como limite, a Serra começou por outro lado a despertar um outro conjunto de personagens que surgiam entrelaçadas entre esta e o território. Em paralelo à serra existe o mar, e entre eles um espaço corredor, ora essencialmente planície — de arvoredo esparso, essencialmente espaço de cultivo —, ora um conjunto de Pinhais independentes ou constituintes do Pinhal de Leiria, profundamente cicatrizados pelos fogos de recente memória[122].

Nesta perceptiva começou a surgir uma ordem nos percursos através das fotografias. Como se de uma "fuga se tratasse", fugia-se da Serra em direcção ao mar — um movimento transversal serra-planície-pinhal-mar *(fig.027,026,025,024).*

Estas personagens, serra-planície-pinhal-mar, serão importantes subtemas "implícitos" na fotografia deste trabalho — cujo papel vai além do simples símbolo de paisagem. Um tema fundamental à constituição das imagens — um terceiro plano que marca ora pela sua presença, ou ausência —, culminando com a chegada ao Atlântico e o desaparecimento total da serra.

Onde a terra se acaba e o mar começa
A Estremadura está,
com o Verde Pino que em glória floreça,
mosteiros, castelos, tanta pátria ali há! [121]

O maciço estremenho serve de fundo a grande parte das paisagens da Zona. As serras redondas e acaçapadas, as pedras que a erosão descarnou e a vegetação curta que entre elas cresce formam ao longe uma mancha parda e imponente.[123]

120. BELO; ABREU, *Viagem maior*, p.243.
121. Cit. por AMARO, *Etnografia da Alta Estremadura — Volume 1*, p.15.
122. *80% da Mata Nacional, cerca de 9000 dos 11.000 hectares*, in MIRANDA, O coração de Leiria ardeu: o Pinhal está reduzido a cinzas.
123. *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.2, p.11.


028


029


030


031

Desta coisa que existe "por-detrás", escondida, oculta, este plano de fundo, que nos é comunicado pelas "coisas que são". Elas permitiam ver este "espaço-além". O "beco", a "ancestralidade", o "chão", o "mundo-rural nostálgico". Um espaço ensombrado, escuro, escondido, sobre o qual tudo se desdobrava. O estudo do "mundo-rural" provem da necessidade deste "ver-atrás", deste véu, "do que está atrás", "do que se esconde".

Está em causa a definição de um "chão", um *aglutinador das muitas complexidades (...) Da literalidade da quantidade de chão aparente nas fotografias que ilustram (...), ao chão como base e paisagem (...), ao chão como figura chave dos limites com que (...) se debate - seja o limite estrito de um chão "nacional" ou a ausência de limite de um chão "internacional" -, ao chão que como adjectivo a acrescentar à constelação de classificações da arquitectura (...): vernacular, anónima, tradicional, sem-linhagem, rural, espontânea, primitiva, nativa... o chão é um terreno sobre o qual fundar a reflexão*[124].

Não se trata somente da existência daquelas "personagens do mundo natural", mas tudo o que elas informam das diferentes camadas sobre as quais o "lugar" se foi, se vai colmatando. Para lá da representação do "natural", tornou-se clara a existência de um espaço intermediário, de um outro plano, distinto do natural, mas a si profundamente ligado. Um conjunto de fotografias (que começaram a clarificar o "adentro", deste elemento que se escondia por detrás), sobre o nome "beco", mostravam caminhos que se afundavam "além-estrada", que desapareciam pela terra batida, muretes de pedra ou entre edifícios *(fig.028-031)*. O "sítio" apresentava-se como um "cenário" atrás do qual começavam a surgir indícios de um outro mundo que informava o "lugar". Por detrás dos novos edifícios à beira estrada surgiam indicações de um "mundo-rural" desaparecido, de um espaço profundamente vinculado ao "sítio".

Um mundo comunicado através de "destroços infindáveis"[125]— objectos dispersos pela paisagem, representativos de um "espaço-que-foi" e ou um "espaço-que-se-desejou". Na necessidade de clarificar a relação entre este espaço e os objectos que lhe dão corpo, tornou-se relevante o entendimento do "menir" — dos elementos concretos que uma vez dispostos na paisagem, nos comunicavam as "estruturas", caminhos, intersecções, linhas implícitas da organização do espaço humano.

124. MORENO, *Tanto Chão*, p.209.

125. *... perdida a funcionalidade do mundo rural e do que lá havia existe um sistema infindável de destroços que se podem reciclar para o ofício do reencantamento da realidade do presente*, in DOMINGUES, *Vida no campo*, p.211.



032



033

novos objectos

como actuais "marcos-arquitectónicos"/de paisagem

Além da serra, do pinhal, do mar, e aquele "mundo-implícito", partia do "sítio" ainda outro novo domínio na construção da "paisagem"[126], imagens que apareciam dominadas por todo um outro conjunto de elementos, em muitos dos casos opostos aos momentos estabelecidos anteriormente *(fig.032,033)*. Realmente e de certo modo, as grandes infraestruturas rodoviárias, as eólicas, os cabos de alta tensão, os postes de telefone, as parabólicas, as antenas e todo um outro conjunto de objectos sobrepostos no espaço insinuavam uma nova definição do território.

A superfície asfáltica aliada às teias de cabos criavam na fotografia este espaço (que actuava como um primeiro plano) que gradualmente se acusava através da minha inclinação ao enquadramento tendenciosamente vertical; enquadramento vertical que procurava captar uma direcção subentendida "chão-céu" *(fig.035-040)*. O "chão" estava intrinsecamente conectado ao "espaço-sideral". Uma imensa tensão entre o "local" e o "supra-local". Entre tudo aquilo que servia de fundação ao "lugar", e tudo aquilo que representava um "novo delírio". Por um lado existiam os "destroços" de um "mundo-rural", e por outro demonstravam-se os objectos representativos de uma nova ordem civilizacional.

Será portanto a conjugação destes diferentes elementos da imagem fotográfica que servirá como eixo à orientação, interpretação e definição do território de trabalho. Um movimento, um "caminhar-sobre", que se constitui em volta de um conjunto de "sítios" fotografados sob três planos estruturantes: a definição do espaço natural em quatro linhas; a definição do "mundo-implícito" rural; a definição dos "novos contaminantes/destroços" do mundo contemporâneo.

126. *código de reconhecimento do território do quotidiano* in p.42.



034

implantação
a definição do espaço natural em quatro linhas

"Verifico em primeiro lugar, que desde há séculos, a arquitectura, em diferentes contextos e situações, retoma incansavelmente a mesma questão de fundo, ainda hoje em aberto: como colocar os edifícios no terreno, articulando-os, dando-lhes significado e resolvendo as organizações funcionais e distributivas necessárias às actividades humanas." [127]

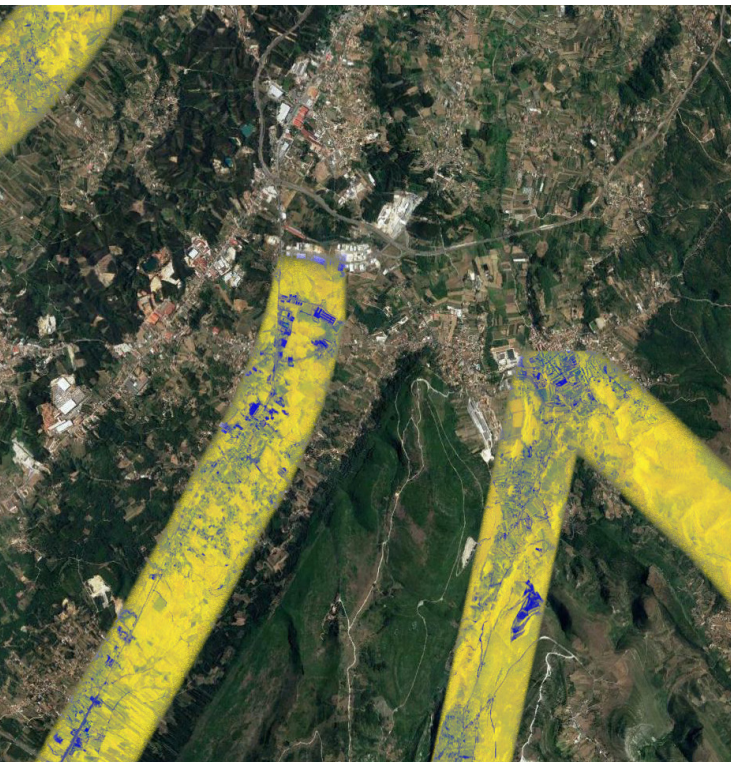
Inserido na fronteira de duas "regiões" — o encontro da Estremadura e da Beira Litoral —, dentro da zona quatro do inquérito e pertencente a um "Portugal atlântico", a observação do percurso no território, registada através da fotografia, começou a demonstrar muitas das características do "património natural" normalmente associadas a este espaço.

A Serra de Aire e Candeeiros como parte do Maciço Calcário Estremenho define, em grande parte, o passado de uma cultura material local em volta da utilização dessa pedra. Exemplos variam desde as "utilizações primitivas" — por norma observadas na utilização da pedra "ao natural", no amontoar de "pedrinhas" nos muros e casas vernaculares que tanto caracterizam esta paisagem —, ou no corte preciso da pedra em grandes dimensões, para usos diversos, através das inúmeras pedreiras que se semeiam ao longo da sua extensão.

A planície, espaço extenso de cultivo e produção de essencialmente fruta (os pomares da pêra rocha e maçã de Alcobaça, mas também da uva para a produção do vinho), é caracterizada pelos seus solos férteis, sobre um aquífero e atravessados pelos rios Lena e Alcoa. Uma região de "bons solos de barro", através dos quais se fundou uma industria da cerâmica, presente desde o século XVIII[128]; e um uso abundante na construção da taipa e do tijolo[129].

O Pinhal de Leiria (território sob constante assalto dos ventos provenientes do Atlântico a norte e noroeste, constituído essencialmente por solos arenosos, resultado do constante movimento de areia[130], "floresta plantada de produção"), é caracterizado pelo Pinheiro Bravo, cuja exploração e produção permanecem rele-

127. LAMAS, *Morfologia urbana e desenho da cidade*, p.535.
128. Real Fábrica do Juncal.
129. *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.2, pp.62-63.
130. *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.2, p.9.



vantes para a definição de uma industria local; sendo que, no passado se apresentava como um elemento central na economia das populações adjacentes, através da construção de barcas e edifícios nas suas periferia.

Por fim, temos o mar, responsável em grande parte pelo clima regional, de onde provêm os fortes ventos e pluviosidade. Assim, o espaço litoral distingue-se pela predominância da actividade da pesca, sendo possível, encontrar dispersamente ao longo da costa várias comunidades piscatórias, desde Vieira de Leiria à Nazaré, representadas no *Inquérito* pelas habitações em madeira, pintadas de cores vivas, semelhantes às barcas utilizadas no mar.

O território demonstra-se assim, do ponto de vista da "paisagem natural", coincidente com o terceiro plano da fotografia e por isto, pelas quatro linhas de percurso deduzidas da deriva do espaço *(fig.034)*. O "envolvente natural" tornava-se evidente através da soma de uma experiência de percurso e não só de um conhecimento científico. Existe uma sobreposição do plano fotográfico ("quatro linhas naturais") e de um espaço histórico, geológico e geográfico.

O reconhecimento desta realidade (como "plano de fundo") que acima de tudo fundamenta um espaço que se "desenvolve sobre". Evita-se por isto, resumir, ou simplificar as relações "natureza-homem". Sendo portanto necessário a aproximação ao "sítio", ao espaço construído, e aos "novos objectos" — "marcos-arquitectónicos" —, dos quais podemos começar a concretizar um conhecimento de maior sensibilidade.



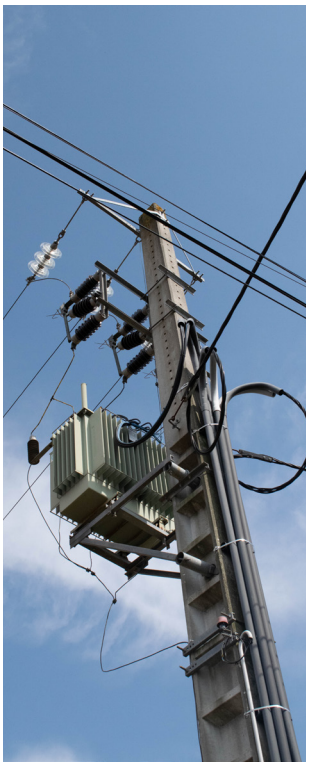
035



036



037



038

“sítio”

“É evidente que ela [a arquitectura popular] pode considerar-se um produto imediato das relações do Homem com o meio natural que o rodeia;”[131]

“Sítio” como definido anteriormente, implica a definição do território recorrendo a um conjunto de objectos concretos na paisagem, através dos quais é comunicado o domínio do homem e a definição de novos espaços. Portanto, agindo sobre um conhecimento *à priori* da arquitectura popular, seria expectável neste capítulo o exaltar da relação entre o dito “natural” e a “habitação popular” — segundo o *Inquérito*, vernácula. No entanto, perante a exploração do espaço, a meu ver tornou-se necessário o reconhecimento de um outro conjunto de “marcos-de-paisagem”, os “novos objectos” *(fig.35-40)*, os quais ao concretizarem no território uma nova ordem, transpareciam para a habitação um conjunto de novos elementos expressivos, transformando o modo como esta se insere, se relaciona, se constrói, se revê, se forma, se vive, se habita, etc... Realmente, e de certo modo, tornou-se claro que sem o reconhecimento desta nova vertente no espaço, não era possível o entender pleno desta nova “arquitectura popular”.

...por muito repetida que seja a palavra ainda não se quis entender claramente que o local, as tradições, o típico, tudo o que caía no rectângulo e nos arquipélagos do mar oceano, se misturou com o global em combinações surpreendentes que não cessam de nos espantar. Há amendoeiras no Alqueva porque a água se tornou um problema crítico na Califórnia; há construções de inspiração vernacular que se cruzam com a arquitectura genérica que existe em qualquer latitude; as autoestradas são bastante parecidas em todo o lado; contando com a internet, os dispositivos portáteis de telecomunicações, a televisão e, menos, a imprensa, a massa infinita de informação que circula e está à mão de todos contém uma cultura-mundo impossível de codificar: vai desde a massificação como nunca houve, à informação especializadíssima a que ainda há poucos anos só se podia aceder viajando, vivenciando certos lugares e ambiências.[132]

O que é este meio natural?

Neste novo paradigma de paisagem, a estrada e os restantes elementos artificiais surgem como essenciais à sua definição, de igual modo com o meio natural.

Não serão as infra-estruturas elementos essenciais a entender o novo meio pelo qual a arquitectura se desenvolve?

131. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.13.
132. DOMINGUES, *Paisagens Transgénicas*, pp.39-40.



039



040

A “contaminação” da paisagem pelos “novos objectos” (primeiro plano fotográfico) comunica uma nova ordem de interpretação. Álvaro Domingues, através de um conjunto de trabalhos escritos, de entre os quais, *Paisagem Transgénica* e *Vida no campo*, introduz o conceito de uma “paisagem transgénica”[133]; na qual *a transferência do conceito biológico de transgénico para a paisagem constitui um processo de fertilização cruzada entre dois campos de conhecimento para que se resolvam bloqueamentos conceptuais (...) alternativa ao uso de categorias ou espécies de paisagens saídas de linhagens puras e estáveis — como paisagem natural, paisagem rural, etc. — cuja denominação é vaga, polissémica ou até anacrónica, o transgénico propõe a instabilidade, a natureza compósita, o olhar crítico e interpelador (ao contrário da contemplação);*

A leitura desta paisagem implica o reconhecimento em simultâneo dos “elementos naturais” expostos anteriormente, mas também, de todos aqueles “novos objectos” provenientes desta nova realidade: as infra-estruturas[134] necessárias à vida (esgotos, água, electricidade, gás, acessos, telefone, televisão, internet, climatização etc...), e os destroços contemporâneos (tijolo vazado, tijolo de betão, reboco, eólicas, painéis solares, auto-estradas, estradas, espaços de estacionamento, postes, cabos, antenas, parabólicas, unidades de ar condicionado, entre outros...).

O “habitat” necessita de ser analisado tendo em conta a sua intrínseca relação com esse envolvente (móvel/difuso/global/transgénico). É necessária distância às explicações tectónicas/materiais/funcionais/simbólicas/históricas da arquitectura popular que se restrinjam a uma análise de um “sítio” passado, concreto, local (situado na “paisagem natural”). No entanto, é necessário, também, não se perder de vista, a consideração do simbolismo e nostalgia que ainda hoje informa o edificado, a literatura/cultura/etc., dos quais se adquire um conjunto de especificidades únicas, de relações visuais, estéticas, ambientais ou sociais.

133. DOMINGUES, *Paisagens Transgénicas*, p.31.
134. *Parte inferior, geralmente invisível, de qualquer construção ou estrutura; Conjunto de instalações, equipamento e serviços, geralmente públicos, que garantem o funcionamento de uma cidade.*, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.



041



Lindoso

OS ESPIGUEIROS À SOMBRA DO CASTELO

O nome deriva de limitosum *(limite ou fronteira, em latim) e não de lindo, embora não faltem atributos à aldeia, nas portas do Parque Nacional da Peneda-Gerês*

— POR JOANA LOUREIRO TEXTO E LUCÍLIA MONTEIRO FOTOS

A tarefada com os | roída pelo tempo, algures do | dedicou toda a vida à agr

042

nova função

As imagens do rural, em semelhança aos territórios de Carreri, e aos bairros de Lynch, fundamentam esta nova existência imaterial do "campo" ; O homem interage com o seu envolvente através de algo mais que o real.

A relação rural-urbano não pode deixar de reflectir esta alteração profunda, forjando-se novas complementaridades e modificando-se a sua natureza.[135]

Um espaço rural em quebra, cuja função e actividade principais se distanciam da agricultura e, portanto, dessa base de uma "identidade local"(assente numa construção implícita do rural), sendo, no entanto, relevante a sua preservação sobre a "forma filamentosa" deste "arquipélago fractal"[136] de uma urbanidade supra-local. Perante a rápida transformação física do território e o aparecimento de um novo conjunto de motivações e funções, observa-se a gradual conversão do "mundo-rural" em símbolo. João Ferrão propõe portanto a definição de um novo espaço resultado dessa perda, *um mundo rural não agrícola que importa preservar (...) em virtude do seu valor patrimonial*[137].

Existe uma leitura dupla do espaço. Por um lado observamos a construção imaginária, social, nostálgica de um "mundo-rural-património"[138] *(fig.042-044)*, e por outro, de uma paisagem urbana extensiva, difusa, fragmentada, essencialmente caracterizada por uma nova função, assente na leitura do espaço através das mobilidade pendulares[139].

135. FERRÃO, *Relações entre Mundo rural e Mundo urbano*, p.46.
136. *...a foto aérea de uma cidade qualquer (...) a imagem (...) de um tecido orgânico, de uma forma filamentosa que se aglomera em grânulos mais ou menos densos. No centro, a matéria é relativamente compacta, ao passo que em direcção ao exterior expele ilhas desprendidas do restante construído*, in CARERI, *Walkscapes*, p.157.
137. No qual *a valorização da dimensão não agrícola do mundo rural é socialmente construída a partir da ideia de património.*, in FERRÃO, *Relações entre Mundo rural e Mundo urbano*, p.48.
138. Distinto do "mundo-rural" original, implica a objectificação em elemento museológico.
139. *...mobilidades pendulares*, in PORTAS, *Políticas urbanas : tendências, estratégias e oportunidades*, p.30.



Rio de Onor

NUM OUTRO TEMPO

Entre a Natureza e as gentes, a aldeia comunitária na fronteira com Espanha é o ponto de partida para a descoberta do Parque Natural de Montesinho

— POR FLORBELA ALVES TEXTO E LUCÍLIA MONTEIRO FOTOS

Aviso prévio: antes de entrar no Parque Natural de Montesinho (PNM), con-

padaria de Elisabete Ferreira, a Pão de Gimonde, onde o pão é feito com leveduras naturais (trigo, centeio, sementes e,

043



São Gregório

ELOGIO DA RURALIDADE

A partir da aldeia em Rio de Moinhos, o queijo dá o mote a uma viagem entre vinhas, a serra d'Ossa e os sabores do Alentejo

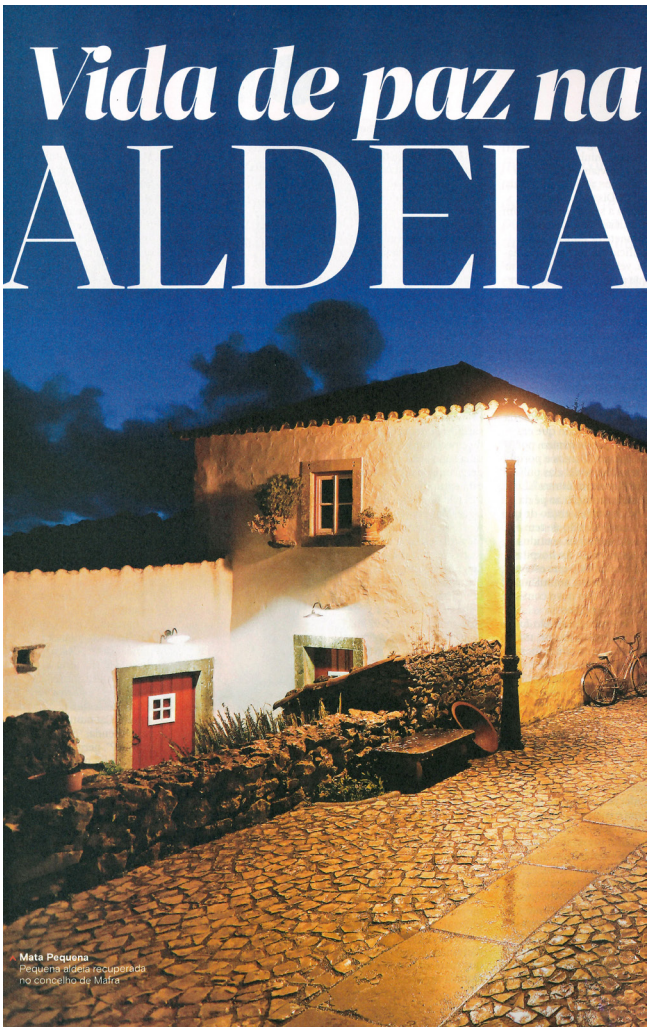
— POR SUSANA LOPES FAUSTINO TEXTO E ÁLVARO ISIDORO FOTOS

A segunda-feira de Páscoa está a chegar e há de ser dia de romaria à Aldeia de São Gregório. A sua pequena

PROVAR OS QUEIJOS
Nos farnéis dos romeiros há de vir queijo de Rio de Moinhos. A aldeia, de tradição queijeira, tem cerca de uma

ao topo da escadaria e final do percurso. Aí encontramos a Ermida de Nossa Senhora do Monte Virgem, um miradouro natural onde dá gosto

044



045

O "mundo-rural" surge enquanto objecto e símbolo, impulsionando a sua utilização na construção de uma nova identidade social rural[140] permanentemente em mobilidade entre espaços, ora profundamente nostálgica de um mundo agora perdido, ora profundamente pragmática e funcionalista. Habitado por aqueles que ainda não se revêm numa imagem sub-urbana/urbana, mas sim numa certa "ruralidade nostálgica" e, no entanto, integrados numa força de trabalho caracteristicamente urbana. *As paisagens e os territórios rurais encontram-se assim num jogo de expectativas e contradições onde se cruzam desígnios de protecção dos recursos biológicos e da biodiversidade, a preservação do solo e da água, o gozo dos prazeres do campo, a canibalização turística, a protecção das paisagens e das culturas, a patrimonialização, a mitologia do regresso à terra (fig.041,045), as mudanças climáticas, a produção de energia, a alimentação da população mundial, e o que mais vier*[141].

Nestas "periferias" existe um conjunto de tendências que convergem num mesmo sentido: *movimento de renaturalização, centrado na conservação da natureza (...); a procura de autenticidade, que leva a encarar a conservação e a protecção dos patrimónios históricos e culturais como vias privilegiadas para valorizar memórias e identidades capazes de enfrentar as tendências uniformizadoras desencadeadas pelos processos de mundialização; a mercantilização das paisagens ...*[142].

Apesar do presente ser muito vivo e renovado, o passado estava com ele, e essa relação entre o presente e o passado levava a ponderar uma questão que sempre me interessou, a da permanência e da transformação. O que é que de facto permanece quando tudo se transforma? Qual é a dimensão e a expressão da permanência?[143]

140. FERRÃO, *Relações entre Mundo rural e Mundo urbano*, p.48.
141. DOMINGUES, *Vida no campo*, p.153.
142. FERRÃO, *Relações entre Mundo rural e Mundo urbano*, p.48.
143. PAIS DE BRITO, *Muitas coisas e um pássaro*, p.57.



046

a nova dinâmica do espaço; a mobilidade

Embora eu estivesse com a Estremadura e é mais conhecida, não é? Uma região central, que as próprias pessoas naturalmente já conheciam em parte, e por isso não houve assim grandes deslumbramentos. Não há o mundo rural desconhecido...[145]

A estrada surge enquanto "marco-arquitectónico" à definição do "lugar".

As cidades têm um efeito multiplicador, são como uma enorme rede neuronal em permanente interacção.[146]

Na procura de definir a habitação (a casa popular), tornou-se, por isto, relevante uma leitura da malha urbana. Para lá de uma simples e geral "aproximação ao local", procura-se na malha o reconhecimento desta pelo seu papel enquanto "marco" de uma paisagem transgénica. Considera-se o papel desta infra-estrutura como um elemento de "percurso estético", uma linha de organização do território, do físico, mas também do "implícito", através da qual os corpos se organizam.

Por todo o território livre de obstáculos, a autoestrada percorre distâncias sem fim. Grande e desproporcionada. Não! A sua construção foi um acto de optimismo, um gesto de coragem, um sinal orgulho, uma prova de mestria! Perante a velocidade e o poder dos automóveis, os humanos entraram em modo frenético. (...) Em vinte anos, cumpriu-se o prodígio e Portugal transformou-se[144].

A malha urbana e a relação "malha-edifício" concretizam-se estrutura essencial para o entender de um conjunto de motivações à implantação, criação e desenvolvimento de uma nova arquitectura. Uma conexão entre as construções individuais e o aparato infra-estrutural que, ao transformar a imagem de paisagem — agora pavimentada por um conjunto de artifícios, classificações ora políticas, sociais, funcionais, de interesses privados ou públicos —, transforma o território, alargando "o espaço de referência" dessa arquitectura.

Em face de uma realidade urbana que dificilmente dá pelo nome de cidade — sem abusar da semântica ainda corrente —, é a própria dificuldade de dar nome à "coisa" que se observa nas denominações ou adjectivações da literatura recente, como: emergente, genérica, extensiva, dispersa, difusa, descontínua, fragmentada, mosaico, etc.; ou ainda, sem qualidades, sem modelo, sem lugares nem limites, de baixa densidade, entre-cidades, exúrbia, cidade-outra, edge-city, em suma, do urbano[147]. Um território sob imensa pressão que abandona o cânone de uma "paisagem rural". Em seu lugar pode-se observar o "chão" inquieto de um desenvolvimento

144. DOMINGUES, *Paisagens Transgénicas*, p.83.
145. ENTREVISTA, LEAL, *Entrevista a Nuno Teotónio Pereira*, p.299. Em relação ao trabalho efectuado no inquérito.
146. CARERI, *Walkscapes*, p.159.
147. PORTAS, *Políticas urbanas*, p.17.





047

acelerado. A serra como natureza dominada e artificializada, cujo cume se transforma para produção eléctrica e cujos vales dão lugar às grandes auto-estradas *(fig.046)*.

É necessário observar o mitológico, as fábulas e os contos sobrepostos por uma "nova autenticidade", delineada por um espaço em constante movimento, difuso e infindável.

Através dos postes de alta tensão circula electricidade de origens diversas: das barragens do Douro, do Guadiana, das centrais nucleares francesas, dos parques eólicos no Mar do Norte, etc...

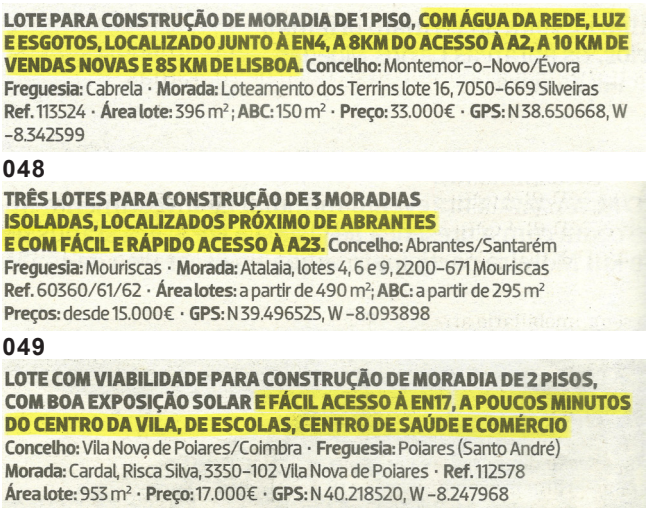
Através das estradas podemos observar em destaque e concretamente a mobilidade, e por sua vez a retenção humana no espaço. Na tentativa de encontrar um primeiro passo na definição dessa "arquitectura", recorro à sua implantação no território em relação à "malha" urbana; àquilo que a conecta e que cose a "paisagem-território-lugar".

Um "lugar" distinto da urbanidade dos grandes centros urbanos, mas que, devido à sua proximidade física, funcional e socioeconómica, incentivada pela deslocação automóvel, acaba a acolher uma parte significativa das populações suburbanas. Uma periferia de baixa densidade que se expande permanentemente, um espaço profundamente conectado ao "mundo-rural" e, no entanto, oposto desse *(fig.047)*; um "mundo-rural-não-agrícola"[149]; *...uma desordem geral dentro da qual só era possível compreender fragmentos de ordem justapostos casualmente sobre o território. Alguns desses fragmentos foram construídos pelos arquitectos, outros eram obra dos especuladores, outros ainda eram intervenções provenientes de escalas regionais, nacionais, multinacionais*[150].

Imaginemos o panteão dos deuses encimado no topo do monte Olimpo como central eólica. Os templos apropriados para a produção eléctrica e a sua veneração.

O produto de muitos construtores que constantemente modificam a estrutura por razões particulares. Se, por um lado, podem manter-se as linhas gerais exteriores, por outro, há a constante mudança do pormenor.[148]

148. LYNCH, *A imagem da cidade*, p.10.
149. FERRÃO, *Relações entre Mundo rural e Mundo urbano*, p.47.
150. CARERI, *Walkscapes*, p.155



eixos urbanos

Informar os modos como a estrada influencia o território.

Assumindo a malha como eixo essencial de uma leitura geral da paisagem, torna-se pertinente uma análise do percurso sobre as relações concretas entre os edifícios, aglomerados e essa estrutura/malha/infra-estrutura[151] *(fig.048-050)*.

Delimitado entre as duas zonas metropolitanas portuguesas — Lisboa e Porto —, o território encontra-se dividido na direcção sul-norte através das estradas IC1, IC2 e EN362. No entanto, é através do seu papel enquanto conurbação das duas metrópoles que este território surge como terceira identidade — "corredor litoral" *(fig.051,052)*.

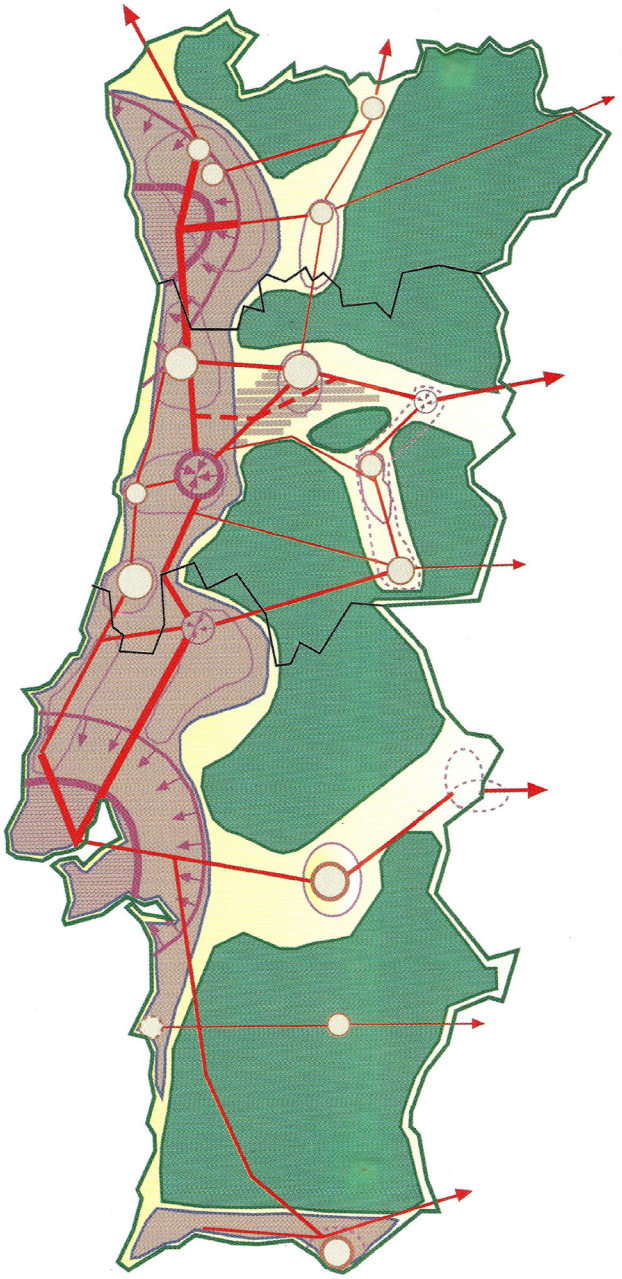
A IC2 surge como "eixo de desenvolvimento"[152] através do qual são criados novos métodos de acesso, distribuição e logística, fomentando o aparecimento de complexos industriais, comerciais e surgimentos "espontâneos"; *funções localizadas de forma dispersa, aglomeradas ou alinhadas em eixos mais ou menos contínuos*[153].

Esta ligação litoral apresenta-se como uma das principais ferramentas de coesão territorial, sendo que é possível observar nessas deslocações a nova "imagem", através da qual o habitante/homem difuso/condutor organiza este envolvente/território. Um "mapa", à semelhança dos primeiro viajantes[154], construído através de um "quadro de referência" particular, sobre o qual o homem se localiza e se desloca no/sobre o território.

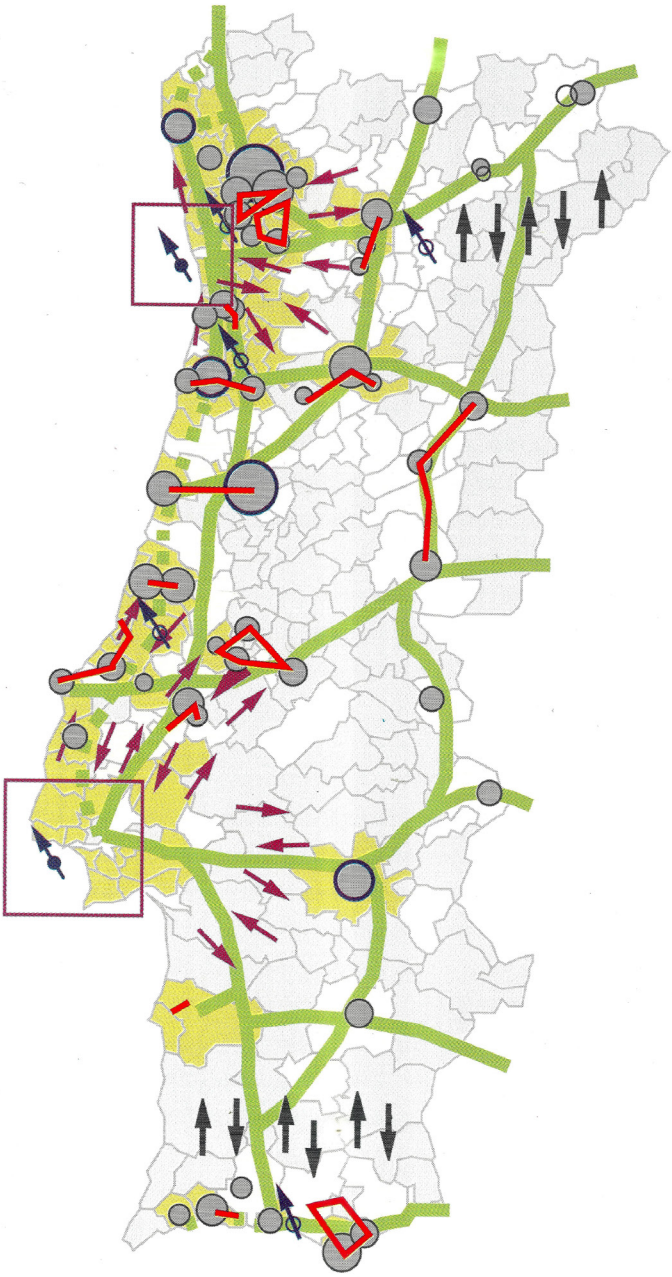
A capacidade e a versatilidade das deslocações avalizam e modulam a utilização que os seus ocupantes/utilizadores fazem to território, activando e desactivando partes de um todo quase permanentemente em uso.[156]

..."paisagem transgénica" para caracterizar lugares intersticiais, de natureza ambígua e difícil nomeação, entre a rua e a estrada, o campo e a cidade.[155]

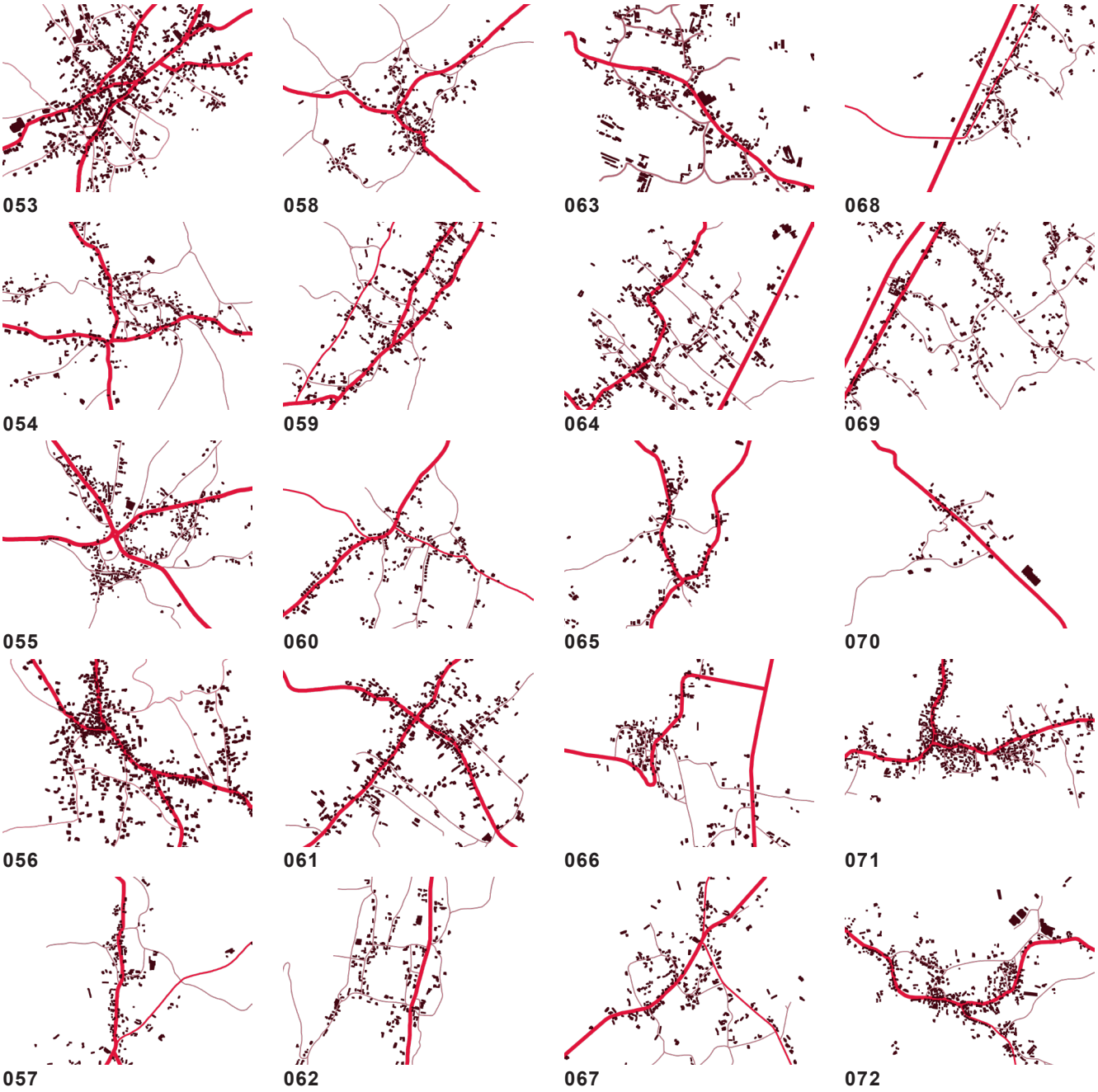
151. *As possíveis consequências para o território, resultam de níveis crescentes de mobilidade e de conectividade que contribuam para a coesão urbana e territorial, fomentando maior intensidade de uso dos espaços, não pela via da densidade mas pela da diversidade dos quotidianos assim gerados*, in PORTAS, *Políticas urbanas*, p.171.
152. PORTAS, *Políticas urbanas*, p.171.
153. PORTAS, *Políticas urbanas*, p.157.
154. in p.18.
155. *Os inquéritos à fotografia e ao território*, p.156.
156. PORTAS, *Políticas urbanas*, p.171.



051
Modelo Territorial — Tendência — síntese geral., in PORTAS et al., *Políticas urbanas*, **p.26.**



052
Sistema urbano e dinâmicas territoriais., in PORTAS et al., *Políticas urbanas*, **p.54.**

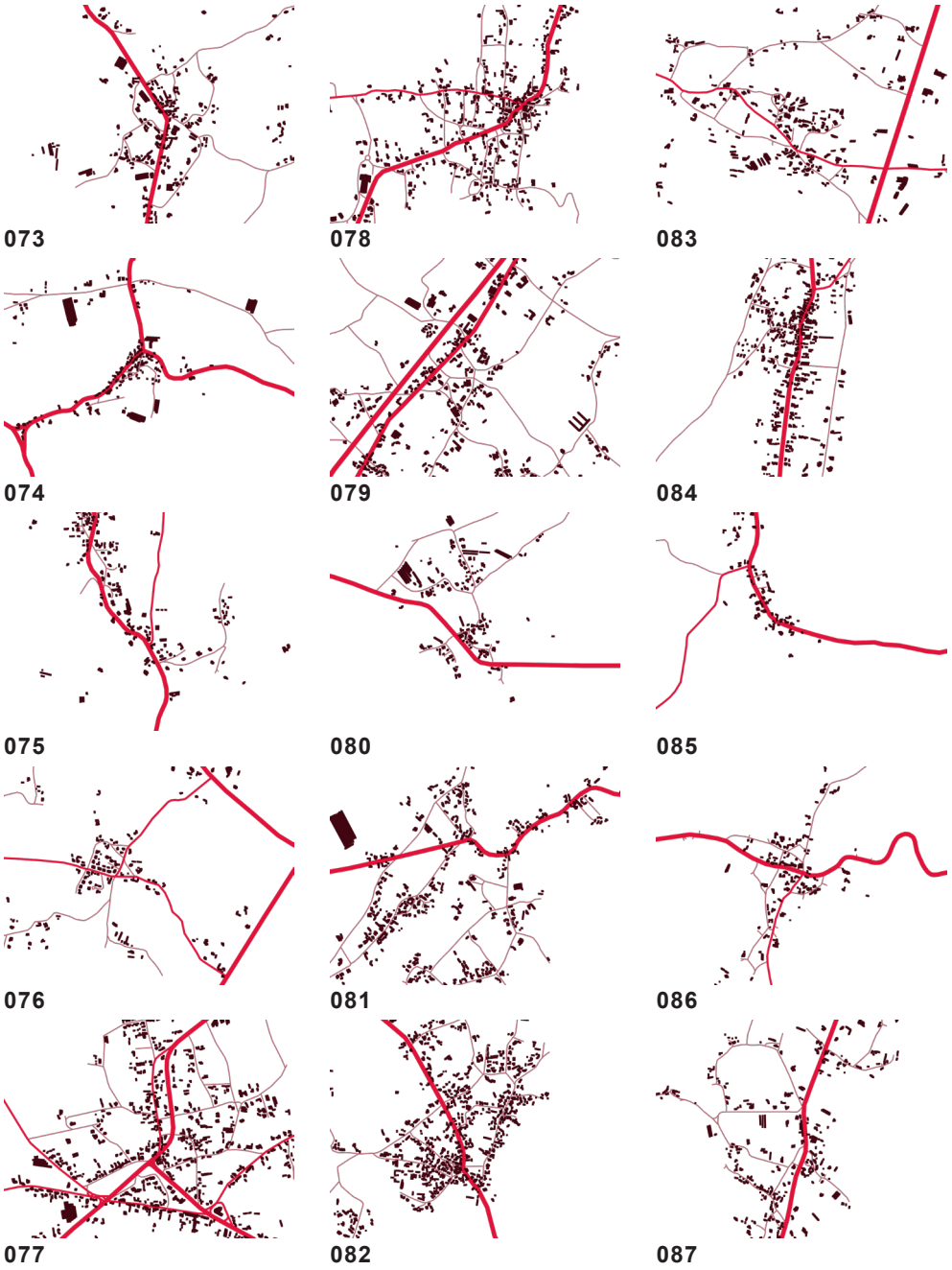


Seguindo essa leitura procura-se, aqui, uma observação do espaço fundamentada num "olhar" do "homem difuso"[157], aquele que não frequenta somente os ditos espaços "puros" da "paisagem natural", "cidade", "aldeia", etc..., mas também as autoestradas , as estações de serviço e as grandes superfícies comerciais.

Pretende-se estabelecer uma demarcação dessas estradas concretizando a conexão entre imagem e "real"[158]. Essa relação flutuante e imaterial que informa não só as relações que o homem estabelece com a paisagem, mas, também, como este idealiza a sua "casa", situada entre o espaço interior doméstico e a estrada, território.

Atendendo a este propósito, tornou-se necessária a criação de um conjunto de esbocetos — constituídos através da sumarização do "percurso" sobre uma cartografia simplificada —, uma perspectiva pessoal sobre esse território; indo à procura de uma leitura próxima da do "habitante-condutor"[159]. Um primeiro conjunto

157. Em referência ao Modelo da Cidade Difusa, in CARERI, *Walkscapes*.
158. *O papel das acessibilidades tanto pode ser o de obedecer a articulações pressupostas, como o estabelecimento de relações insuspeitas*, in PORTAS, *Políticas urbanas*, p.171.
159. O homem organiza este território através das suas deslocações — proporcionadas pela força do motor.



053. A do Barbas
054. Alcaria
055. Alpedriz
056. Alqueidão da Serra
057. Andainho

058. Andam
059. Arrimal
060. Ataija de Baixo
061. Ataija de Cima
062. Cabeça Veada

063. Casais da Charneca
064. Casais de Cima
065. Casais de Matos
066. Casais do Chão da Mendiga
067. Casais Garridos

068. Casal Boieiro
069. Casal da Nogueira
070. Casal de Alho
071. Casal Montes
072. Castanheira e Alqueidão

073. Chão Pardo
074. Coz
075. Garruchas
076. Lagoa de Cão
077. Martingança

078. Mendiga
079. Pedreiras
080. Picamilho
081. Pisões e Outeiro de Pisões
082. Porto do Carro

083. Redondas
084. Serro Ventoso
085. Vale de Água
086. Vale de Ventos
087. Vale Verde

de esbocetos que, através da via, procurava demonstrar essa "ordem espacial"[160] — hierarquia de vias —, desde a estrada nacional aos caminhos de terra informais. E, por sua vez, ao sobrepor-lhe uma representação do densificado, se clarificassem essas interacções — relações de proximidade, loteamento, distâncias e densidade —, com esse "mundo-implícito" do "homem-condutor".

Os esbocetos surgem como representação da sobreposição dos "caminhos cantados" sobre a cartografia; como um método gráfico através do qual se esclarecem um conjunto de características, proximidades e relações — agrupando estes "lugares" em *clusters* maleáveis; disponibilizando a sua integração no trabalho; informando um outro conjunto de correlações entre os diferentes "planos".

Assim, a espessura das linhas nos esbocetos não representa dimensões concretas, mas uma "percepção informada", permitindo a comparação transversal dos diferentes "lugares". Os esbocetos, com esse fim, são aqui representados à escala(1:30000) e orientados a norte.

160. HABRAKEN, *The structure of the ordinary : form and control in the built environment*.



088



091



093



089



090



092



094



096



097



095



098



099

P02



100

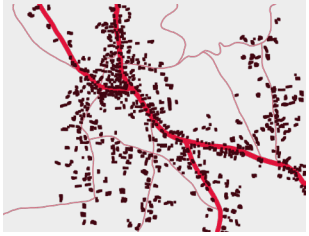


101



102





tipos de via; relação com o edificado

Uma vez concretizados os esbocetos *(fig.053-087)* e comparados com o levantamento fotográfico efectuado *(fig.088-099)*, tornou-se claro, que, apesar de se demonstrar plausível uma hierarquização das vias através da sua disposição no território, registava-se uma outra diversificação na sua forma (concretizada pela sua relação com os edifícios), tipo (rua, estrada, estrada nacional, auto-estrada) e material (asfalto, pavimento, calçada). No sentido que, para lá da disposição das vias, existia um outro conjunto de factores limitadores que determinavam estes elementos.

Recorrendo ao levantamento fotográfico tornou-se relevante começar a classificar trechos/partes constituintes das diferentes vias, classificando-as relativamente à sua relação com a "forma-edifício". Além de caracterizar o edifício perante a via — em relação à sua proximidade e loteamento —, era necessário definir cronologicamente a implantação desses edifícios, ora primeiro, ora em simultâneo; ora posteriormente à concretização da via, e que essa via poderia ser "rua"[161] ou "estrada"[162]. Como tal, procedeu-se à clarificação de um conjunto de circunstâncias que pudessem, resumidamente e claramente, definir estas variações em três momentos.

Numa primeira circunstância, o edifício assume-se como elemento fundador da lógica de ocupação e acessibilização; através da sua volumetria surge a criação de um espaço partilhado "entre-forma"; o espaço público identifica-se como resultado da implantação livre dos edifícios no território e caracterizado por um atravessamento informal. No entanto, e do mesmo modo que a "paisagem" se transformou, esse espaço público começou a manifestar um novo conjunto de características: um "traço" mais rígido, uma direcção definida, e um material adequado às necessidades contemporâneas da deslocação automóvel *(fig.100)*. Esta primeira circunstância pode ser observada na implantação de três "lugares" acima representados: Chão de Mendiga, Coz e Alqueidão da Serra *(fig.100-103)*. Aqui, o

161. Relativo ao processo de implantação e usos da via.
162. Via desenhada e construída para o uso automóvel — superfície asfáltica, larga, dimensionada para as faixas de rodagem.



103



104



105





edifício surge, em geral de pequena dimensão, sem qualquer distanciamento à face da rua, sendo o lote integralmente ocupado pela massa construída. A via apresenta-se de pequena dimensão, de largura variável, consoante a que os edifícios lhe permitam, cujo material, dependendo dos casos, varia: ora o asfalto, ora a terra, ora a calçada nos exemplos mais aprimorados, sendo de salientar a prevalência de um "património reconhecido" nos últimos dois exemplos[163] *(fig.102-103.)*. Por fim, observa-se, na maioria dos casos, a existência de "um grande eixo de deslocação" na periferia destas localidades[164] *(fig.092,098)*.

A segunda circunstância refere-se à concretização simultânea de via e edifício, destacando-se pela clara demarcação da rua como "forma arquitectónica"*(fig.104,105)*. Partilha uma forte relação com a primeira circunstância, encontrando-se, em geral, associada a esta. Os edifícios, agora de maior dimensão, em geral de dois pisos, ainda se encontram em proximidade à rua, desprovidos de passeio, muro, ou outra infra-estrutura, fruto de um uso anterior à velocidade automóvel. O lote, em oposição ao primeiro caso, surge, em geral, com uma dimensão superior à massa construída, expandindo-se perpendicularmente à rua, posterior ao edifício. A via apresenta-se com uma dimensão suficiente ao uso automóvel e constante, não havendo variações na sua largura ao longo do trajecto. Os exemplos destacados acima, incluem as localidades de Coz *(fig.104)* e Castanheira *(fig.105)*.

163. Alqueidão da Serra encontra-se parcialmente inserido no Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros; Coz surge em associação ao Mosteiro de Santa Maria de Coz do século XIII.
164. Sendo de salientar, que este novo eixo, começa a surgir como um "despoletar" de uma nova ordem de expansão do local.

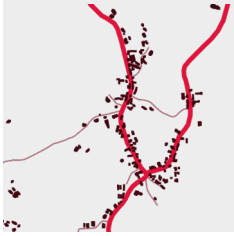


106





107



A terceira e última circunstância surge como novo paradigma da organização do território *(fig.106-110)*. Quando a estrada (e já não a rua) *surge à posteriori, abrem-se possibilidades de novas leituras de espaços que foram construídos sem a sua presença, tendo por isso o poder, sem acrescentar novos usos aos existentes, de transformar vazios não-urbanos em espaços urbanos-ligantes de heterogeneidades.*[165] Além desta transformação da leitura implícita, será na criação desses novos espaços, fomentados pela mobilidade automóvel, que começamos a observar a implantação de um novo tipo de edifícios assente numa forma urbana condicionada por essas deslocações. Em geral, a estrada surge relativamente conformada e desenhada, acompanhando suavemente as mudanças e inclinações do relevo, de largura e material (o asfalto) constantes.

Nas suas margens, nos antigos "vazios-urbanos", agora facilmente acessíveis, começam a implantar-se novos edifícios fundados nessa proximidade garantida pela mobilidade automóvel. Por norma, relativamente dispersos, o homem delimita lotes de grande dimensão nos quais situa a habitação numa posição central distanciada da estrada. A origem dessa distância possui motivos diversos, seja pelo desconforto criado pela estrada, seja motivado por leis e regras urbanísticas, ou outras variantes aqui não perceptíveis ou dedutíveis.

Uma vez situado, o edifício apresenta-se de grande dimensão, face aos casos anteriores, em geral, entre um e dois pisos, e de relação filtrada com a estrada na forma de muros, jardins, elevação, gradeamentos, portões, entre outros. Assim, o lote surge claramente definido por estes elementos construtivos, em oposição às circunstâncias anteriores nas quais era essencialmente caracterizado pela massa arquitectónica.

Exemplos desta nova relação "via-edifício" podem ser retirados de qualquer uma das localidades observadas e visitadas no pretexto deste trabalho, sendo, no entanto, de destacar os casos de Chão Pardo *(fig.106)*, Casais de Matos *(fig.107)*, Porto Carro *(fig.108,109)* e Casal da Nogueira *(fig.110)*; onde esta aparecia mais dominante.

165. PORTAS, *Políticas urbanas*, p.171.



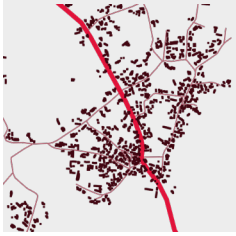
108

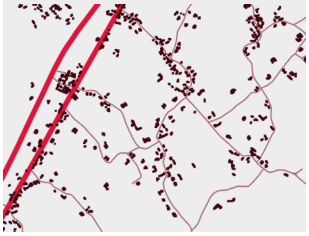


109



110



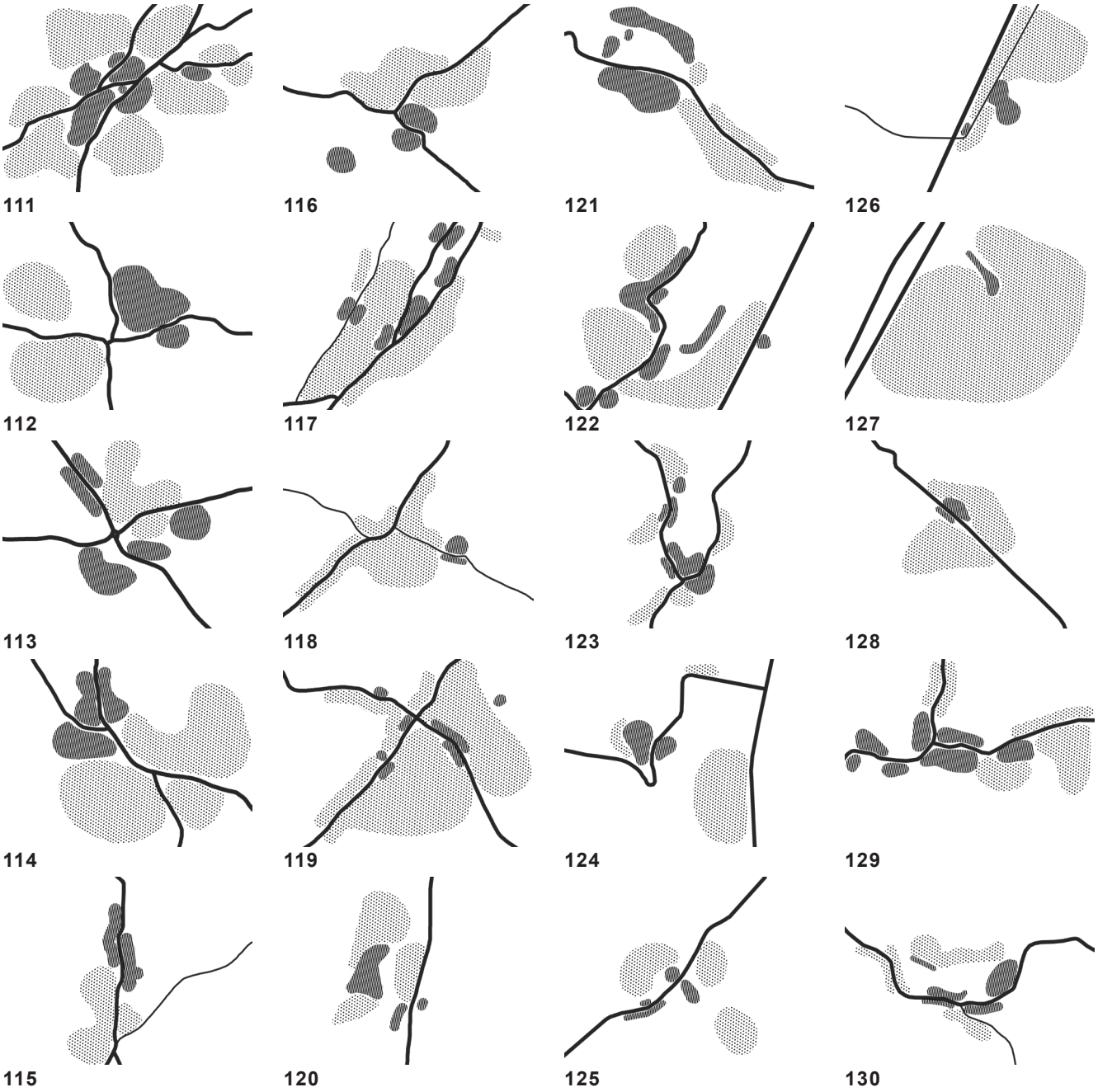


Observa-se uma nova forma “universal” sobre a qual este “homem difuso” interpreta a ligação entre espaço doméstico e território, espaço interior e exterior.

Além destes casos de estudo — nos quais se clarificou e classificou a implantação destes edifícios em relação à via —, tornou-se necessário, uma vez mais, o entender de um contexto geral; no qual essa “visão do homem-condutor”, agora concretizada através dos diferentes momentos apontados, adquiriria uma definição mais conformada.

Como tal e sem abandonar o método gráfico dos esbocetos procedeu-se à delimitação de duas “zonas”; dois espaços que, essencialmente, se caracterizam: ora pelas duas primeiras circunstâncias atrás apontadas (nas quais se valoriza/encontra um crescimento espontâneo e orgânico entre edifício-via); ora pela terceira circunstância (assente na estrada e nesta nova perspectiva do território sob “a força do motor”).

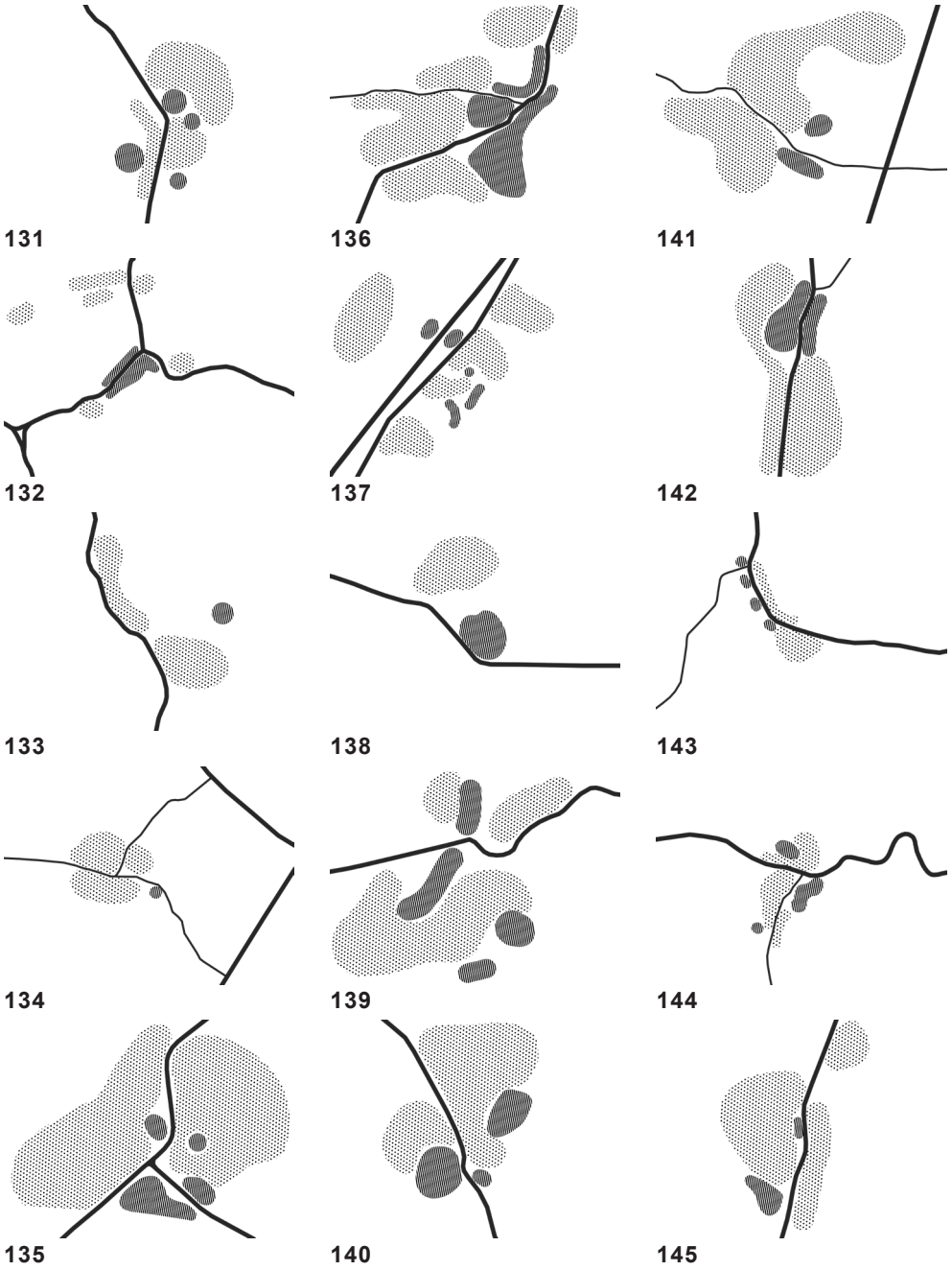
Sendo de notar que a expressão dessas zonas não representa espaços totalmente homogéneos, mas sim, momentos do percurso em que se tornou clara a existência de uma expressão mais dominante do que outra; os esbocetos são complementarmente suportados por uma análise *à posteriori* sobre a cartografia — na qual foram consideradas a distância da via ao edifício, a dimensão e a densidade do lote.



Assim, de forma mais simplificada pode-se observar através dos esbocetos em carta a representação de uma "experiência" de percurso no espaço. Trata-se de uma leitura essencial na qual os diferentes momentos pontuados do percurso se tornaram evidentes; para lá de uma hierarquização de vias, estes esbocetos informam o concentrar e o dispersar do espaço reconhecido em torno destas localidades/"lugares" visitados.

A mancha de linhas paralelas (mais densa) representa as duas primeiras circunstâncias hipotesizadas para a evolução do estudo; espaços de maior densidade, de uma via em directa relação com a forma arquitectónica; de um modo de implantação histórico. Por sua vez, a mancha pontuada, menos densa, representa todos aqueles novos espaços que agora fundamentados na mobilidade, se encontram pontualmente "semeados" por edifícios — pela terceira circunstância.

Sobre estes esboços é possível começar a associar *clusters* de localidades; espaços que partilham entre si leituras semelhantes — momentos de expansão partilhados. Para lá de uma definição do percurso, uma tendência recorrente, na



111. A do Barbas
112. Alcaria
113. Alpedriz
114. Alqueidão da Serra
115. Andainho

116. Andam
117. Arrimal
118. Ataija de Baixo
119. Ataija de Cima
120. Cabeça Veada

121. Casais da Charneca
122. Casais de Cima
123. Casais de Matos
124. Casais do Chão da Mendiga
125. Casais Garridos

126. Casal Boieiro
127. Casal da Nogueira
128. Casal de Alho
129. Casal Montes
130. Castanheira e Alqueidão

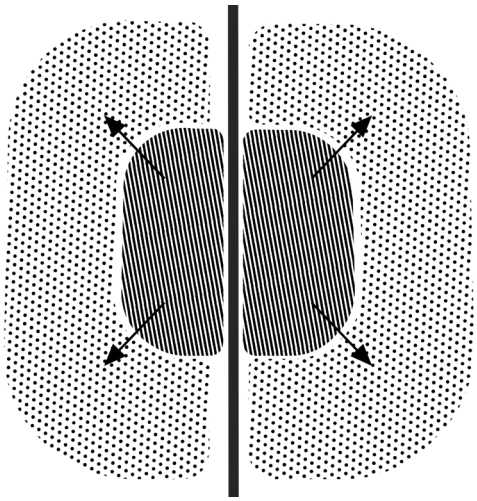
131. Chão Pardo
132. Coz
133. Garruchas
134. Lagoa de Cão
135. Martingança

136. Mendiga
137. Pedreiras
138. Picamilho
139. Pisões e Outeiro de Pisões
140. Porto do Carro

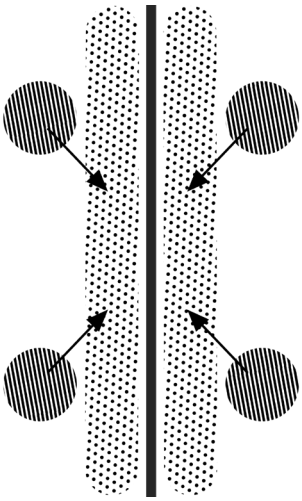
141. Redondas
142. Serro Ventoso
143. Vale de Água
144. Vale de Ventos
145. Vale Verde

maioria dos casos, de uma expansão assente nessa nova leitura do território.

As localidades — aqui, deliberadamente colocadas fora de contexto—, comunicam esse crescimento geral — regional —, anteriormente associado a uma leitura do território enquanto eixo de desenvolvimento — "corredor litoral".



146



147

E esta mutação dá-se em relação não só à forma e estilo das casas, mas também à sua quantidade e densidade: em todas as zonas rurais, a construção prolifera, o número de casas aumenta (sublinhando o crescimento demográfico e o predomínio progressivo da família nuclear restrita), a dispersão acentua-se; muitas vezes, as novas casas agrupam-se num bairro mais recente, à margem da aldeia ou localidade; e todos estes movimentos são mais sensíveis ainda nas áreas que passaram a interessar o forasteiro e o turista, determinando mesmo a venda de terra de cultura em lotes para construção.[166]

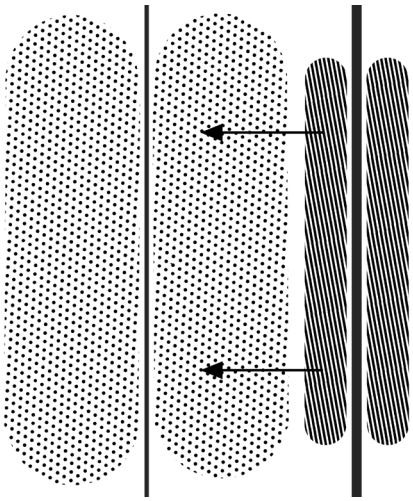
Simplificadamente, é possível observar quatros tipos de expansão distintos dos "lugares" anteriormente ilustrados.

O primeiro *(fig.146)*, geralmente, apresenta-se em localidades já previamente bem definidas, de dimensão consolidada, caracterizadas pelas duas primeiras circunstâncias de relação "via-edifício". Aqui, é identificável a sobreposição do revestimento asfáltico da estrada ao anterior espaço público informal, resultando, na maioria dos casos, no desaparecimento desses espaços públicos em prol da criação de uma estrada, "eixo de desenvolvimento". No Andam *(fig.116)* ainda é possível encontrar os vestígios de "uma praça antiga"[167]*(fig.088)*, com coreto inserida num "nó de deslocamento" totalmente alcatroado, no qual o espaço de "alta velocidade", estacionamento e praça se confundem num só[168]. Além dessa transformação no centro, na periferia da localidade é possível observar um crescimento edificatório suportado na via e nas suas ramificações. Exemplos incluem as urbanizações de Casais de Chão da Mendiga *(fig.124)*, Alqueidão da Serra *(fig.114)*, Castanheira *(fig.130)* e Coz *(fig.132)*, sendo de notar que, perante um conjunto de pressões locais e supra-locais, políticas ou sociais, alguns destes "lugares" começam a demonstrar uma tentativa de reabilitar dos seus centros populacionais mais sustentados. Em

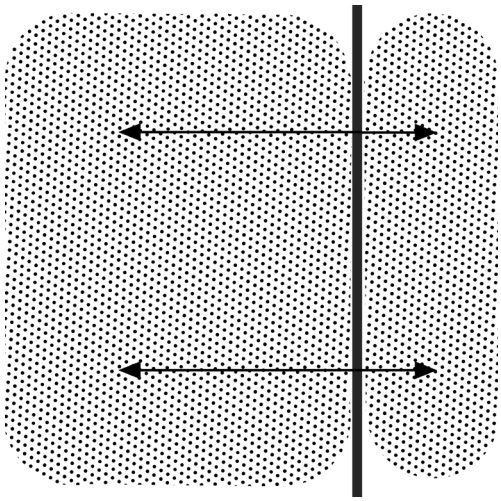
166. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.369.

167. Espaço público central.

168. Em geral, perante a necessidade de utilizar o espaço central, e só quando motivo de "força-maior", encerra-se a estrada. O caso do Andam é relativamente "infeliz", no sentido que, para lá de ser um ponto crucial na conexão de outros "lugares", situa-se numa grande inclinação — entre colina e vale —, não havendo a alternativa de deslocar o eixo para uma zona periférica.



148



149

Alqueidão da Serra criou-se uma alternativa para a deslocação automóvel mais próxima da periferia *(fig.098)*, e no espaço central foi colocada calçada[169] *(fig.102)*.

O segundo tipo *(fig.147)* caracteriza-se, inicialmente, por uma pluralidade de pequenos centros populacionais, que posteriormente são conectados a uma via — por norma, desenvolvida equidistante dos pólos, de modo a servi-los. No entanto, devido às questões anteriormente expostas, o desenvolvimento desprende-se destes pólos iniciais e foca-se nas marginais da nova "via-eixo"; resultando num culminar dos diferentes pólos antigos num crescimento irradiante do eixo. Esses antigos pólos observam-se, portanto, como espaços dispersos *(fig.091,095,182,185)*; que surgem pontualmente detrás da nova malha. Expansão visível nos casos da Martingança *(fig.135)* e de Chão Pardo *(fig.131)*.

O terceiro tipo *(fig.148)* reúne um conjunto de localidades cujas origens de implantação partiam já de uma dispersão associada a um "eixo-via", ainda não necessariamente estrada, a partir da qual se organizavam no território (segunda circunstância "via-forma"*(fig.104-105)*). Em geral, o novo desenvolvimento vai surgir em segundo plano face ao "eixo-via", desenvolvendo-se numa via em paralelo, quebrada por acessos perpendiculares ao eixo principal. Exemplos específicos deste tipo de desenvolvimento podem ser encontrados em Arrimal *(fig.117)*, Casais de Cima *(fig.122)* e Serro Ventoso *(fig.142)*.

Por fim, no quarto tipo *(fig.149)* encontra-se um conjunto de localidades constituídas essencialmente pela terceira circunstância "via-edifício". Em geral, surgem directamente relacionados com um dos três grandes eixos (IC2, IC1, EN36), estando completamente dependentes destas para o acesso dos diferentes equipamentos públicos, espaços comerciais e serviços, constituído essencialmente de novas habitações ; espaços satélite, subúrbios de baixa densidade e grande dispersão não centralizada. Exemplos desta expansão podem ser observados em Cabeça Veada *(fig.120)*, Casal da Nogueira *(fig.127)*, Lagoa de Cão *(fig.134)*, Pisões *(fig.139)* e Outeiro de Pisões *(fig.139)*.

169. A calçada de força dupla, por um lado fisicamente ampara o movimento automóvel, por outro, ao estar associada ao passeio e ao percurso pedestre reforça o papel de prioridade do peão.

A expansão recente (grosso modo, pós-meados dos anos sessenta) ocupa a maior parte da superfície hoje urbanizada e coincide com a progressiva afirmação do automóvel na estruturação do crescimento centrífugo das cidades. Com avanços tímidos e pouco comprometedores no inicio, a "explosão" e a fragmentação do território urbanizado prosseguem a ritmos crescentes e quase sempre com carácter errático e espontâneo[170].

É necessário o reconhecimento de uma "nova visão" do mundo, a de um homem que habita e conduz e que conduz para habitar. É possível, através do trabalho anteriormente apresentado, e assente num panorama geral, a constatação da existência predominante de um território cada vez mais definido pela mobilidade. Observa-se a imposição da estrada sobre as antigas estruturas de coesão e construção do "lugar"; um espaço no qual a habitação recua da via, protegendo-se, fechando-se nela mesma (introspectivamente).

Um território em que surge mais claramente definida a separação entre espaço público e privado, no qual as localidades se fragmentam através de uma maior dispersão habitacional e a especialização em zonas de uso único; no qual ocorre a aproximação a centros urbanos distantes; no qual todas as funções necessárias do dia-a-dia tornam-se dependentes da mobilidade automóvel; desprovido cada vez mais dos laços de coesão social necessários à sustentação de "uma identidade local".

As crianças não brincam na rua, pois esta é estrada; as pessoas não frequentam o largo, pois este é asfalto e um nó de deslocação, espaços sacrificados em prol da mobilidade automóvel. A velocidade, o barulho, o cheiro e a poluição representam um novo perigo ao uso destes espaços; a separação é física e emotiva.

Trata-se de um novo paradigma independente do espaço anterior; cujo desenvolvimento define-se em primazia pela proximidade às grandes vias estruturantes, e políticas de desenvolvimento supra-locais — nacionais, regionais.

170. PORTAS, *Políticas urbanas*, p.77.

III. A NOVA HABITAÇÃO

Esclarecida a implantação, podemos, agora, avançar para a clarificação desses novos edifícios — a sua forma arquitectónica e matérica.

Assumindo que, se por sua vez, o território se encontra profundamente transformado, separando-se dos conceitos puros de paisagem "natural", "primitiva", e "rural" do passado; a habitação, de igual modo e enquadrando-se nesse contexto geral de rápida mudança, encontrará um novo conjunto de variáveis. Por isso, distingue-se dos "cânones" passados, sejam a "casa-portuguesa" de Raul Lino, ou a "casa popular/regional" vernácula do *Inquérito* e de Veiga de Oliveira.

Perante a "paisagem transgénica", torna-se necessário o reconhecimento de um novo tipo de habitação, talvez ela também "transgénica"[171] ou "híbrida"[172]. Para lá da caracterização ou classificação do "tipo", procura-se uma aproximação de análise, de observação desses surgimentos "contaminantes".

Aqui e através do percurso no território, tentar-se-á clarificar um conjunto de características formais e materiais dessa "nova habitação" que, além da sua implantação numa "paisagem transgénica", se assume como "marco-arquitectónico", comunicante do espaço "implícito" e simbólico, ainda assente numa identidade renovada através de um sentido de preservação e objectificação da cultura, "cultura-património" — o "mundo-rural" como imagem/objecto.

Mais que tudo, esta arquitectura existe entre dois mundos distintos, conjugando a leitura do "mundo-rural" objectificado, da "paisagem transgénica" e de todos os factores que destes se ramificam: as influências globalizadoras, a nostalgia local, a generalização material, o reabilitar ornamental, as forças de mercado, as ligações simbólicas, o capitalismo global, a preservação do espaço natural, etc...

171. DOMINGUES, *Paisagens Transgénicas*.
172. LEAL, *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*.



150

primeiro factor: o desaparecimento da "cultura-material-local"

No que se refere à casa rural, essa mutação dá-se em primeiro lugar quanto aos materiais tradicionais locais, que são substituídos por outros de carácter industrial ou semi-industrial, e muitas vezes pré-fabricados;[173]

Presente no território, e em "percurso", tornou-se clara a dificuldade em separar as diferentes expressões materiais, assumindo essa noção de "cultura material local". E de tal modo que, para resolver este encontro, se propôs *à priori* duas hipóteses distintas assentes na leitura pessoal até aqui exposta: ora porque este "local" é hoje demasiado expansivo, de limites "quase-infinitos" e, por isso, impossível de se associar a uma matéria específica[174]; ora porque essa "cultura material" já não é mais fundada na relação de proximidade entre homem e matéria.

Realmente e de certo modo, o mundo explorado pelos arquitectos nos anos cinquenta, e documentado através do *Inquérito*, encontra-se profundamente "enterrado" por um outro conjunto de variáveis — que "distorcem", "abafam" e "sufocam".

A observação dessa "arquitectura popular vernácula" — cuja materialidade, forma e tipologia surgiam directamente associadas com a "paisagem natural", apresenta-se como um "exercício arqueológico", do estudo de "ruínas" e "espaços abandonados", de objectos imóveis no tempo.

173. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, pp.367-369.
174. Cujo "local" a que se refere é demasiado heterogéneo para definir uma matéria única.



151



152



153



155



154



156

exploração: materiais construtivos 01(vernáculas)

Assente nas quatro linhas de paisagem anteriormente definidas (“serra-planície-pinhal-mar”), e sobre as divisões regionais previamente estabelecidas (Orlando Ribeiro, *Inquérito*, Ernesto Veiga de Oliveira), esperava-se encontrar três concretizações materiais distintas: “Serra-pedra”[175], “Planície-taipa/tijolo”, “Pinhal/Mar-madeira”.

Aqui estabelece-se a primeira observação, como exposta, em parte, na página anterior. A arquitectura vernácula — edifícios nos quais se utiliza exclusivamente o “material local” como elemento estrutural, plástico e construtivo —, representa uma parte ínfima da “massa construída” actual, sendo que aquela que se encontra aqui documentada (neste trabalho de campo), se apresenta maioritariamente abandonada e em ruína, circunscrevendo-se a um conjunto limitado de edifícios na sua maioria já em estados avançados de deterioração.

Organizadas da esquerda para a direita, as fotografias acima representam o movimento linear “serra-planície-pinhal-mar”, sendo que, devido ao facto de não ser possível encontrar edifícios em madeira ou semelhante, se encontram somente representadas “arquitecturas locais” referentes aos espaços “Serra” e “Planície”; três das quais habitação.

A primeira fotografia *(fig.153,154)*, tirada em Vale de Ventos no topo da Serra de Aire e Candeeiros apresenta um volume do total de três; uma habitação associada a um espaço de armazenamento e resguardo animal, linearmente colocados, e dos quais se prolongam muros de “pedra solta”. Nos três volumes é possível observar a utilização da pedra (calcária) de diversos tamanhos, de junta seca, com o cunhal reforçado por pedras de maior envergadura e talhadas. No volume central, devido à existência de janelas e de uma porta de grande envergadura, torna-se evidente um trabalho mais preciso e cuidado na preparação das molduras desses elementos; não sendo no entanto claro, a função do elemento em triângulo ou os “espaços-janela” associados à porta (cobertos posteriormente). O edifício apresenta-se com uma fachada arredondada aos dois metros e oitenta de altura e quatro e sessenta

175. *A abundância de pedra nas regiões da serra de Sintra e nos arredores de Porto de Mós fez surgir afinidades que aproximam o aspecto das edificações das duas zonas e se estendem duma forma geral a todo o maciço estremenho.*, in *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.2, p.57.



157



158



159

de largura[176], cerrada por telha Marselha.

Na segunda fotografia *(fig.155,156)*, apresenta-se um "edifício-armazém" situado num espaço intersticial da localidade (espaço abandonado no centro de dois eixos edificados) de Casais de Matos, aqui já associado a um espaço "planície" de solos barrentos. A estereotomia da sua fachada, em oposição à anterior, mostra-se mais heterogénea, constituída essencialmente por "pedrinhas", pequenos tijolos sólidos de barro e telhas partidas, dispostos desordenadamente e colmatados por aglutinante. A fachada relativamente simples apresenta cinco aberturas, uma janela "de rasgo" horizontal e um vão, posteriormente preenchido. Existe aqui, e em semelhança à imagem anterior, uma "qualidade" no controlo da proporção e da disposição dos elementos na fachada *(fig.153)*.

Na terceira *(fig.157,158)*, nos limites da Lagoa de Cão, encontramos um outro conjunto, semelhante ao primeiro caso. Aqui, dois volumes de dimensão reduzida e função associada à agricultura, materializam-se de pedra solta. No entanto, pela sua fachada já mais conformada e regularizada assinala-se o recurso *à posteriori* de um "material betumado"/reboco, o primeiro indício do tijolo vazado (produto industrial), e o uso da telha canudo.

Por fim, na quarta imagem *(fig.159)* é apresentado um edifício em Picamilho, que se caracteriza por uma materialidade mista, sendo que a divisão representa a função distinta entre a fundação e o espaço habitável. Localizado de frente a uma colina, admite-se que o seu estado actual seja resultado da remoção de terras no assentamento da estrada[177]; e por outro lado, em oposição às anteriores, de fachada já com desenho claro, regulado e "padrão", com anexo ("espaço-armazém") inserido no mesmo volume.

176. Sem querer recorrer a categorizações "classicistas", a fachada do edifício apresenta-se com a "proporção de ouro".
177. Exemplo da apropriação dos espaços em prol da mobilidade. Esta habitação para todos os efeitos é inacessível.



160



163



165



161



162



164



166



168



169



171



167



170



172



173



174

exploração: materiais construtivos 02(híbridas)

Uma vez esclarecido esse rarear de uma arquitectura vernácula "pura", aponta-se de seguida a um outro conjunto de edifícios e construções, ainda evocadoras da lógica de uma "matéria-local". Torna-se possível observar uma evolução arquitectónica aberta pela dispersão dos novos avanços tecnológicos.

Uma edificação que de certo modo ainda se relaciona com a vernáculo, mas que não hesita recorrer a novos sistemas e materiais para a continuidade e actualização desses aspectos matriciais da "arquitectura popular". Construções nas quais a abertura do "lugar" e a abertura da definição-relação "vernáculo-natureza" lhes confere uma nova materialidade e plasticidade.

Assim, é possível observar as primeiras formalizações desses "contaminantes"[178]. Trata-se de edifícios essencialmente caracterizados por uma maleabilidade expressiva que lhes é introduzida pelo somatório de materiais antigos e novos — uns, comummente considerados como do "mundo-rural", e outros, generalizados pela construção em série e massiva própria da paisagem citadina e urbana —. Mesmo que timidamente, o tijolo vazado, o betão e o cimento surgem em "lógicas construtivas locais", métodos desenvolvidos para materiais tradicionais *(fig.173-174,175,178-187)*.

Será pois nessa "simpatia" convivente entre materiais *(fig.188)* que se torna evidente o interesse das novas soluções adquiridas; uma demonstração de uma cultura material local, um "saber-fazer", reproduzidos neste novo conjunto de edifícios que se concretizam como "marcos-de-paisagem", por traduzirem entre os novos materiais e os "conhecimentos de sempre".

No conjunto de exemplos acima *(fig.172-177)* pretende-se denotar esse cruzamento de materiais, essa relação permutante, já relativamente dominada pela presença do tijolo vazado ora integro ou em secção, ora como elemento de suporte, ou de decoração, ou até ventilação. Os casos documentados ilustram essa relação de continuação visual, formal, tectónica entre essas duas arquitecturas distintas.

178. *...das "malfeitorias"(...) importações "despersonalizadoras" (...) os primeiros sinais de um "progresso mal assimilado"*, in LEAL, *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*.



175



176



177

Observa-se alguma ingenuidade/elementaridade nesse recurso aos novos materiais, visto que a actualização resultante deixa ainda interver os valores matriciais da "arquitectura vernácula".

Na consideração desta "simpatia formal e material", presente nos casos envolvidos nesta exploração, é constatável que se começa a evidenciar uma homogeneização material, transversal às diferentes localidades, independente das fronteiras naturais, as quais anteriormente condicionavam a expressão da arquitectura a um "sítio". Corrobora-se, de certo modo, uma das primeiras hipóteses lançadas, relativa ao desaparecimento da "cultura material local": a "hipótese de um local expandido"[179]. Um território que ainda informa a presença do homem, e do qual deriva uma "cultura material" fundamentada num novo "local" mais abrangente (global).

Nessa utilização dos novos materiais enquadrados no "saber-fazer" local torna-se, também, claro o papel que o desenho modular começa a instituir nas diversas modalidades da construção. A dimensão do tijolo, mesmo assumindo-o no seu corte, transforma-se num "elemento suave" de definição da forma; de direcção assumida, vertical ou horizontal, o tijolo assume-se como um paralelepípedo, os seus muros e paredes de ângulos rectos, lisas; à sua superfície ondulada e rugosa associa-se o reboco, maioritariamente pintado *(fig.177,186,187,189)*.

Deve, por isso, considerar-se que, excluídos os casos especialmente seleccionados no âmbito do tópico desta exploração (o material), esses edifícios "contaminados", em geral, surgem cobertos, revestidos, regularizados, descaracterizados dos seus materiais originais, indistinguíveis *(fig.192)*.

179. in p.76.



178



181



184



179



182



185



180



183



186



187



190



188



191



193



189



192



194



195

exploração: materiais construtivos 03(industriais)

…. Já não é necessário restringirmos-nos a entender a montanha para nela construirmos. Com betão suficiente, far-se-á um patamar que nivele os Himalaias, de modo a que no seu topo a casa de férias possa ser construída, e um belo de um relvado em frente colocado…

Surgem novos produtos, de carácter industrial, que passam instantaneamente a ser conhecidos, difundidos e utilizados por toda a parte, e que foram concebidos em vista a tornarem-se acessíveis a vastas camadas de população[180].

Neste terceiro e último grupo de edifícios já completamente construídos no recurso aos novos materiais; mostra-se evidente essa "desconexão"[181].

Estes edifícios, construídos na sua maioria na viragem do milénio e posteriormente, podem ser observados numa multiplicidade de novas formas *(fig. 194-213)*, de grande heterogeneidade. Todavia, são realizados essencialmente por um conjunto limitado de materiais: cimento, betão, tijolo vazado, caixilharia de alumínio, de vidro duplo, estores de plástico, reboco, tinta plástica (geralmente de cor branca com acentos pastel) e telha cerâmica "portuguesa"[182]. Nos edifícios mais recentes é ainda possível observar a introdução das novas normas de conforto, pelo que se reforçam paredes com sistemas de"capoto", e se recorre a janelas de vidro triplo *(fig. 196,197)*.

Na "exploração" anterior evidenciou-se o papel que os novos materiais, particularmente o tijolo vazado, protagonizavam na definição das novas "formas". O seu uso exacerbado, quase exclusivo, torna particularmente evidente e transversal a regularidade, medição, dimensão e escalas proporcionadas por esses mesmos materiais. Nas "explorações" anteriores ainda surgiam preocupações sobre os modos de delimitação dos vãos, de organização da estereotomia, do dimensionamento do espaço e da resistência estrutural e tectónica. Nos edifícios agora em causa, o mundo dos "pré-feitos" e dos "pronto-a-ir", faz observar nestas novas construções a substituição do pensamento estrutural e estético praticado anteriormente, pelo decorrente dos "já-feitos": as dimensões pré-estabelecidas das vigas, lajes, janelas, rodapés, portas, armários, balcões, isto é a seriação e pré-fabricação de componentes edificatórios e construtivos.

O edifício surge como um somatório "de coisas", de componentes distintos,

180. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.368.
181. in p.76.
182. Termo publicitário, em geral, utilizado em referência a uma evolução tecnológica da telha canudo.



196



197

assentes em escolhas "operativas"[183] de uma cultura *tecnicista*[184] — os diferentes materiais são reconhecidos por análises cientificas prévias validadoras, da resistência, da qualidade, e à utilidade daqueles. Atitude de exemplo, imagine-se uma janela que se abre de três modos distintos, bloqueia um número específico de decibéis e possui uma boa eficiência e estanquidade.

Estes materiais, impulsionados pela sua acessibilidade, simplicidade, flexibilidade, desempenho e baixo custo, apresentam-se como a estratégia construtiva e edificatória dominante no território estudado; homogeneidade prevalente através de todo o percurso que dificulta o esclarecer de quaisquer divisões/separações locais/regionais. Consequentemente o território denota uma paisagem marcada por edifícios "formalizados" e construídos na aceitação destes novos sistemas.

Anteriormente recorreu-se à malha — estrada, infra-estrutura —, como linha de desenho de mapas/esbocetos, representativos da visão de um "homem-condutor"— "marco-paisagístico". Agora, assente na utilização dos materiais referidos, podemos definir, em simultâneo, uma nova concretização do território — "marco-arquitectónico". Se anteriormente a "casa popular" constituía um dos mais importantes documentos materiais na análise da paisagem, também aqui, estes novos edifícios irão informar a "construção" de um "mundo-implícito" através do qual se provoca a imagem do território; uma imagem, um território, no qual o homem sobrepõem-se à "ordem natural"; os novos materiais sugerem uma banalização ou mesmo abandono de uma relação simbiótica com a paisagem.

183. Em que se considera os níveis de conforto, facilidade e custo.
184. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.368.



198



202



199



201



203



200



204



205



206



209



212



207



211



208



210



213

segundo factor: a desassociação da "forma-função-lugar"

...e em seguida e consequentemente, ela atinge as formas, plantas e proporções das casas, organização, e apetrechamento do seu espaço interior — que tendem a uniformizar-se por toda a parte — e princípios arquitectónicos, determinados e ajustados a novas concepções e ,modos de viver.[185]

A substituição dos métodos de produção da agricultura e a posterior transformação da "paisagem rural", como considerado atrás, deixou a "casa popular", até aí rigorosamente vinculada a essa função principal[186], desprovida dessa fundação essencial.

No território visitado tornava-se aparente, pela lente da máquina-fotográfica, a dificuldade em identificar uma relação "forma-função" que se integrasse nos preceitos de uma união entre habitação e "sítio"; "sítio" agora caracterizado por uma paisagem modificada. Assim, do mesmo modo que anteriormente se sugeriram duas hipóteses relativas ao desaparecimento de uma "cultura-material-local", propõem-se duas conjunturas, no caso relativo à desassociação da "forma-função-lugar" do actual "mundo-rural-não-agrícola": a) a esta nova paisagem associa-se uma nova "função-lugar", hoje mais abstracta, difícil de codificar e por isto sugestiva; b) a nova "forma-função" não se sustenta mais numa relação entre a habitação e o "lugar"[187].

Tornou-se, portanto, necessária uma análise ao levantamento da diversidade de habitações, assumindo a perspectiva de novas relações "forma-função-lugar"[188]. Ou seja, de que modo é possível caracterizar eventuais variações de "estruturas-formais" assentes numa relação com o território actual (global, supra-local, "paisagem transgénica").

185. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.368.
186. FERRÃO, *Relações entre Mundo rural e Mundo urbano*.
187. Ou seja, que as tipologias das habitações não se encontram mais dependentes de uma contextualização local.
188. Em que o "lugar" influencia a função, e esta por sua vez influencia a forma.



214



215



217



216



218



219

exploração: "forma-função-lugar" 01(reabilitações)

Nesta primeira exploração apresentam-se as habitações que, ora por se tratarem de directas renovações/manutenções de edifícios anteriores, ora por serem construídas "à imagem de", se apresentam tangencialmente conectadas a imagens e momentos passados[189]. A sua forma, volumetria e desenho ainda se relacionam com uma imagem da "casa no campo" do século passado, aqui, sucessivamente "reinterpretada" e "adequada" às necessidades e conformidades actuais[190]. Tendo em conta que esta exploração ocorre sobre um conjunto diverso de formas arquitectónicas, tornou-se relevante a definição de dois grupos gerais.

No primeiro grupo as habitações surgem, em geral, de dois pisos, com um rés-do-chão originalmente associado "à produção"[191] e um primeiro piso dedicado à habitação *(fig.215,216)*. Os dois pisos são sobrepostos, em geral, independentes, denotando a dualidade de funções; o acesso à habitação é possível por uma escadaria exterior, justaposta ou normal à fachada, com varanda frente à porta, por vezes alpendrada, não deixando no entanto de ser possível a existência de uma escada interior, ora em simultâneo com a exterior, ora única *(fig.224,226,232-237)*[192]. Esta separação entre pisos e funções é associada aqui, através da nota de rodapé, a um modelo tipológico (casa popular na área rural atlântica, tipo nortenho) previamente categorizado por Ernesto Veiga de Oliveira. Mais do que uma cópia formal desse modelo, aqui pretende-se comprovar somente que esta "formalização" provém de

189. *O adobe e a taipa, que os blocos de cimento vão rapidamente substituindo, emprestam cunho à construção - obrigam ao fortalecimento das paredes e ao emprego de gigantes, ao mesmo tempo que impõem um pé-direito justo. A casa, simples, prende-se ao chão, integra-se na paisagem.*, in *Arquitectura Popular em Portugal*, vol.2, p.64.

190. *...mas, na maioria dos casos, elas não têm qualquer significado de sobrevivência histórico-cultural nem correspondem a um estilo local, aparecendo ao lado dos tipos regionais definidos, com os caracteres aparentes destes últimos, ajustados às suas proporções*, in OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.23

191. Espaço do ofício/comércio/produção/armazenamento/gado/etc.

192. *Estes dois pisos são sobrepostos, (...) em regra independentes, acentuando a característica dualidade de funções respectivas; o acesso ao sector de habitação faz-se geralmente por uma escadaria exterior, de pedra, encostada ou perpendicular à fachada, em casos mais raros de dois lanços, com patamar em frente à porta, por vezes alpendrado, em certos casos mesmo com colunas ou pilares e guardas lavradas; não raro porém existe uma escada interior única ou ao mesmo tempo que a exterior*, in OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.27. Em referência à "casa popular na área rural atlântica", de "tipo nortenho". CASA-BLOCO, TÉRREA E DE ANDAR (habitação vernácula).



220



221

um “espaço rural” através do qual essas formas se desdobravam e fundamentavam na sua divisão/variação tipológica. O edifício apresenta-se, em geral, à face da rua, relativamente simples, de linhas horizontais, superfícies lisas, grande definição geométrica, planta rectangular e cobertura regular de duas ou quatro águas[193]. Assumindo portanto, uma leitura estética associada a um conjunto de habitações históricas, documentadas *(fig.222,230)*, mas também ainda presentes no território actual *(fig.223,231)*[194].

No segundo grupo, introduzem-se um conjunto de habitações — já anteriormente identificadas através da fotografia —, apelidadas então por “casas simples”[195] *(fig.220,221,238-259)*.

Em geral, estas habitações são de piso único; volume simples paralelepípédico, com apuramento geométrico; cobertura em duas águas; implantação tangente à via; fachada simples, porta ao centro ladeada por janelas *(fig.221)*. Nos casos mais antigos *(fig.239,241,244,246,250,255)*, em geral, surge associado um complemento volumétrico, frente delimitadora de um pátio interno, reminiscente da “casa térrea — gandaresa — da zona litoral central”[196] *(fig.238,249)*, profundamente transformada.

Presentemente, esta habitação, apesar da sua simplicidade, encontra-se disseminada por todo o território, superando em número as outras “formas arquitectónicas” observadas. No entanto, é necessário acrescentar que, em geral, isto ocorre devido à sua profunda transformação nas mais diversas combinações da “forma-material”.

193. *...é um edifício de arquitectura singela e lisa, em linhas horizontais, de planta rectangular e telhado regular de quatro águas, composto de rés-do-chão e andar, tendo no térreo as lojas e outras dependências de arrecadação relacionadas com a agricultura, e no andar sobradado a parte de habitação.”* , in OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.86. Em relação às casas de Matosinhos, Maia e Vila do Conde.

194. Evita-se aqui o recorrer ao termo “casa saloia”, devido à sua generalidade, e vaguidão; por um questão de princípio de estudo.

195. Semelhança semântica às “casas elementares” de Veiga de Oliveira. *Com esta expressão é costume designar-se a casa térrea e pequena cujo plano interior se reduz a um simples compartimento quadrangular, quando muito, às vezes, com divisórias de tábua isolando um ou outro recanto, onde decorrem todas as funções domésticas. Estas casas são extremamente numerosas e encontram-se por todo o País*, in OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, p.23.

196. OLIVEIRA, *Arquitectura tradicional portuguesa*, pp.182,190.



222



230



223



231



224



227



232



235



225



228



233



236



226



229



234



237



238



249



239



244



250



255



240



245



251



256



241



246



252



257



242



247



253



258



243



248



254



259

P06



260



261

exploração: "forma-função-lugar" 02(cenográficas)

Nesta exploração reúnem-se todas aquelas habitações que por motivos temáticos se inserem num contexto de reinterpretação da forma arquitectónica. Edifícios cuja definição formal e caracterização estética difere de uma função operativa — "casas-ornamento" resultado do "sentido estético" conferido pelos seus habitantes. Trata-se da expressão de um conjunto de vontades, nem sempre explicitamente claras, sobre as quais se dá origem a um conjunto de elementos decorativos e iconográficos.

Nas quatros imagens acima, proponho uma linha de transformação — esquerda-direita —, através da qual observamos um movimento na evolução de uma linguagem formal, inicialmente ainda conectada de algum modo ao "lugar", distanciando-se mas colmatando uma "imagem rústica" importada.

Apesar de na primeira imagem ainda ser possível observar um volume original da "casa simples" *(fig.260)*, através das suas adições, sejam elas: aqueles "novos objectos" da "paisagem transgénica" (as antenas, caixas de correio, caixas de electricidade, contador da água, porta e portadas de alumínio), ou um conjunto de objectos estéticos (os "candeeiros rústicos", a "telha portuguesa" e as mansardas), a "casa" transformou-se, desassociou-se da sua "forma simples". Além da actualização material, observa-se uma transformação propositada do "modelo", reflexo de uma arquitectura de autoria individual; uma vontade própria de recriar um conjunto de elementos "fantásticos", suportados, em geral, numa noção "recreativa" da casa, "forma-lúdica" *(fig.264-269)*.

Na segunda imagem *(fig.261)*, aqui já mais "situada"[197], é possível observar uma nova construção profundamente estilizada, cuja fachada se encontra revestida por uma superfície de pedras e tijolos miniatura, aos quais um aglutinante garante durabilidade. Denote-se que esta habitação localiza-se no "espaço-natural" "planície" partilhado pelo "edifício-armazém" anteriormente discutido *(fig.155)*, no entanto, e apesar de se entender essa similitude material entres os dois edifícios, observa-se nesta fachada uma inconsistência estrutural da estereotomia através da colocação dos diferentes elementos construtivos; as pedras de dimensões exa-

197. Nesta habitação é mais clara uma tentativa de relação "forma-local".



262



263

geradas, sem suporte claro, juntas muito largas, sem cunhais de reforço, e numa parede de altura exagerada (equivalente a dois pisos). Por sua vez, o tijolo maciço surge a concretizar "arcos" (principalmente o da garagem) de grande dimensão, extremamente achatados, e visivelmente desconectados da estereotomia de pedra. Suportando a hipótese que se tratam somente de dispositivos decorativos, elementos finos colados sobre uma superfície lisa, possivelmente constituída por materiais modernos, posteriormente coberta com aglutinante. Este mesmo método é observado na terceira imagem *(fig.262)*, esta de um edifício deslocado do anterior, numa situação distinta, demonstrando que não se trata de um momento isolado, mas ocorrências transversais a diferentes partes no território *(fig.270-272)*.

Posteriormente, já mais afastados de uma realidade "forma-função-lugar", observa-se na quarta imagem *(fig.263)* uma habitação, agora, já mais claramente moderna (a nível dos seus materiais construtivos e tipologia), mas, e apesar de, em oposição ao primeiro caso não se tratar de uma reabilitação, observa-se uma necessidade estética através da construção e utilização de elementos gráficos e formais na fachada (emolduramentos das janelas, os azulejos e os cunhais "em pedra"), na criação de arcos, e espaços laterais, misturando-se função com "forma-lúdica". Esta habitação representa um ponto de partida para uma nova tipologia de habitações, relativamente estandardizadas, nas quais, apesar de se evidenciar uma natureza material industrial e uma tipologia moderna, encontram-se sobrepostas de diferentes elementos soltos, simbólicos, ilustrativos de falsas materialidades, e funções *(fig.273-275)*.



264



267



265



268



266



269



270



273



271



274



272



275



276



277

exploração: "forma-função-lugar" 03("villa")

Na terceira e final exploração, "forma-função-lugar", regista-se uma nova tipologia de habitação. Um conjunto de edifícios que, em grande semelhança à exploração anterior, se inserem num contexto de reinterpretação da forma arquitectónica em torno de um ideal de "casa de campo", já profundamente distintas das outras arquitecturas documentadas e observadas no terreno. Se anteriormente ainda existiam indícios claros de uma apropriação das formas locais, nestes edifícios observa-se um novo "tipo" relativamente conformado, de leitura formal definida, mas desprovido desta conexão ao "sítio" — neste contexto, o "sítio" é assumido como a "paisagem rural"/"natural". Se na primeira "exploração" se observavam edifícios ainda profundamente conectados a esse ideal, e na segunda ainda tangencialmente conectados, na terceira "exploração" categorizam-se aqueles cujo entendimento requer o conhecimento de um território profundamente alterado, global e expandido. Não se observam aqui "ligações" a um passado ancestral ou a uma forma arquitectónica passada, antes uma idealização profundamente afastada do real — uma "villa"[198] *(fig.276-291)*.

Apesar de se observar um conjunto diverso de formas, é possível codificar esta arquitectura num conjunto de características concretas: um lote de grande dimensão, um edifício sobredimensionado, unifamiliar, de tipologia moderna[199], dois pisos, volumetria paralelepipedal "aglutinante"[200], alpendre ou varanda, acesso principal, escada "principal"[201], jardim relvado, cobertura compósita fragmentada em geral revestida a telha "portuguesa", fachada iconográfica[202], ornamentos "rústicos"[203], esquadrias de alumínio *aos quadradinhos, a fingir que são de madeira e*

198. DOMINGUES, *Vida no campo*, pp.174-175.
199. Sala de estar, hall de entrada, cozinha, quartos, corredor, casas de banho, etc.
200. *A aglutinação define-se como uma relação entre volumetrias na qual se perdem partes dos seus contornos, continuando-se a perceber a existência desses volumes aglutinados na forma geral*, in CONSIGLIERI, *A morfologia da arquitectura 1920-1970*, p.127.
201. Em geral, uma grande escadaria, mas também por vezes representada somente por uns degraus a resolver a diferença de nível.
202. De forte valor gráfico e estético.
203. Os candeeiros, as correntes, os balaústres, as colunas, o uso de coberturas de pedra decorativas, as molduras das janelas em pedra em forma de arcos, volutas etc.



278



279

com vidro duplo[204], e, por fim, construídas inteiramente em materiais industriais[205].

Estas habitações demonstram-se claramente inseridas num "mundo-implícito", de estruturas e regras não facilmente traçáveis a um "real". Hoje, perante a "mobilidade" do quotidiano, seja a física, das "deslocações-pendulares", do "homem-condutor", ou a imaterial, do "sítio" permanentemente conectado "chão-céu", o homem encontra-se num estado de "habitante do mundo", deslocando-se permanentemente entre o "local" e o "supra-local".

A imagem mítica da sua casa é obtida aqui e ali, próximo da sua aldeia, ou lá longe. (...) encontramos nesta procura selectiva o vulgo das pessoas que constroem a sua casa e procuram para seu modelo a imagem idolatrada da casa de outros (...) numa tentativa de aproximação social e cultural dos "senhores" de outras épocas — recorde-se a transposição de elementos carregados de simbolismo das casas senhoriais: o portão ladeado por colunas de pedra, as vedações com setas terminais, as torres, a implantação elevada da casa, cunhais,...[206]

204. ENTREVISTA, DIAS, *A cidade moderna falhou*.
205. Tijolo vazado, estrutura de betão, chão cerâmico, reboco, tinta plástica, etc.
206. CÉSAR, *A casa do Emigrante português: Caracterização arquitectónica e sua contextualização*, p.41.



280



283



281



284



282



285



286



289



287



290



288



291

IV. UM PONTO DE PARTIDA; CONSIDERAÇÕES FINAIS







293



295



298



297


294


296

fragmentação do "espaço rural"

Esses "objectos que só nós temos e os outros não" - desde espécimenes de literatura popular a alfaias agrícolas, de tipos específicos de arquitectura vernácula a manifestações variáveis de arte popular – foram assim constituídos em símbolos sobre os quais repousaria a possibilidade mesma de se falar de identidade nacional portuguesa.[208]

No fim da viagem observa-se uma bifurcação do "espaço rural".

Esse "mundo-rural", anteriormente encontro do "implícito" e "explícito", surge agora no território como objecto museológico — "organizado em museu", exposto, classificado, dissecado até às suas fundações. Uma fragmentação que resulta do desaparecimento das suas características: uma função principal (produção alimentar), uma actividade económica dominante (agricultura), um grupo social de referência (família camponesa) e um tipo de paisagem ("rural"). Uma fragmentação das teias de relação nas quais se fundavam todos aqueles objectos — "marcos-de--paisagem" — que aí existiam e se concretizavam.

O "mundo-rural" como objecto de museu é estanque, imutável, absoluto e inerte. *Tem uma relação peculiar com a história: é estático. Sendo umas coisas e não sendo outras...*[207] Nas suas imagens, colocadas sobre o azulejo e a revista *(fig.005-012,041-045)*, constata-se um momento ínfimo sobre o qual o homem se desdobra na procura de verosimilhança. Anteriormente essas manifestações do "mundo-implícito" eram concretizadas através da construção dos "marcos-arquitectónicos"; hoje, nota-se a sua presença através de elementos ornamentais de pendor ilustrativo.

Nos azulejos que preenchem as ilustrações deste trabalho representa-se duplamente essa vontade e necessidade de conexão a essa construção cultural anterior e, em simultâneo, demonstra-se a rua e a casa como museus — espaços dedicados à observação e catalogação de objectos. Diferente dos "museus vivos" dos "grandes centros urbanos históricos", aqui, no "espaço-percurso", encontra-se um museu linear e contínuo de estrada e asfalto, preenchido por quadros de "natureza -morta"[209], quietos e em profundo silêncio, esmagados pela transformação cada vez mais acelerada de um território em constante actualização. A sobrevivência desse "mundo-rural" prende-se nessas conexões às questões de identidade, da história, da nostalgia e dos contos — todas aquelas que lhe permitissem concretizações de território e paisagem.

...diferente da perspectiva de «musealização» que em muitos casos tem

207. LEAL, *Entre o Vernáculo e o Híbrido: a partir do Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*.
208. LEAL, *Etnografias portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional*, p.18.
209. Pintura que representa objectos inanimados, com excepção de paisagens e cadáveres, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*.



299



301





300



302

303

dominado. Os museus ao ar livre em vigor em alguns países da Europa setentrional ou em certos países asiáticos, em que se vai ao ponto extremo de colocar pessoas vestidas à moda antiga, elas próprias objecto de museu...[210]

A ruína solene (...), a monumentalidade (duplamente monumental pela escala e pela densidade de significados), a sua representação fotografada (...), o duplo enquadramento da foto — (...) que reenquadra a paisagem dentro da paisagem —, a corda como cordão umbilical a ligar às profundezas do cosmos, etc., e outras coisas que eu não tenha visto …, tudo isto remete mais para a representação do que para a realidade. Essa é a questão.[211]

Representam-se imagens de um espaço desejado *(fig.007,294,296,302)*, hoje incompatível com o desenvolvimento humano espoletado pela industrialização e posterior transformação territorial. "Dá-se nome" *(fig.295,297,298,300)* a esses objectos agora perdidos e dispersos sobre a "rede neuronal" de infra-estrutura. O habitante comunica assim os primeiros elementos na definição de uma narrativa arquitectónica fundada nestes pressupostos do reavivar, do reviver, do renovar, relocalizar...

Os aspectos narrativos da arquitectura baseiam-se neste modo de compreender a habitação, porque a narração é como uma melodia emitida por aquele instrumento capaz de soar dos mais diversos modos. Foquemos nessas melodias que os habitantes têm sabido extrair das suas casas, na vida que se depositou no espaço oferecendo um relato biográfico de um período de tempo que pertence ao habitante e, que graças à arquitectura, se materializa no lugar.[212]

Para lá das imagens e ilustrações, o homem constrói essa "nova arquitectura", *canvas* em branco, representação sua, através da qual a objectificação dessa "saudade" *(fig.293,299,301,303)* se concretiza. O sonho torna-se evidente, e em simultâneo delimitado pela forma arquitectónica e matérica.

210. ROSETA, *Prefácio da 4ª edição*, p.VI.

211. DOMINGUES, *Vida no campo*, p.211

212. *Los aspectos narrativos de la arquitectura se fundan en este modo de comprender la habitación, porque la narración es como una melodía emitida por ese instrumento capaz de sonar de muy diversos modos». Vamos a centrarnos en esas melodías que los habitantes han sabido extraer de sus casas, en la vida que se ha depositado en el espacio y que ofrece un relato biográfico de un período de tiempo que pertenece al habitante y que gracias a la arquitectura se materializa en el lugar*, in MOLINA, 2016, *Hambre de arquitectura*, p.20.



304

"marco-arquitectónico-lúdico"

Hoje, no dizer de muitos, as aldeias estão condenadas a ser o recreio das pessoas de cidade e o rural está remetido para uma mitologia que já nada tem a ver com o que de facto se passa no mundo rural convencional...[215]

...as novas villas eram dedicadas ao otium — entendido como fuga à realidade — e aos sonhos campestres da elite (...). A villa é uma representação de um conjunto de mitos relacionados com este imaginário: a atracção pela natureza, a tensão entre natureza e artifício, a distinção, as prerrogativas, os privilégios e os estilos de vida do poder. É este sobre-investimento no simbólico que torna as villas tão vistosas e permeáveis ao engenho criativo: ostentação, paz, calma, repouso e felicidade.(...)é o prazer e a evasão que distingue a villa e não a sua eventual ligação à produção agrícola. São as questões simbólicas e ideológicas, o onírico mais do que o real, que governam estas formas."[213]

Um conjunto de habitações construídas em associação a uma "nova função" do território claramente definida sobre um conjunto de formalismos concretos. O "mundo-rural-património"[214] revela-se como elemento de fundação dessa nova arquitectura, assente na procura de um colmatar do vazio simbólico associado à perda desse "passado autêntico".

Edifícios, nos quais se observa um "exaltar" — além da cópia ou da imitação —, neles, interpreta-se a "ancestralidade-aglutinante" numa perspectiva "popular". Mais que tudo, essas construções demonstram a vontade do homem de reconectar-se a esse espaço agora ausente; um *pastiche* suportado sobre uma nova paisagem, num "mundo-implícito" profundamente interconectado às novas realidades locais. Nessas soluções observa-se essa "nova autenticidade", exposta "a nu", dos "novos objectos" e do ruído do rápido desenvolvimento.

Nas fotografias registam-se pormenores reminiscentes dessa nostalgia — fachadas e objectos "iconográficos", "simbólicos" e "cenográficos"[216] *(fig.304)*. Observa-se a criação de um novo ideal formal assente na concretização de uma nova

213. DOMINGUES, *Vida no campo*, p.174-175.
214. Distinto do "mundo-rural" original, implica a objectificação em elemento museológico.
215. Cit. por DOMINGUES, *Vida no campo,* p.146.
216. LEAL, *Etnografias portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional*, p.118. Em referência à "casa-portuguesa" de Raul Lino.



"casa-portuguesa-com-certeza"[217]. Uma arquitectura que vincadamente assenta sobre duas condições essenciais: a) a existência desse "mundo-rural-património", anteriormente definido, no território — "paisagem transgénica"—, codificado através do surgimento de vontades relativas a um envolvente "material-local" específico; b) e na sua transformação em *franchising*, o "rústico". A casa "rústica" e "lúdica" surge, portanto, como produto desejável e comerciável. Uma casa na qual o homem (sonhador) codifica um número infindável de determinações e etiquetas. *Trata-se de constatar a relação da criatividade com o pensamento e, consecutivamente, com o conhecimento, de modo a que os três conceitos: criatividade, pensamento e conhecimento se interrelacionem oferecendo-se mutuamente os meios necessários para as suas respectivas existências*[218].

O homem constrói a sua "villa", "casa de sonhos", simulacro da "vida no campo" suportada sobre a mobilidade de quatro rodas. Abandonou-se a realidade, a arquitectura é dissecada às bases da sua fundação. *Quando não há solar original, inventa-se um simulacro. Sobre construção em betão de pilar, viga e laje, sobrepõe-se um coroamento em granito com entablamento que vai buscar elementos à estética do Barroco. No final será tudo revestido com pedra, virão alguns Invernos, o crestar do sol e, com líquenes e musgos, a ilusão será perfeita. É assim a realidade*[219].

217. Uma construção cultural/imaterial canónica, fundada sobre uma osmose do habitar popular nessa nova paisagem transgénica.
218. *Se trata de constatar la relación de la creatividad con el pensamiento y, concatenadamente, con el conocimiento, de forma que los tres conceptos: creatividad, pensamiento y conocimiento se interrelacionan prestándose mutuamente los medios necesarios para sus respectivas existencias*, in TRILLO LEYVA, *El proceso de conocimiento: comparación, descripción, metáfora*, p.93.
219. DOMINGUES, *Vida no campo*, p.178.


305


306


307


308

o "escavar"

Pode ser-se seduzido pela decoração ingénua de uma janela, pelo perfil gracioso de um telhado, pelo encanto e frescura que se desprendem de uma casa de aldeia; mas a sua verdadeira originalidade não provém desses caracteres exteriores que evoluem, se deterioram e se perdem[220].

A "arquitectura popular" (vernácula) como descrita anteriormente, permanecia assente sobre a intrínseca relação "forma-função-material", da qual obtinha verosimilhança e validade. No entanto como observado no território e analisado ao longo do percurso, o "sítio" e como tal o "lugar", alteraram-se profundamente, perturbando essa ligação "ancestral" da arquitectura popular. Nas imagens expostas acima observa-se o "escavar": face à sobreposição matérica dos novos materiais, *à posteriori*, o homem recupera os elementos fundacionais da sua arquitectura *(fig.305-314)*. Além das imagens nos azulejos pressente-se explicitamente uma vontade concreta da reutilização da forma matérica original através de uma recusa de encobrimento pelo reboco; a *revolta* é aqui mais aparente.

Se no século anterior, e perante as explorações dos arquitectos do *Inquérito*, se comprovou essa associação essencial entre a "paisagem natural", o "homem" e a "agricultura", hoje torna-se clara a necessidade de entender a separação entre os aspectos físicos e "explícitos" da "paisagem transgénica" e dos elementos simbólicos e "implícitos".

No território observa-se um conjunto de expressões matéricas e formais, "falsas materialidades" suportadas numa "nova função" — construção do "lugar". Um trabalho realizado pelos muitos construtores desse novo "mundo rural não agrícola", que nos informam da necessidade de criar uma "nova perspectiva". Na qual o material ainda se apresenta como eixo essencial à criação da forma do edifício, sendo, no entanto, necessária a distinção entre o material tectónico/estrutural e o "material-ornamento". Nas construções percebem-se hierarquias: a) os materiais industriais tectónicos, que pela sua vulgaridade, desassociação do lugar, serialização, modularização, etc., insinuam-se escondidos, cobertos; b) os materiais de uma "cultura-material-local", situados, cujo uso é potenciado por uma vontade individual

220. Cit. por OLIVEIRA, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, p.14.


309


310


311


312

e simbólica; c) os materiais industriais que copiam, imitam, ou que de algum modo se associam a formas e matérias anteriores *(fig.312)*; caso das telhas "portuguesas", dos revestimentos de parede, dos muros, dos falsos cunhais. O construtor delineia com precisão cirúrgica os limites entre materiais. Através de desejos expressos ele dá forma a uma nova "arquitectura popular", de uma "visão direccionada" do material natural à imitação do natural; daquilo que, sem lhe ameaçar os "modos de vida", lhe confere as novas normas de conforto.

O pensamento romântico sugere uma forma distinta da imitação em que a percepção objectiva das imagens é substituída pela subjectividade dos sentimentos. A arquitectura e em geral todos os objectos artísticos vão desde a imitação de imagens até a expressão de sentimentos ou ideias...[221]

O símbolo, o ócio, o desejo sobrepõem-se à realidade. A apreciação da imagem é maior que o real da casa. Tudo aquilo que anteriormente se englobava na associação ao "mundo rural", hoje substitui-se em prol daquilo que o imita. Mais do que uma aproximação matérica trata-se de uma aproximação simbólica.

Agora, até as casas mais baratas e mais populares têm os tiques das casas das "tias": todas pintadas de branco ou de amarelo, as portadas verdes de alumínio, aos quadradinhos, a fingir que são de madeira e com vidro duplo, com uma proporção completamente canhestra. Por causa destes tiques, as pessoas depois julgam que têm casas portuguesas de bom-gosto. Qualquer empreiteiro faz assim. E qualquer gajo nos dá lições a explicar como se faz…[222]

Construída ao longo do tempo e do habitar, a casa apresenta-se "contaminada" e objecto "perverso". No entanto, será através dessa sua contaminação, proporcionada por um "novo habitar", de um "novo homem", que podemos obter vislumbres de um concretizar de uma "nova forma de viver" e, como tal, de "uma nova casa popular", longe dos ideias apriorísticos de abordagens passadas.

221. *El pensamiento romántico sugiere una forma distinta de imitación en el que se sustituyen la percepción objetiva de imágenes por subjetividad de los sentimientos. La arquitectura y en general todos los objectos artísticos pasan de imitar imágenes a expresar sentimientos o ideas,...*, in TRILLO LEYVA, *El proceso de conocimiento: comparación, descripción, metáfora*, p.114-115.
222. ENTREVISTA, DIAS, *A cidade moderna falhou*.



313



314

Desde sempre tiveste o desejo da casa, a tua casa, envolvendo-te para o ócio e com a missão de uma atmosfera amiga. Mas inicialmente não sabias (porque isso é algo que aprenderás mais tarde, à força de viver entre estranhos) que por de trás do teu desejo, misturado nele, existia outro, o de um refúgio com a amizade das coisas. (...) Apenas quatro paredes, um espaço apertado como a cabine de um navio, mas teu e com os teus...[223]

223. *Desde siempre tuviste el deseo de la casa, tú casa, envolviéndote para el ocio y la tarea de una atmósfera amiga. Mas primero no supiste (porque eso lo aprenderás luego, a fuerza de vivir entre extraños) que tras tu deseo, mezclado con él, estaba otro, el de un refugio con la amistad de las cosas. (…) Sólo cuatro paredes, espacio reducido como la cabina de un barco, pero tuyo y con lo tuyo…" in* CEREZO, *Morar*, p.27.


315


316


317

No presente, mais do que mimetizar formas de outras épocas e vivências importa saber de que modo é que se aponta a um projecto inserido numa nova paisagem, semeada de lugares incompreensíveis e de novas funcionalidades. O objectivo é manter uma coerência a partir dessas lições da nova arte de construir, dos novos meios e dos novos usos.

O ponto é, com efeito, como projectar uma direcção, mas com uma ampla disponibilidade à indeterminação e à escuta dos projectos dos outros. (...), em suma, no próprio território e em quem o habita as energias que podem levar adiante o projecto indeterminado no seu devir: as pessoas certas, os lugares adequados e as situações em que o projecto possa crescer, modificar-se e tornar-se terreno comum[224].

O arquitecto que ainda se restrinja a uma "cultura-material-local" assente nos pressupostos de correlação entre o material, a forma, a função com um "sítio natural" e um "lugar rural", irá por sua vez ignorar que com a modernidade surgiram essas novas formas subalternas de forçar a construção popular; formas essas que, actualmente, não são mais constrangidas por estas realidades físicas, mas por outras "implícitas" *(fig.315-317)*.

Existe tanta legitimidade nos muros de pedra solta em Serra de Aire e Candeeiros, como nas peças soltas de parabólicas e unidades de ar acondicionado.

Ou seja, produz-se uma transformação contínua da forma que evita os diferentes extractos planimétricos, cada um dos quais supera o anterior... não há solução de continuidade; não há uma prática distinta; a matéria adquire valor, não alcança nenhum desígnio dado à priori, aliás, é um valor indubitavelmente superior a qualquer desígnio dado à priori.[226]

A principal lição a retirar do (...) Inquérito (...) é de natureza ética e estética: não aceitar que nenhum poder, político, económico ou cultural, imponha aos arquitectos um estilo obrigatório. [226]

224. CARERI, *Walkscapes*, p.172.
225. ROSETA, *Prefácio da 4ª edição*, p.VI.
226. *... o sea, que se produce una transformación continua de la forma que evita los estratos planimétricos diversos, cada uno de los cuales supera al precedente… no hay solución de continuidad, no existe una praxis separada; la materia adquiere un valor, no alcanza ningún diseño dado a priori, más aún, es un valor que sin lugar a dudas es superior a cualquier diseño dado a priori.*, in TRILLO LEYVA, *El proceso de conocimiento: comparación, descripción, metáfora*, p.119-120.


ZON



319

...eu refugio-me um pouco no modo de fazer, não no conceito, mas no modo de fazer.[227]



320

227. ENTREVISTA, LEAL, *Entrevista a Fernando Távora sobre o "Inquérito à arquitectura popular em Portugal"*, p.269.

índice remissivo

A

ancestralidade *23*, *38*, *48*, *108*
passado autêntico *108*
ancestralidade-aglutinante *23*, *38*, *108*

C

casa-portuguesa *32*, *33*, *34*, *74*, *108*, *109*, *124*
casa-portuguesa-com-certeza *109*
"chão" *32*, *48*, *49*, *56*
chão-céu *49*, *101*
contaminação *53*, *111*
contaminada *38*, *111*
contaminantes *38*, *49*, *74*, *82*
cultura-material-local *76*, *90*, *110*, *113*

E

espaço rural *54*, *93*, *106*
estruturas-artificiais *16*
estruturas-de-referência *16*
estruturas-etéreas *19*
estruturas-formais *18*, *19*, *90*
estruturas-implícitas *19*, *21*
estruturas-informais *18*
explícito *17*, *19*, *21*, *27*, *36*, *106*

F

forma-função-lugar *90*, *92*, *96*, *97*, *100*
forma-lúdica *96*, *97*

H

híbrida *74*
homem-condutor *61*, *67*, *87*, *101*

I

identidade-colectiva-local *23*, *26*
identidade local *23*, *54*, *72*
identidade rural nacional *26*
identidade social rural *55*
implícito *17*, *18*, *19*, *20*, *21*, *26*, *28*, *30*, *36*, *49*, *56*, *61*, *74*, *87*, *101*, *106*, *108*

L

local *19*, *22*, *23*, *26*, *27*, *34*, *36*, *49*, *50*, *51*, *52*, *53*, *54*, *56*, *65*, *72*, *74*, *76*, *78*, *82*, *83*, *90*, *92*, *96*, *101*, *109*
lugar *11*, *12*, *16*, *17*, *20*, *22*, *23*, *26*, *29*, *30*, *31*, *33*, *34*, *36*, *38*, *42*, *44*, *48*, *49*, *50*, *56*, *57*, *72*, *76*, *82*, *90*, *92*, *96*, *97*, *100*, *107*, *110*, *113*

M

malfeitorias *38*, *39*, *82*
marco-arquitectónico *11*, *12*, *21*, *36*, *56*, *74*, *87*, *108*
marco-arquitectónico-lúdico *108*
marcos-arquitectónicos *11*, *20*, *21*, *49*, *51*, *106*

marco-paisagístico *87*
marcos-de-paisagem *52*, *82*, *106*
mito *18*, *22*
mito de origem *22*
mito-fundador *22*
mundo-explícito *17*, *19*, *21*, *27*
mundo-implícito *17*, *18*, *20*, *21*, *28*, *30*, *49*, *61*, *87*, *101*, *106*, *108*
mundo-rural *10*, *11*, *26*, *27*, *28*, *29*, *30*, *32*, *36*, *37*, *39*, *48*, *49*, *54*, *55*, *57*, *74*, *82*, *90*, *106*, *108*, *109*
mundo-rural-não-agrícola *57*, *90*
mundo-rural nostálgico *48*
mundo-rural-património *54*, *108*, *109*
mundo-rural-português *26*, *27*

N

nova autenticidade *11*, *57*, *108*
novos objectos *49*, *51*, *52*, *53*, *96*, *108*

O

objectificação *32*
objecto *10*, *16*, *19*, *27*, *33*, *44*, *45*, *55*, *74*, *106*, *107*, *111*
ornamento *96*, *110*

P

paisagem *6*, *10*, *11*, *12*, *16*, *17*, *18*, *19*, *20*, *21*, *22*, *28*, *34*, *36*, *42*, *44*, *46*, *47*, *48*, *49*, *50*, *51*, *52*, *53*, *54*, *56*, *57*, *58*, *60*, *64*, *74*, *76*, *78*, *82*, *87*, *90*, *92*, *96*, *100*, *106*, *107*, *108*, *109*, *110*, *113*, *123*, *124*
paisagem transgénica *53*, *56*, *58*, *74*, *90*, *96*, *109*, *110*
cultura-património *74*
património ancestral partilhado *38*
património natural *50*
património reconhecido *65*
deslocações-pendulares *101*
pendulares *54*, *101*
popular *10*, *11*, *25*, *26*, *27*, *29*, *30*, *32*, *33*, *34*, *35*, *36*, *38*, *39*, *52*, *53*, *56*, *74*, *76*, *82*, *87*, *90*, *92*, *106*, *108*, *109*, *110*, *111*, *113*, *115*, *122*, *123*, *124*
popular do inquérito *36*, *38*

R

rede neuronal *56*, *107*

S

sítio *11*, *12*, *19*, *26*, *34*, *48*, *49*, *51*, *52*, *53*, *83*, *90*, *100*, *101*, *110*, *113*
supra-local *49*, *54*, *90*, *101*

V

cenográfico *33*
valor-cenográfico *33*
vernacular *31*, *37*, *38*, *39*, *48*, *52*
villa *100*, *108*, *109*

índice de figuras

001 1.MEXICO.OAXACA.psb
002 6.SÃO.PEDRO.DE.MOEL (38).jpg
003 6.SÃO.PEDRO.DE.MOEL (10).jpg
004 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (26).psd
005 1.ANDAM (57).psd
006 4.ALCARIA (112).psd
007 1.SERRO.VENTOSO (117).psd
008 8.SERRO.VENTOSO (4).psd
009 8.SERRO.VENTOSO (2).psd
010 8.SERRO.VENTOSO (3).psd
011 2.CASAL.DA.NOGUEIRA (6).psd
012 2.CASAL.DA.NOGUEIRA (7).psd
013 Comissão Nacional do Ambiente, 1982, CARTA HIPSOMÉTRICA.pdf
014 Comissão Nacional do Ambiente, 1982, CARTA LITOLÓGICA.pdf
015 Comissão Nacional do Ambiente, 1975, PRECIPITAÇÃO.pdf
016 Comissão Nacional do Ambiente, 1975, TEMPERATURA.pdf
017 Comissão Nacional do Ambiente, 1980, CARTA AGRICOLA E FLORESTAL.pdf
018 Comissão Nacional do Ambiente, 1985, REGIÕES NATURAIS.pdf
019 Comissão Nacional do Ambiente, 1981, DENSIDADE DA POPULAÇÃO.pdf
020 Comissão Nacional do Ambiente, 1982, CARTA ADMINISTRATIVA.pdf
021 7.VALE.DE VENTOS (14).psd
022 3.CASAL.BOIEIRO (4).psd
023 Mapa de pontos, adaptado do Google Earth.jpg
024 6.SÃO.PEDRO.DE.MOEL (40).jpg
025 6.SÃO.PEDRO.DE.MOEL (8).jpg
026 8.GARRUCHAS.psd
027 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (27).psd
028 1.SERRO.VENTOSO (112).psd
029 1.SERRO.VENTOSO (33).psd
030 7.2ALQUEIDÃO_castanheira (29).psd
031 4.MENDIGA (67).psd
032 2.CASAL.DE.ALHO (61).jpg
033 8.VALE.FURTADO.psd
034 Mapa de percursos, adaptado do Google Earth.psd
035 2.PORTO.DO.CARRO (4).jpg
036 8.SERRO.VENTOSO (1).psd
037 4.ALPEDRIZ (16).psd
038 2.CHÃO.PARDO (70).jpg
039 3.CASAIS.GARRIDOS (24).psd
040 2.CASAL.DE.ALHO (26).psd
041 MONTEIRO et al., 2022, REFÚGIOS DE PAZ.psd
042 MONTEIRO et al., 2022, Lindoso.psd
043 MONTEIRO et al., 2022, Rio de Onor.psd
044 ISIDORO et al., 2022, São Gregório.psd
045 VISÃO, 2022, Vida de paz na ALDEIA.psd
046 1.GARRUCHAS (11).psd
047 1.SERRO.VENTOSO (80).psd
048 PÚBLICO, 2022, Oportunidades (1).psd
049 PÚBLICO, 2022, Oportunidades (2).psd
050 PÚBLICO, 2022, Oportunidades (4).psd
051 PORTAS et al. 2003, MODELO TERRITORIAL - TENDÊNCIA (PROSPECTIVA) - SÍNTESE GERAL, p.26.psd
052 PORTAS et al. 2003, SISTEMA URBANO E DINÂMICAS TERRITORIAIS, p.54.psd
053 01_A do Barbas.png
054 01_Alcaria.png
055 01_Alpedriz.png
056 01_Alqueidão da Serra.png
057 01_Andainho.png
058 01_ Andam.png
059 01_Arrimal.png
060 01_Ataija de Baixo.png
061 01_Ataija de Cima.png
062 01_Cabeça Veada.png
063 01_Casais da Charneca.png
064 01_Casais de Cima.png
065 01_Casais de Matos.png
066 01_Casais do Chão da Mendiga.png
067 01_Casais Garridos.png
068 01_Casal Boieiro.png
069 01_Casal da Nogueira.png
070 01_Casal de Alho.png
071 01_Casal Monte.png
072 01_Castanheira_Alqueidão.png
073 01_Chão Pardo.png
074 01_Coz.png
075 01_Garruchas.png
076 01_Lagoa de Cão.png
077 01_Martingança.png
078 01_Mendiga.png
079 01_Pedreiras.png

080 01_Picamilho.png
081 01_Pisões_Outeiro de Pisões.png
082 01_Porto do Carro.png
083 01_Redondas.png
084 01_Serro Ventoso.png
085 01_Vale de Água.png
086 01_Vale de Ventos.png
087 01_Vale Verde.png
088 1.ANDAM (10).jpg
089 7.1CASTANHEIRA_alqueidão (26).jpg
090 3.CASAL.BOIEIRO (4).jpg
091 5.MARTINGANÇA (82).jpg
092 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (13).jpg
093 7.1CASTANHEIRA_alqueidão (25).jpg
094 4.CASAIS.DE.CIMA (7).jpg
095 5.CASAL.MONTES (115).jpg
096 6.COZ (98).jpg
097 1.PEDREIRAS (24).jpg
098 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (134)-2.jpg
099 1.SERRO.VENTOSO (73).jpg
100 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (49).jpg
101 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (58).jpg
102 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (43).jpg
103 6.COZ (119).jpg
104 6.COZ (76).jpg
105 7.3CASTANHEIRA_alqueidão (5).jpg
106 2.CHÃO.PARDO (92).jpg
107 1.CASAIS.DOS.MATOS (31).jpg
108 2.PORTO.DO.CARRO (17).jpg
109 2.PORTO.DO.CARRO (32).jpg
110 2.CASAL.DA.NOGUEIRA (24).jpg
111 02_A do Barbas.png
112 02_Alcaria.png
113 02_Alpedriz.png
114 02_ Alqueidão da Serra.png
115 02_Andainho.png
116 02_Andam.png
117 02_Arrimal.png
118 02_Ataija de Baixo.png
119 02_Ataija de Cima.png
120 02_Cabeça Veada.png
121 02_Casais da Charneca.png
122 02_Casais de Cima .png
123 02_Casais de Matos.png
124 02_Casais do Chão da Mendiga.png
125 02_Casais Garridos.png
126 02_Casal Boieiro.png
127 02_Casal da Nogueira.png
128 02_Casal de Alho.png
129 02_Casal Monte.png
130 02_Castanheira_Alqueidão.png
131 02_Chão Pardo.png
132 02_Coz.png
133 02_Garruchas.png
134 02_Lagoa de Cão.png
135 02_Martingança.png
136 02_Mendiga.png
137 02_Pedreiras.png
138 02_Picamilho.png
139 02_Pisões_Outeiro de Pisões.png
140 02_Porto do Carro.png
141 02_Redondas.png
142 02_Serro Ventoso.png
143 02_Vale de Água.png
144 02_Vale de Ventos.png
145 02_Vale Verde.png
146 01_expansão.png
147 02_expansão.png
148 03_expansão.png
149 04_expansão.png
150 5.ATAIJA.DE.CIMA (14).jpg
151 2.CASAL.DE.ALHO (57).jpg
152 5.ATAIJA.DE.CIMA (35).psd
153 7.VALE.DE.VENTOS (13).psd
154 7.VALE.DE.VENTOS (10).jpg
155 1.CASAIS.DOS.MATOS (49).jpg
156 1.CASAIS.DOS.MATOS (46).jpg
157 7.LAGOA.DE.CÃO (17).jpg
158 7.LAGOA.DE.CÃO (20).psd
159 3.PICAMILHO (2).jpg
160 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (132).jpg
161 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (102).jpg
162 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (21).jpg
163 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (149).jpg
164 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (52).jpg
165 1.SERRO.VENTOSO (98).psd
166 1.SERRO.VENTOSO (47).jpg
167 1.VALE.DE.ÁGUA (2).jpg
168 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (16).jpg
169 1.ANDAM (64).jpg
170 2.CASAL.DA.NOGUEIRA (64).jpg
171 9.REDONDAS (74).jpg

172 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (88).psd
173 2.PORTO.DO.CARRO (157).jpg
174 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (93).jpg
175 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (95).jpg
176 7.1CASTANHEIRA_alqueidão (114).jpg
177 5.CASAL.MONTES (46).jpg
178 2.CHÃO.PARDO (12).jpg
179 3.PICAMILHO (64).jpg
180 1.VALE.DE.ÁGUA (56).jpg
181 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (167).jpg
182 2.CHÃO.PARDO (31).jpg
183 2.CHÃO.PARDO (28).jpg
184 5.CASAL.MONTES (94).jpg
185 7.LAGOA.DE.CÃO (8).jpg
186 2.CHÃO.PARDO (39).jpg
187 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (130).jpg
188 7.VALE.DE.VENTOS (23).jpg
189 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (83).jpg
190 3.PICAMILHO (9).jpg
191 3.A.DO.BARBAS (2).jpg
192 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (113).jpg
193 3.PICAMILHO (63).jpg
194 8.CASAIS.DA.CHARNECA (28).jpg
195 6.ATAIJA.DE.BAIXO (8).jpg
196 6.ARRIMAL (10).jpg
197 6.ATAIJA.DE.BAIXO (20).jpg
198 5.CABEÇA.VEADA (45).jpg
199 1.ANDAM (55).jpg
200 9.REDONDAS (62).jpg
201 5.MARTINGANÇA (92).jpg
202 4.MENDIGA (4).jpg
203 2.CASAL.DA.NOGUEIRA (41).jpg
204 5.ATAIJA.DE.CIMA (11).jpg
205 2.PORTO.DO.CARRO (27).jpg
206 3.PICAMILHO (41).jpg
207 6.ARRIMAL (14).jpg
208 5.CASAL.MONTES (119).jpg
209 7.VALE.DE.VENTOS (7).jpg
210 5.PORTO.DE.MÓS (41).jpg
211 9.REDONDAS (88).jpg
212 8.CASAIS.DA.CHARNECA (45).jpg
213 1.ANDAM (67).jpg
214 5.MARTINGANÇA (96).jpg
215 1.CASAIS.DOS.MATOS (119).psd
216 9.REDONDAS (34).jpg
217 1.PEDREIRAS (50).psd
218 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (75).jpg
219 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (63).jpg
220 5.CABEÇA.VEADA (24).psd
221 2.CASAL.DA.NOGUEIRA (13).psd
222 OLIVEIRA, 2003, Vila do Conde,Malta, p.105.jpg
223 4.ALCARIA (63).jpg
224 5.MARTINGANÇA (52).jpg
225 1.ANDAM (4).jpg
226 1.PEDREIRAS (79).jpg
227 2.CASAL.DE.ALHO (65).jpg
228 4.1.PISÕES_outeiro.de.pisões (43).jpg
229 1.CASAIS.DOS.MATOS (128).jpg
230 OLIVEIRA, 2003, Esposende, Barca do Lago, p.100.jpg
231 4.ALCARIA (95).jpg
232 1.PEDREIRAS (19).jpg
233 7.1CASTANHEIRA_alqueidão (22).jpg
234 5.MARTINGANÇA (37).jpg
235 6.ARRIMAL (19).jpg
236 7.2ALQUEIDÃO_castanheira (48).jpg
237 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (46).jpg
238 OLIVEIRA, 2003, Figueira da Foz, p.227.jpg
239 4.CASAIS.DE.CIMA (61).jpg
240 4.2.OUTEIRO.DE.PISÕES_pisões (16).jpg
241 4.1.PISÕES_outeiro.de.pisões (58).jpg
242 4.CASAIS.DE.CIMA (54).jpg
243 5.ATAIJA.DE.CIMA (42).jpg
244 4.MENDIGA (63).jpg
245 1.VALE.DE.ÁGUA (55).jpg
246 1.ANDAM (3).jpg
247 1.SERRO.VENTOSO (71).jpg
248 1.CASAIS.DOS.MATOS (89).jpg
249 OLIVEIRA, 2003, Figueira da Foz, p.227.jpg
250 3.CASAIS.GARRIDOS (51).jpg
251 1.VALE.DE.ÁGUA (54).jpg
252 3.CASAIS.GARRIDOS (68).jpg
253 6.ARRIMAL (46).jpg
254 1.VALE.DE.ÁGUA (71).jpg
255 6.ATAIJA.DE.BAIXO (13).jpg
256 3.CASAL.BOIEIRO (28).jpg
257 1.SERRO.VENTOSO (2).jpg
258 5.CASAL.MONTES (87).jpg
259 4.ALPEDRIZ (45).jpg
260 7.1CASTANHEIRA_alqueidão (55).jpg
261 7.1CASTANHEIRA_alqueidão (41).jpg

262 2.CASAL.DA.NOGUEIRA (82).jpg
263 2.CASAL.DA.NOGUEIRA (20).jpg
264 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (104).jpg
265 2.PORTO.DO.CARRO (92).jpg
266 2.CHÃO.PARDO (45).jpg
267 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (1).jpg
268 3.CASAL.BOIEIRO (1).jpg
269 3.CASAL.BOIEIRO (14).jpg
270 1.VALE.DE.ÁGUA (38).jpg
271 1.SERRO.VENTOSO (74).jpg
272 4.MENDIGA (61).jpg
273 2.CHÃO.PARDO (81).jpg
274 1.PEDREIRAS (25).jpg
275 1.PEDREIRAS (64).jpg
276 4.2.OUTEIRO.DE.PISÕES_pisões (8).jpg
277 1.VALE.DE.ÁGUA (21).jpg
278 5.CABEÇA.VEADA (15).jpg
279 5.PORTO.DE.MÓS (43).jpg
280 4.MENDIGA (23).jpg
281 3.CASAIS.GARRIDOS (33).jpg
282 5.ATAIJA.DE.CIMA (6).jpg
283 1.GARRUCHAS (6).jpg
284 5.ATAIJA.DE.CIMA (12).jpg
285 1.PEDREIRAS (60).jpg
286 5.CABEÇA.VEADA (30).jpg
287 4.ALCARIA (92).jpg
288 8.CASAIS.DA.CHARNECA (31).jpg
289 1.VALE.DE.ÁGUA (46).jpg
290 4.CASAIS.DE.CIMA (67).jpg
291 1.PEDREIRAS (57).jpg
292 1.CASA.psd
293 6.ATAIJA.DE.BAIXO (17).psd
294 2.CASAL.DE.ALHO (2).psd
295 1.PEDREIRAS (31).psd
296 1.PEDREIRAS (79).psd
297 2.PORTO.DO.CARRO (151).psd
298 5.MARTINGANÇA (73).psd
299 4.ALCARIA (74).psd
300 2.CASAL.DE.ALHO (85).psd
301 4.ALPEDRIZ (5).psd
302 3.CASAIS.GARRIDOS (47).psd
303 5.MARTINGANÇA (93).psd
304 7.VALE.DE.VENTOS (2).psd
305 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (142).jpg
306 7.1CASTANHEIRA_alqueidão (48).jpg
307 4.ALCARIA (1).jpg
308 4.1.PISÕES_outeiro.de.pisões (19).jpg
309 2.CASAIS.DO.CHÃO.DA.MENDIGA (69).jpg
310 4.ALCARIA (129).jpg
311 4.ALCARIA (102).jpg
312 1.SERRO.VENTOSO (19).psd
313 4.ALCARIA (40).jpg
314 1.SERRO.VENTOSO (56).psd
315 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (106).jpg
316 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (105).jpg
317 2.ALQUEIDÃO.DA.SERRA (104).jpg
318 4.MENDIGA (5).jpg
319 1.ANDAM (27).jpg
320 4.1.PISÕES_outeiro.de.pisões (59).jpg
321 6.SÃO.PEDRO.DE.MOEL (41).jpg

referências bibliográficas

ALVES, João Emilío - As “aldeias históricas” entendidas como” património rural”: Relação entre o discurso institucional e as dinâmicas locais a propósito de uma experiência no Alentejo. in Actas do V Congresso Português de Sociologia, Braga : Universidade do Minho, 2004. p.59-67.

AMARO, Adélio - Etnografia da Alta Estremadura — Volume 1. Leiria : SIG-Soc. Ind. Gráfica - Camarate, 2019.

Arquitectura popular em Portugal. 4ª ed . Lisboa : Ordem dos Arquitectos, 2004. ISBN 972-97668-7-8

BELO, Duarte; ABREU, João - Viagem maior. Lisboa : Museu da Paisagem, 2020. ISBN 978-989-54497-3-6

CAMÕES, Luís Vaz de, 1524-1580 - Os Lusíadas. Lisboa : Correio da Manhã, 2001. 285 p.. ISBN 84-95861-00-3

CARERI, Francesco - Walkscapes; o caminhar como prática estética. Trad. De Frederico Bonaldo. 1º ed. São Paulo : Editora G. Gili, 2013, ISBN 978-85-65985-16-1

CEREZO, Álvaro Galmés - Morar : arte y experiencia de la condición doméstica. Madrid : Assimétricas, 2014. ISBN 978-84-943487-0-9

Comissão Nacional do Ambiente - Colecção 40 mapas. Lisboa : Instituto Hidrográfico, 1975-1980.

CONSIGLIERI, Victor - A morfologia da arquitectura 1920-1970. Lisboa : Editorial Estampa, 1994. ISBN 972-33-1006-6

CÉSAR, Ana Cristina- A casa do Emigrante português: Caracterização arquitectónica e sua contextualização. Porto : Faculdade de Engenharia, 1996. Tese de Dissertação

DIAS, Manuel Graça – “A cidade moderna falhou”. Expresso [Em linha], (2019), [Consult. 15 de Nov. 2020]. Disponível em WWW:<URL: https://expresso.pt/cultura/2019-03-25-A-cidade-moderna-falhou--Manuel-Graca-Dias--1953-2019--1>. ISSN 0870-1970

DOMINGUES, Álvaro - Paisagens Transgénicas. Lisboa : Museu da Paisagem, 2021. ISBN 978-989-54497-6-7

DOMINGUES, Álvaro António Gomes - Vida no campo. Porto : Dafne Editora, 2012. (Equações de arquitectura). ISBN 978-989-8217-19-6

ESPUELAS, Fernando - Madre materia. Madrid : Lampreave, 2009. (Escritos de arquitectura). ISBN 978-84-615-0422-6

ESPÍRITO-SANTO, Severino - O concelho da Batalha. Rio Maior : Litografia Antunes, 1987.

FERNÁNDEZ, Jesus Granada - Fotografiar es pensar. in FUNDAMENTOS DE ARQUITECTURA, PAISAJE, PATRIMONIO: Bienal de Venecia, Escuela Arquitectura de Málaga, Colección Conferences CSS06. Málaga : Recolectoras Urbanos Editorial, 2016. ISBN 978-84-941684-5-1 p.121-129.

FERRÃO, João - Relações entre Mundo rural e Mundo urbano. in SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS, nº33, 2000, pp.45-54

HABRAKEN, N. J. - The structure of the ordinary : form and control in the built environment. Cambridge, Mass. : The MIT Press, 1998. ISBN 0-262-08260-8

ISIDORO et al. -São Gregório: ELOGIO DA RURALIDADE. VISÃO. Lisboa. ISSN 0872-3540. 1518 (13/4/2022), p.32.
LAMAS, José Manuel Ressano Garcia - Morfologia urbana e desenho da cidade. 3ª ed. Porto : Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. ISBN 972-31-0903-4
LEAL, João - Arquitectos, engenheiros, antropólogos: Estudos sobre a arquitectura popular no século XX português. in Conferência Arquitecto Marques da Silva, 2008. Porto : Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, 2009. p.1-80.
LEAL, João - Entre o vernáculo e o híbrido: a partir do inquérito à arquitectura popular em Portugal. in Revista de Cultura Arquitectónica : JOELHO 02. Coimbra : Editorial do Departamento de Arquitetura, 2011. p.68-83.
LEAL, João - Entrevista a Benjamim Pereira. in Os inquéritos à fotografia e ao território : paisagem e povoamento : landscape and settlement. Guimarães : Centro internacional das artes José de Guimarães, 2016. Catálogo de uma exposição. Bilingue. ISBN 978-989-8474-39-1. p.311-352.
LEAL, João - Entrevista a Fernando Távora sobre o "inquérito à arquitectura popular em portugal". in Os inquéritos à fotografia e ao território : paisagem e povoamento : landscape and settlement. Guimarães : Centro internacional das artes José de Guimarães, 2016. Catálogo de uma exposição. Bilingue. ISBN 978-989-8474-39-1. p.261-290.
LEAL, João - Entrevista a Nuno Teotónio Pereira. in Os inquéritos à fotografia e ao território : paisagem e povoamento : landscape and settlement. Guimarães : Centro internacional das artes José de Guimarães, 2016. Catálogo de uma exposição. Bilingue. ISBN 978-989-8474-39-1. p.293-309.
LEAL, João - Etnografias portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional. Lisboa : Publicações Dom Quixote, Lda., 2000. (Portugal de Perto; 40) ISBN 972-20-1799-3
LYNCH, Kevin - A imagem da cidade. Lisboa : Edições 70, 2008. ISBN 972-44-0379-3
MENDONÇA, Henrique Lopes - A Portuguesa. 1890
MIRANDA, Adriano - O coração de Leiria ardeu: o Pinhal está reduzido a cinzas [Em linha], Jornal Público : 2017 [Acedido a 19 de setembro 2022]. Disponível na Internet: https://www.publico.pt/2017/10/17/fotogaleria/pinhal-de-leiria-378330
MOLINA, Santiago de - Hambre de arquitectura : necessidad y prática de lo cotidiano. Madrid : Assimétricas, 2016. ISBN 978-84-945656-9-4
MONTEIRO et al. -Lindoso: OS ESPIGUEIROS À SOMBRA DO CASTELO. VISÃO. Lisboa. ISSN 0872-3540. 1518 (13/4/2022), p.44.
MONTEIRO et al. -REFÚGIOS DE PAZ. VISÃO. Lisboa. ISSN 0872-3540. 1518 (13/4/2022),Capa.
MONTEIRO et al. -Rio de Onor: NUM OUTRO TEMPO. VISÃO. Lisboa. ISSN 0872-3540. 1518 (13/4/2022), p.42.
MORENO, Joaquim - Tanto Chão. in Os inquéritos à fotografia e ao território : paisagem e povoamento : landscape and settlement. Guimarães : Centro internacional das artes José de Guimarães, 2016. Catálogo de uma exposição. Bilingue. ISBN

978-989-8474-39-1. p.209-225.
OLIVEIRA, Ernesto Veiga de - Arquitectura tradicional portuguesa. 5ª ed. Lisboa : Dom Quixote, 2003. (Portugal de Perto). ISBN 972-20-2397-7
Ordem dos Arquitectos - 50 anos da "Arquitectura Popular em Portugal": OA ganha bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian [Em linha], 2011 [Acedido a 19 de setembro 2022]. Disponível na Internet: https://arquitectos.pt/index.htm?no=2020492816,154 .
Os inquéritos à fotografia e ao território : paisagem e povoamento : landscape and settlement. Guimarães : Centro internacional das artes José de Guimarães, 2016. Catálogo de uma exposição. Bilingue. ISBN 978-989-8474-39-1
PAIS DE BRITO, Joaquim - Muitas coisas e um pássaro. 1ºed. Porto : Sextante Editora, 2017. ISBN 978-989-676-201-8
PORTAS, Nuno - Políticas urbanas : tendências, estratégias e oportunidades. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. ISBN 972-31-1061-X
PÚBLICO, Oportunidades. Jornal Público: imobiliário. Lisboa. ISSN 0872-1548. (Quarta-feira, 16 de Março de 2022), p.5.
RIBEIRO, Orlando, 1911-1997 - Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico / Orlando Ribeiro. - Coimbra : Coimbra Editora, 1945. - 245 p., [3] f. desdob. : il. ; 19 cm. - (Universitas)
RODRIGUES, Amália - Uma casa-portuguesa. 1953.
ROSETA, Helena - Prefácio da 4ª edição. in Arquitectura popular em Portugal. 4ª ed . Lisboa : Ordem dos Arquitectos, 2004. ISBN 972-97668-7-8 p.V-VIII
TRILLO LEYVA, Juan - El processo de conocimiento: comparación, descripción, metáfora. in TRILLO LEYVA, Juan - Razones Poeticas en Arquitectura: Notas sobre la emseñanza de proyectos. Sevilla: DPA, ETSAS, 1993, p. 93-120.
TÁVORA, Fernando - Da organização do espaço. 9ª ed . Porto : FAUP, 2015. ISBN 978-972-9483-22-6
Vida de paz na ALDEIA. VISÃO. Lisboa. ISSN 0872-3540. 1518 (13/4/2022), pp.30-31.
Dicionário da Língua Portuguesa Contemporâneo. Lisboa : Academia das Ciências de Lisboa - EDITORIAL VERBO, 2001.
Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2022, https://dicionario.priberam.org/ [consultado em 26-07-2022].



321

U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Paisagem (d)e periferias. Território (d)e arquitecturas.

João Pedro Leal Guerra

M

2022

U.PORTO

João Guerra. Paisagem (d)e periferias. Território (d)e arquitecturas

M.FAUP **2022**

Paisagem (d)e periferias. Território (d)e arquitecturas.

João Pedro Leal Guerra

FACULDADE DE ARQUITECTURA